

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA DE HISTÓRIA**

PERCILLIA MICHELLY CASTRO BARROSO

**A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA NO TERCEIRO REICH
(1933-1945): E SEU PAPEL NA MODULAÇÃO DE
IDEIAS ENTRE CRIANÇAS E JOVENS**

GOIÂNIA

2021

PERCILLIA MICHELLY CASTRO BARROSO

**A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA NO TERCEIRO REICH
(1933-1945): E SEU PAPEL NA MODULAÇÃO DE
IDEIAS ENTRE CRIANÇAS E JOVENS**

Monografia apresentada à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História, sob orientação da Prof. Dr.^a Maria Cristina Nunes Ferreira Neto.

GOIÂNIA

2021

Castro Barroso, Percillia Michelly

A Educação na Alemanha no Terceiro Reich (1933-1945): E seu papel na modulação de ideias entre crianças e jovens / Percillia Michelly Castro Barroso. – Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades. PUC GO, 2021.

107f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades. PUC GO, 2021.

Orientador(a): Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto
Avaliador(a): Dr. Eduardo José Reinato

1. Educação. 2. Doutrinação. 3. Juventude. 4. Führer. 5. Ideologia. I. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Monografia nº _____ Semestre 2021-2

Autor: Percillia Michelly Castro Barroso

Título: A Educação na Alemanha no Terceiro Reich (1933-1945): e seu papel na modulação de ideias entre crianças e jovens.

TERMO DE APROVAÇÃO

O trabalho foi apresentado durante a **XIV Semana Científica de História**, realizada entre 29 de Novembro e 04 de Dezembro de 2021, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. A candidata foi arguida pelos docentes nomeados abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professora Licenciada em História, considerado:

APROVADA com CONCEITO A.

Goiânia, de 11 de Dezembro de 2021.

Orientador:

Prof^a. Dr^a. **Maria Cristina Nunes Ferreira Neto**

Banca Avaliadora:

Prof. Dr. **Eduardo José Reinato**

PERCILLIA MICHELLY CASTRO BARROSO

**A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA NO TERCEIRO REICH
(1933-1945): E SEU PAPEL NA MODULAÇÃO DE
IDEIAS ENTRE CRIANÇAS E JOVENS**

Monografia apresentada à Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Examinadores:

Dr. Eduardo José Reinato

Orientadora:

Dr^a. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

GOIÂNIA

2021

“Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos, que contribuíram muito na minha caminhada. Sem vocês eu nada seria”.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me possibilitou chegar até o final do curso, que me permitiu ter determinação para continuar e realizar este trabalho.

Aos meus familiares e amigos pessoais, obrigada por todo apoio e ajuda durante esses quatro anos, vocês contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Prosseguindo, agradeço a todo o corpo docente do curso de licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, os ensinamentos passados por vocês professores, durante essa caminhada, com certeza serão lembrados por mim.

De maneira especial, agradeço a minha orientadora a professora Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto, que vem me acompanhado desde a Iniciação Científica e agora na defesa na monografia, obrigada pelas correções, ensinamentos, por toda ajuda, paciência e, principalmente, dedicação que teve comigo ao longo desses dois anos.

Também não poderia deixar de agradecer, ao professor Dr. Eduardo José Reinato por aceitar o convite para ser membro da banca examinadora. Professor, ao longo de três anos, você conseguiu desempenhar tal função com muita dedicação, compromisso ético e, principalmente, amizade, com certeza os seus ensinamentos também serão levados durante a minha caminhada.

A todos, meu muito obrigada!

O objetivo da educação totalitária nunca foi inculcar convicções, mas destruir a capacidade de formar alguma.

– Hannah Arendt

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar e compreender a educação na Alemanha durante o regime nazista (1933-1945), destacando o papel da doutrinação nos movimentos da Juventude Hitlerista (JH). Este trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica de livros, artigos e fontes eletrônicas. Adolf Hitler, com suas teorias ideológicas, embasava ideias no que se refere ao antissemitismo e à superioridade racial alemã, que foram utilizadas para atrair crianças e jovens para os movimentos e principalmente doutrinar ideologicamente a juventude por meio dos programas educacionais nas escolas. Com a análise, permitiu-se a compreensão dos mecanismos nazistas de educação doutrinária como a criação de escolas de elite, as NAPOLAS e as Escolas de Adolf Hitler, a mudança no currículo escolar alemão, nas disciplinas escolares dentre outros. Todos utilizados como meio na doutrinação inconsciente em massa de crianças e jovens alemães que viveram sob a égide do Terceiro Reich.

Palavras-chave: Educação; Doutrinação; Juventude; Führer; Ideologia.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze and understand education in Germany during the Nazi regime (1933-1945), highlighting the role of indoctrination in the Hitler Youth (JH) movements. This work was carried out from a bibliographical review of books, articles, and electronic sources. Adolf Hitler, with his ideological theories, supported ideas regarding anti-Semitism and German racial superiority, which were used to attract children and young people to the movements and mainly to ideologically indoctrinate youth, through educational programs in schools. With the analysis, it was possible to understand around the Nazi mechanisms of doctrinal education such as the creation of elite schools, the NAPOLAS and Adolf Hitler Schools, the change in the German school curriculum, in school subjects, among others. All used as the means of unconscious mass indoctrination of German children and youth who lived under the aegis of the Third Reich.

Keywords: Education; Indoctrination; Youth; Führer; Ideology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Primeiro festival do Partido depois da libertação de Hitler e da ressurreição do NSDAP.....	51
Figura 2 — Excursão pela Baviera, sob a bandeira do <i>Jungvolk</i> ao lado da antiga bandeira de guerra imperial.....	57
Figuras 3 e 4 — Cartazes de propaganda, do ano de 1936 convocando os meninos e meninas de 10 anos a se juntarem a JH; “A juventude serve ao Führer – Todos os meninos de dez anos na Hitler-Jugend”.	59
Figura 5 — Integrantes da Juventude Hitlerista assinam a declaração de que é ariano puro	61
Figura 6 — Futuros soldados do Terceiro Reich acostumam-se às condições espartanas, num acampamento de verão	66
Figura 7 — A BDM, Liga das Moças Alemãs, desfila por ocasião da visita do Líder Nacional da Juventude, Baldur Von Schirach	67
Figura 8 — Membros da unidade especial de aviação, a Flieger-JH, às voltas com um planador.....	69
Figura 9 — Membros da formação especial, a Motor-JH	70
Figura 10 — Futuros almirantes da Marine-JH, recebendo lição de cartografia	70
Figura 11 — A primeira NAPOLA em Lissa.....	80
Figura 12 — Exercício de tiro numa Escola Adolf Hitler	83
Figura 13 — Instrução militar: a desmontagem e manejo de um fuzil fazia parte do currículo.....	84
Figura 14 — As jovens também eram incitadas à prática de esportes e a manterem-se fisicamente aptas, uma equipe de arremesso de dardo da BDM competindo em Berlim.....	87
Figura 15 — Meninos demonstram agilidade e aptidão física na Reunião de Potsdam, à qual compareceram todos os grupos da JH	88
Figura 16 — A “instrução racial” (<i>Rassenkunde</i>) na escola: escolhe-se o semelhante (de “raça nórdico-ariana”) e exclui-se o diverso (o “não ariano”). .	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 – O IDENTITÁRIO IDEOLÓGICO DO NACIONAL SOCIALISMO	17
1.1 – O TRATADO DE VERSALHES: HUMILHAÇÃO E RESENTIMENTOS	17
1.2 – A IDEOLOGIA NAZISTA: SUPERIORIDADE RACIAL ARIANA E O ANTISSEMITISMO	23
1.2.1 – O antissemitismo.....	24
1.2.2 – A categoria raça	28
1.3 – A BIOPOLÍTICA NAZISTA	32
2 – JUVENTUDE HITLERISTA: OS JOVENS SERVEM AO FÜHRER	41
2.1 – A JUVENTUDE ALEMÃ: AS “MARIONETES” DO FÜHRER	41
2.2 – OS MOVIMENTOS JUVENIS	44
2.2.1 – O surgimento da Juventude Hitlerista	47
2.2.2 – A doutrinação da Juventude.....	51
2.2.3 – A seleção e preparação dos jovens Hitleristas e as sessões especializadas.....	60
3 – A EDUCAÇÃO NO TERCEIRO REICH: DOUTRINANDO O INDIVÍDUO NAZI	73
3.1 – EDUCAÇÃO GERAL: O ESTADO A FRENTE DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS DO TERCEIRO REICH	73
3.2 – AS NAPOLAS E AS ESCOLAS ADOLF HITLER.....	79
3.3 – AS MODIFICAÇÕES NO CURRÍCULO ESCOLAR REGULAR ALEMÃO	84
3.3.1 – Educação corporal: Educação Física.....	86
3.3.2 – As disciplinas: História, Geografia, Língua alemã, Física e Matemática	89
3.3.3 – Ciências Naturais: Biologia e Ciências Raciais e Eugenia	92

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	103

INTRODUÇÃO

O Terceiro Reich (1933-1945) foi o período em que a Alemanha se encontrava sob o domínio do Nacional-Socialismo de Adolf Hitler, que se destacava na posição de Führer, líder da Alemanha. Este período ficou marcado pelo alto grau de intolerância, dominação, extermínio de vidas, e pelo envolvimento de crianças e jovens engajados aos ideais nazistas. A Alemanha, durante esses anos, viveu sob um regime totalitário que era respaldado pela ideologia nazista, assim, o Terceiro Reich é definido principalmente no que tange ao extermínio em massa, sobretudo dos judeus, considerados como inimigos número um do regime.

Antes da ascensão de Hitler, a Alemanha estava passando por um momento de muitas dificuldades econômicas e políticas advindas da Primeira Guerra Mundial. Um agravante desta crise econômica vivenciada pela sociedade europeia, em especial a alemã, foi o Tratado de Versalhes de 1919 que não lhes garantiu ajuda. Como afirmou Keynes (1919) na época, não foi incluída nesse tratado nenhuma cláusula que permitisse o soerguimento da economia dos países envolvidos na guerra e, com isso, a Alemanha o continuou se afundando não somente pela crise, mas, também, pela humilhação de ter perdido a Primeira Guerra Mundial. Neste cenário de angústia coletiva surgiu a figura de Adolf Hitler que, proferindo discursos persuasivos, conseguiu dizer à sociedade alemã que ele seria o “salvador da pátria”, que tiraria a Alemanha daquela péssima situação, que seria o líder que guiaria a Alemanha para um futuro melhor.

Em seus discursos Hitler fazia promessas e, com sua ideologia antissemita, incitava na sociedade o ódio aos judeus. O antissemitismo e a supremacia da raça alemã foram os esteios para suas políticas de extermínio. Foram justamente esses mesmos discursos usados para persuadir, principalmente, as crianças e os jovens. Hitler transformou estes discursos em uma poderosa ferramenta para divulgar suas ideias e construir uma representação de sua própria figura e semelhança, tanto que os movimentos juvenis, durante seu regime, recebiam o seu sobrenome. O Führer queria que as crianças e os jovens alemães fossem o rosto do regime nazista. A primeira organização responsável para tal intento foi a Juventude Hitlerista (JH). O Partido

Nazista prometia a estes jovens alemães ao ingressarem na Organização Juventude Hitlerista, um futuro promissor em uma Alemanha gloriosa.

O interesse sobre o estudo e a pesquisa acerca do tema, A Educação na Alemanha no Terceiro Reich (1933-1945) e seu papel na modulação de ideias entre crianças e jovens, iniciou após realizar a pesquisa de Iniciação Científica que foi orientada pela professora Dra. Maria Cristina, pesquisa que desde o início me instigou a aprofundar os estudos abordando mais o projeto de Hitler para educação alemã.

Assim, meu principal objetivo com essa pesquisa foi compreender como a educação durante o Terceiro Reich (1933-1945), conseguiu ser toda reformulada para seguir os parâmetros ideais do regime nazista. Nesse empreendimento, alguns questionamentos foram se colocando e demandando uma necessidade de compreender quais foram os motivos que levaram crianças e jovens a engajarem em um movimento com slogan de doutrinação ideológica? Como Hitler e os demais nazistas conseguiram doutriná-los para transformá-los em “ótimos nazistas”? Na tentativa de responder tais problematizações, procurei compreender o período buscando autores e autoras com pesquisas sólidas sobre a temática estudada.

Nesse estudo monográfico, a JH ganha visibilidade, pois foi utilizada pelos nazistas com o propósito de educar os jovens nos preceitos nazistas de superioridade racial, treinando-os para serem os novos soldados do Terceiro Reich. Após se associarem, os jovens começavam a receber treinamentos diários e ensinamentos teóricos de atividades de guerra, acreditavam os nazistas que, assim, estavam formando os “ótimos soldados nazistas”. Na realidade, a Juventude Hitlerista recebia uma doutrinação constante que determinava a forma de pensar e agir. E, com o doutrinação ideológico imposto, a educação também foi atingida. O Estado passou a definir a educação dos jovens no Terceiro Reich, que se transformou em um meio de doutrinação para influenciar ideologicamente as crianças e os jovens. Nas escolas aprendiam a identificar e a odiar o inimigo, principalmente os judeus, e novas disciplinas foram criadas para ensinar a supremacia da raça ariana.

O estudo procura demonstrar que o Führer, com o domínio e exploração de outros povos europeus, conseguiu transformar uma Alemanha destruída pela

Primeira Guerra Mundial em uma potência mundial, mesmo que tenha tido uma vida curta. Por isso, conseguiu implementar tais mudanças, a exemplo, na educação, e pode contar com a anuência de parte da sociedade alemã, que simpatizava com os seus ideais nazistas.

No desenvolvimento do primeiro capítulo retomamos o contexto histórico da Alemanha no período anterior ao Terceiro Reich (1933-1945), que possibilitou a emergência de um líder autoritário. No que rege a ideologia nazista, destacamos o antissemitismo e a superioridade racial ariana, sublinhando a biopolítica nazista, relacionando com cinco elementos que fazem parte da ideologia nazista. Como fundamentação teórica deste capítulo foram utilizados autores como Hannah Arendt, em seu livro *Origens do Totalitarismo* publicado (1989); Pierre Ansart em *As Humilhações Políticas* (2005); Ângela Almeida em *A República de Weimar e a ascensão do nazismo* publicado em 1999; Alcir Lenharo em seu livro *Nazismo: Triunfo da Vontade* publicado em 1986. Jacques Sémelin em seu livro *Purificar e Destruir usos políticos dos massacres e dos genocídios* publicado em 2009, e o artigo de Salvador Cayuela Sánchez *Biopolítica, Nazismo, Franquismo: Una Aproximación Comparativa* publicado em 2011.

No segundo capítulo é apresentado como Hitler e os nazistas aproveitaram da ideologia nazista para atrair crianças e jovens para os movimentos, em especial aos movimentos da Juventude Alemã, demonstrando como era realizada a doutrinação ideológica. Para isso utilizei de autores como H. W. Koch, em seu livro *A juventude hitlerista: Mocidade traída* (1973), o livro *Juventude Hitlerista: A história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram* de Susan Bartoletti (2006) e o livro de Hans Peter Bleuel *O sexo na Alemanha Nazista* (1972) .

No terceiro e último capítulo estão expostas e analisadas a presença da ideologia nazista nos programas educacionais nas escolas e as opiniões de Hitler sobre a educação apresentadas em sua autobiografia, *Minha luta: Mein Kampf* (2016). Utilizamos autores como Richard Evans, em seu livro *O Terceiro Reich no Poder* (2011) e Eric Michaud, em *Soldados de uma ideia* (1996) para tratar das mudanças significativas na educação como no currículo escolar alemão, nas disciplinas, dentre outros.

1 – O IDENTITÁRIO IDEOLÓGICO DO NACIONAL SOCIALISMO

Neste capítulo discutimos os meios que Hitler utilizou-se para se ascender ao poder na Alemanha em 1933, destacando a ideologia nazista e seus principais preceitos, o antissemitismo e a superioridade racial ariana. Por meio da ideologia nazista o Führer conseguiu transmitir suas ideias, em especial, seu próprio conceito de raça, que lhe permitiu elaborar leis e medidas para a eliminação daqueles considerados inimigos da nação alemã. A biopolítica nazista é discutida para compreender as medidas e leis que foram implementadas durante o Terceiro Reich.

1.1 – O TRATADO DE VERSALHES: HUMILHAÇÃO E RESSENTIMENTOS

De acordo com Severino (1986) considerar que um sistema de governo que tenha qualquer posicionamento político sem considerar a conjectura ideológica por traz de seus conceitos e objetivos é encobrir a veracidade e sucumbir à alienação que só pertence a classe dominante que é responsável pela sua dominação.

Severino (1986) cita Karl Marx¹ ao falar sobre ideologia, segundo Marx, “[...] a ideologia é a forma de representação, no plano da consciência, que serve para mascarar a realidade fundamental, que é de natureza econômica” (SEVERINO,1986, p.8). Marx, cita Friedrich Engels², que expõe que a ideologia se dá, “[...] quando a consciência passa a ilusão de que as ações humanas decorrem de decisões livres e soberanas, não vendo sua vinculação à realidade social” (SEVERINO,1986, p.9), isto é, quando os sujeitos não conseguem vislumbrar que estão sendo manipulados e usados para os interesses da burguesia, a classe dominante, continuam reconhecendo e acreditando, depositando fé em seus pensamentos e atitudes, dentre outros. Severino (1986) diz que a ideologia é usada pela classe dominante, para encobrir as suas concretas pretensões.

Tal como podemos citar a ascensão de Adolf Hitler ao poder no ano de 1933, na Alemanha. Hitler ascende ao poder em uma Alemanha fragilizada, a

¹ Karl Marx (1818- 1883) foi um filósofo e revolucionário socialista alemão. Criou as bases da doutrina comunista, que critica o capitalismo.

² Friedrich Engels (1820-1895) foi um filósofo social e político alemão. Teve papel de destaque no desenvolvimento do marxismo que fundou juntamente com Karl Marx.

República de Weimar³ passava por diversas dificuldades financeiras advindas da Primeira Guerra Mundial, que foram agravadas com a crise de 1929. Hitler e o NSDAP⁴ utilizaram desse cenário político para expandir suas ideias para a construção de uma nova Alemanha.

No entanto, vale salientar que a crise econômica foi vivenciada por toda a sociedade europeia, mas, em especial a alemã, que foi a mais fragorosa devido a derrota na Primeira Guerra Mundial. Um dos motivos que também propiciou Hitler chegar ao poder foi o Tratado de Versalhes de 1919, que “selou as condições impostas pelos vencedores aos alemães” (ALMEIDA, 1999, p.13). Na Conferência de Paz em Paris no ano de 1919, não teve a presença dos países que foram derrotados na guerra, a exemplo a Alemanha, quando os países vencedores produziram um documento que é o Tratado de Versalhes, que culpava a Alemanha pela guerra e cerceava seu desenvolvimento no pós-guerra, e a humilhava. Almeida (1999) descreve o que consistiu esse documento para a Alemanha:

Os aliados exigiam a entrega de poucos territórios coloniais que a Alemanha possuía (Togo, Camerum e Sudeste africano) e de várias fatias do próprio território alemão: a Alsácia-Lorena, parte do Schleswig, uma saída para o mar para a nova Polônia através do chamado “corredor de Dantzig” (hoje Gdansk), que cortava o país em duas partes, e um trecho da Baixa-Silésia, que viria integrar a nova Tcheco-Eslováquia; tudo num total de 1/8 do território alemão de 1/10 de sua população. Exigiam ainda a desmilitarização da margem do rio Reno, na fronteira oeste, a redução do exército a oficiais de carreira em um número não superior a 100 mil homens, a redução drástica do armamento, a quase destruição da marinha, a dissolução do Estado-Maior do exército, o direito de julgar alguns responsáveis pela guerra, a proibição do *Anschluss* – unificação voluntária da Alemanha e da Áustria -, e por fim, a fixação de pesadas somas a serem estabelecidas em dinheiro e matérias-primas, como reparações de guerra (ALMEIDA, 1999, p.13-14).

Keynes (1978), ao analisar as consequências do Tratado de Versalhes de 1919 para a Europa, nos relata que quando se produzia este documento para a Conferência de Paz dos Aliados e das Potenciais Associadas, a Alemanha

³ A República de Weimar foi a república estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial em 1919 e que durou até ao início do regime nazista em 1933.

⁴ Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) abreviado como NSDAP e mais conhecido como Partido Nazista ou Nazi foi um partido político de extrema-direita na Alemanha que esteve ativo entre 1920 e 1945.

enviou à Conferência um Relatório da Comissão Econômica Alemã, que alertava sobre a “influência das condições de paz sobre a situação da população alemã” (KEYNES, 1978, p.55), nesse relatório advertia que:

Não sabemos e, na verdade, duvidamos que os delegados dos Aliados e das Potências Associadas compreendam as inevitáveis consequências para a Alemanha, um Estado industrial, densamente povoado, estreitamente ligado ao sistema econômico mundial, e com necessidade de importar enormes quantidades de matérias-primas e produtos alimentícios, de encontrar-se de repente relegada a uma fase do seu desenvolvimento que correspondia à sua condição econômica e ao número de sua população de meio século atrás. Os que assinam esse Tratado assinarão a sentença de morte de muitos milhões de homens, mulheres e crianças alemãs (KEYNES, 1978, p.56).

Entretanto, o Relatório da Comissão Econômica Alemã não surtiu efeito. A Alemanha não teve como resistir, e após a sua assinatura o Tratado de Versalhes de 1919 acabou não lhes garantindo ajuda. Como Keynes (1978) denunciou, o Tratado não incluía nenhuma cláusula que permitisse o reerguimento da economia dos países envolvidos na guerra, e a Alemanha continuou se afundando não somente pela crise econômica, mas também, pela humilhação de ter sido derrotada na Primeira Guerra Mundial.

Garcia (2007), analisando o Tratado de Versalhes, afirma que este era uma colcha de retalhos, porque determinava delimitações a tudo, para abrir novas fronteiras, havia cláusulas navais, aéreas, os aliados exigiram a entrega de alguns territórios coloniais que a Alemanha possuía como (Camerum, Sudeste africano) e várias partes do território alemão como Alsácia-Lorena, parte do Schleswig chamado de “corredor de Dantzig” hoje Gdansk, de modo que cada país vitorioso fazia exigências que beneficiasse seus próprios interesses. E por conta da demanda de exigências em relação as reparações da guerra, adotaram um tema-chave da política europeia no entreguerras, “A ‘Alemanha pagará’, passaria a ser o lema da França”. (GARCIA, 2007, p.4). Almeida (1999) também expõe que, durante o momento do Tratado de Versalhes, “os aliados encaravam a Alemanha de forma diferenciada. Só a França estava efetivamente interessada em arrasar a Alemanha”. (ALMEIDA, 1999, p.16). Os alemães haviam recebido o documento que, segundo Garcia (2007), “como um pacote fechado, que deveria ser aceito sem discussões. Foi, sob todos os títulos, um *Diktat*; uma paz ditada pelos vencedores, assinada à força pelos vencidos.” (GARCIA, 2007, p.4).

Após a Alemanha perder a Grande Guerra e aceitar todas as exigências impostas pelo Tratado de Versalhes os alemães estavam encarando esses fatos com o sentimento de humilhação. Humilhação que Pierre Ansart (2005) descreve como uma “experiência da impotência”, ou seja, um sofrimento. Em seus estudos sobre a violência no campo político, fala-nos sobre as humilhações sociopolíticas que, segundo ele, “diz respeito ao funcionamento da vida política, às relações de poder, humilhações sofridas por grupos em situação de dependência, por partidos, etnias ou nações, quando de acontecimentos históricos particulares ou de forma durável”. (ANSART, 2005, p.16).

Ansart (2005) analisa a instrumentalização da humilhação coletiva feita por partidos políticos e entende que na Alemanha o nacional-socialismo, após a derrota da Primeira Guerra Mundial, acabou sendo bem recebido pela população enraivecida e envergonhada por ter ficado quatro anos iludida com a pretensa vitória alemã. Lembra que após o período de negociações, a assinatura do Tratado de Paz, acabou favorecendo o ressentimento. Após 1920, a população começou a ter uma visão de que era sim possível a Alemanha ter vencido a Guerra, visto que o governo do Kaiser Guilherme II⁵ foi o responsável pela rendição alemã, que o exército foi golpeado pelas costas pelo próprio governo do Kaiser.

Hitler e os nazistas sempre retomavam esse assunto sobre a rendição alemã e, principalmente, rememoravam a humilhação do exército e da nação alemã. Enquanto esteve preso Hitler escreveu sua autobiografia⁶, na qual dedicou um capítulo inteiro para “demonstrar que o povo alemão foi injustamente atingido pela derrota de 1918, humilhado pelas forças da coligação e por manobras perversas”. (ANSART, 2005, p.21). Assim, arregimentando os ressentimentos da sociedade alemã em seus discursos,

Hitler constrói uma história de recusas dos fracassados face aos aliados e, sobretudo, face às forças interiores que teriam pervertido e desviado o povo alemão de seu verdadeiro destino. Seguindo este raciocínio, é dever de um governo fiel à vocação nacional apagar essa

⁵ Kaiser Guilherme II (1859-1941) foi o último Imperador alemão e Rei da Prússia de 1888 até sua abdicação em 1918 no final da Primeira Guerra Mundial.

⁶ Mein Kampf (Minha Luta) é a autobiografia de Adolf Hitler na qual ele expressou suas ideias antissemitas, anticomunistas, antimarxistas etc. então adotadas pelo NSDAP.

humilhação, dar ao povo os meios de vingar a afronta e reencontrar seu orgulho. A partir deste momento, a lembrança da humilhação, a lembrança da injustiça da qual o povo alemão foi vítima inocente, torna-se o ponto de partida de uma argumentação estruturada sob o modelo do desejo de vingança (ANSART, 2005, p.21-22).

Nesse contexto, a Alemanha passou a sofrer os efeitos da manipulação política implementada por Hitler e os nazistas, que conseguiram influenciar a população. Nessa perspectiva, afirmavam que cabia ao povo alemão vingar essa humilhação política que foram sujeitados, precisava reencontrar sua força para “reconquistar o espaço vital, reagrupar em uma só comunidade os alemães que vivem em países estrangeiros” (ANSART, 2005, p.22). A ideologia nazista, diante da humilhação sofrida, apresentava-se como a panaceia para os males do presente e como garantidora de uma visão de futuro à população.

No interior desta lógica ideológica, toda a oposição deve ser aniquilada. O reconhecimento do sofrimento passado e a lógica da vingança legitimam o estado totalitário e o desencadeamento das guerras de agressão. [...] esta figura lembra como uma certa reconstrução do passado humilhante pode ser o ponto de partida de uma lógica de destruição (ANSART, 2005, p.22).

Quando pensamos no poder de convencimento e dominação pelo discurso, Adolf Hitler também pode ser entendido na liderança carismática, conceito de autoridade do sociólogo alemão Max Weber, que teoriza sobre os tipos de dominação. De acordo com Weber (1999), a autoridade carismática é baseada na “veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática)” (WEBER, 1999, p.141). A autoridade carismática advém do “encanto pessoal ou da força de uma personalidade individual, o que faz com que a população obedeça o líder carismático não por uma tradição ou devido as leis, mas sim por acreditarem no indivíduo” (WEBER, 1999 *apud* MAIOR; BELO; PEDROSA, 2019, p.4). Dessa forma, a dominação acaba não sendo imposta, é algo que acontece de forma natural e espontânea, pois ela é uma vontade exteriorizada do indivíduo perante o dominante, acontece de maneira ‘voluntária’, ela é inquestionável, diferentemente do poder.

Isso ocorre porque as figuras carismáticas se constituem em momentos específicos da história, sendo possível traçar “uma correlação entre como estava a situação socioeconômica do Estado, ou da sociedade civil em questão da

análise, e o simbolismo que essas figuras carregam a partir de períodos críticos, e essenciais para a sobrevivência humana” (BACH, 2011 *apud* MAIOR; BELO; PEDROSA, 2019). Portanto, essas figuras carismáticas conseguem espalhar para a população a crença e a esperança, pois percebem o desespero, a humilhação do momento que foi vivido pela sociedade, se tornam figuras como “messias”, capazes de trazer à sociedade a resolução dos problemas e a salvação.

Hitler, para sua ascensão ao Terceiro Reich⁷, promoveu uma intensa disseminação da ideologia nazista, discursava sustentando-se no pressuposto do orgulho alemão ferido no pós-guerra, incitando na população a crença de que a nação alemã poderia sair daquela situação deplorável, de modo que sua reputação só aumentou.

Hitler baseava seus discursos utilizando-se de mecanismos psicológicos, falando o que o povo queria e precisava ouvir, e se reafirmava quanto às suas ações, fazendo com que as utilizasse como ferramenta para convencer as pessoas de sua capacidade, para convertê-las de que, aquilo era capaz apenas graças à seus feitos, que acreditassem nele por meio dessa fé, que é fundamental para que as pessoas o tenham como “O herói”, “um messias”, que irá resolver todos os problemas dos quais a Alemanha se encontrava no pós guerra como: os altos índices de fome, miséria, hiperinflação, fechamento de fábricas além das inúmeras barreiras que amarravam e limitavam a Alemanha com o Tratado de Versalhes (MAIOR; BELO; PEDROSA; 2019, p.18).

Essas estratégias garantiram a ascensão de Hitler, pois seus discursos despertavam a autoestima e ofereciam esperança à população insatisfeita com as imposições feitas pelo Tratado de Versalhes, que passaram a acreditar que a salvação viria por Hitler, e por apenas ele. Assim, observa-se que durante períodos da história em que um país se encontra em crise, faz com que pessoas ‘surjam’ e mostrem soluções para os problemas enfrentados pela sociedade.

[...] o surgimento de Hitler o beneficiou para a constituição do seu carisma. Hitler surgiu num contexto, pós Primeira Grande Guerra onde o cenário socioeconômico do seu Estado era de reconstrução. Criado por alguns dos países da Europa, a razão pela qual o Tratado foi proposto foi a atribuição de grande parte do desastre da Primeira Grande Guerra à Alemanha, ou seja: A Alemanha foi a culpada pela

⁷ Alemanha Nazista ou Nazi, é também chamada de Terceiro Reich e que em 1943 passa a ser oficialmente chamada de Grande Reich Alemão, são os nomes usados para a Alemanha dentre os anos de (1933-1945) quando estava sob o controle de Adolf Hitler e pelo NSDAP.

ocorrência daquela Guerra. A Alemanha estava sujeita às barreiras estipuladas pelo Tratado de Versalhes ao país o qual estava “controlado” pelo Tratado, limitando-o de avançar em qualquer setor que representasse algum risco de crescimento territorial, econômico, militar e tecnológico (MAIOR; BELO; PEDROSA; 2019, p.19).

Diante do exposto, podemos afirmar que o carisma que Hitler possuía se encaixa perfeitamente ao que Weber (1999) diz sobre o conceito de carisma, pois a sociedade alemã não se via como “súditos de Hitler ou seguidores de suas regras, mas, como revolucionários seguidores de um homem que transformaria o Estado em que viviam em grande, soberano, superior, sendo discípulos fiéis aos ideais e não ao conjunto de regras proposto” (MAIOR; BELO; PEDROSA; 2019, p.18). Weber (1999) afirma que a crença que se tem no indivíduo é “tão pura e é tida como amor”, por conta da idolatria, da admiração, então a sociedade acaba se devotando totalmente ao líder carismático, pois acreditam que esse é o único caminho para reerguer a nação que está arrasada.

Esta crença permite que Hitler surge como o Führer⁸ da ideologia nazista, e o nazismo como movimento que utiliza e detém controle das massas, ou seja, o poder sobre o povo não foge à regra. Por isso se faz necessário examinar as bases teóricas das concepções ideológicas as quais Hitler embasava suas ideias, principalmente no que se refere ao antissemitismo e à superioridade racial alemã, visto que essas teorias exerciam importância na organização e alicerce do partido nazista e no regime que foi implementado na Alemanha a contar de 1933.

1.2 – A IDEOLOGIA NAZISTA: SUPERIORIDADE RACIAL ARIANA E O ANTISSEMITISMO

O regime de governo que foi inaugurado na Alemanha a partir de 1933, com a nomeação de Hitler como chanceler, aconteceu durante um “momento de crise nacional intensa e de grande movimentação contrarrevolucionária” (LENHARO, 1986, p.17-18). Antemão ninguém imaginaria o que essa nomeação reservaria para o futuro do povo alemão e, principalmente, aos “supostos inimigos”, judeus, homossexuais, ciganos, poloneses, eslavos, dentre outros

⁸ Führer (líder, chefe, condutor, guia) palavra associada a Adolf Hitler, pois ele utilizou para se designar líder da Alemanha Nazista.

considerados “povos inferiores”, os quais se tornariam símbolos de “inimigos da pátria alemã”. Os sentimentos que estavam disseminados na nação eram de confiança e otimismo no futuro glorioso que aguardava a Alemanha, futuro que foi prometido pelo Führer, o “salvador da nação alemã”.

Como já exposto anteriormente, Hitler desde o momento de sua aparição, conseguiu captar o que se passava entre a população e teve a perspicácia para compreender os sentimentos que estavam no íntimo do povo alemão, como também conseguiu perceber como deveria ser sua campanha política de modo a atingir as expectativas desses indivíduos e oferecer-lhes o que eles mais desejavam. Hitler começou a suscitar na população o nacionalismo⁹ e o antissemitismo¹⁰, sentimentos que já estavam ali presentes. Ao mesmo tempo, propagava a ideologia do seu partido o NSDAP, assim como sempre fizeram os governantes de todos os tempos, que expõem sua ideologia como superior, sendo ela necessária para a segurança do bem-estar da nação.

1.2.1 – O antissemitismo

Há de se ressaltar que na ideologia nazista, as principais questões pautadas e utilizadas foram a superioridade racial ariana¹¹ e o antissemitismo. Entretanto, é importante dizer que segundo Arendt (2012) todas as premissas que estavam presentes na sua ideologia não foram criadas por Hitler, elas já estavam presentes antes mesmo dele ocupar o cargo de chanceler, então, não há uma originalidade porque não foi sua criação, ele apenas apropriou-se indevidamente dessas ideias de pureza de raça e antissemitismo e adaptou-as para o cenário alemão daquele naquele momento, que estava bastante turbulento. Da mesma forma, não foi o NSDAP ou o próprio Führer que despertou o sentimento antissemita na população, o sentimento sempre esteve lá presente. Como Arendt (2012) afirma, “a história do antissemitismo, como a história do ódio aos judeus, é parte integrante da longa e intrincada história das relações que

⁹ O nacionalismo vem de uma tese ideológica, surgida após a Revolução Francesa. E traz em sentido estrito, um sentimento de valorização marcado pela aproximação e identificação com uma nação.

¹⁰ Antissemitismo é o preconceito, hostilidade ou discriminação contra judeus.

¹¹ Os nazistas associaram o conceito de identidade nacional à raça ariana do povo germânico através do princípio da unidade étnica, com a finalidade de elevar o moral e o orgulho nacional do povo alemão.

prevaleciam entre judeus e gentios desde o início da dispersão judaica” (ARENDDT, 2012, p.18), e como nos lembra Lenharo (1986), antes do nazismo “a manipulação política do antissemitismo era exercida por grupos conservadores que preferiam eleger como inimigo número 1 o socialismo, e não o antissemitismo. O movimento nazista viria a alterar a ordem de prioridades” (LENHARO, 1986, p.82).

Arendt (2012) também afirma que o discurso antissemita já estava presente antes da unificação da Alemanha em 1871, quando ainda era composto por vários Estados-Nação e que, na verdade, o sentimento antissemita cresceu com mais força desde a derrota por Napoleão em 1815.

A ideologia racista na Alemanha só se desenvolveu após a derrota do velho exército prussiano ante Napoleão. Seu surgimento foi obra dos patriotas prussianos e do romantismo político, e não da nobreza e de seus porta-vozes [...] o pensamento racial dos alemães resultou do esforço de unir o povo contra o domínio estrangeiro (ARENDDT, 2012, p.241-242).

Foi a partir desse momento que os judeus ganharam espaço dentro do país, como moradia, emprego, dentre outros, o que acabou contribuindo para aparecimento do sentimento antissemita no século XIX. Mas, Arendt (2012) salienta que ainda não era uma ideologia, pois o antissemitismo como ideologia era uma “área de atuação de malucos e lunáticos” (ARENDDT, 2012, p.19-20).

O Terceiro Reich, enquanto um regime totalitário, esteve fundamentado na ideologia nazista e no controle absoluto do NSDAP e de Hitler como Führer, que possuíam amplos poderes sobre a vida pública e privada, representando o Estado. Os nazistas organizaram as massas a seu favor para que a população desenvolvesse simpatia pelo próprio regime, e intimidaram e calaram as vozes de pessoas contrárias às doutrinas do regime.

Muitos ainda julgam que a ideologia nazista girou em torno do antissemitismo por acaso, e que desse acaso nasceu a política que inflexivelmente visou perseguir e, finalmente exterminar os judeus. O horror do mundo diante do resultado derradeiro, e mais ainda, diante do seu efeito, constituído pelos sobreviventes sem lar e sem raízes, deu à “questão judaica” a proeminência que ela passou a ocupar na vida política diária. O que os nazistas apresentaram como sua principal descoberta – o papel dos judeus na política mundial – e o que propagavam como principal alvo – a perseguição dos judeus no mundo inteiro – foi considerado pela opinião pública mero pretexto,

interessante truque demagógico para conquistar as massas (ARENDR, 2012, p.25).

Utilizando-se do poder de intimidação, os regimes totalitários se apoiavam em uma intensa propaganda ideológica com o objetivo de doutrinar a população e ressaltar os supostos aprimoramentos realizados pelo regime. O terror foi outro fator importante, pois associado ao militarismo, esteve presente nos regimes totalitários para perseguir os opositores. Arendt (2012) apresenta-nos a essência do terror como sendo o alicerce do Sistema Totalitário, uma vez que tanto as esferas pública e privada são destruídas e juntamente com elas as relações humanas.

O terror é a realização da lei do movimento. O seu principal objetivo é tornar possível à força da natureza ou da história propagar-se livremente por toda a humanidade sem o estorvo de qualquer ação humana espontânea. Como tal, o terror procura “estabilizar” os homens a fim de liberar as forças da natureza ou da história. Esse movimento seleciona os inimigos da humanidade contra os quais se desencadeia o terror, e não pode permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira com a eliminação do inimigo objetivo da História ou da Natureza, da classe ou da raça (ARENDR, 2012, p.618).

Perante o exposto, o Regime Nazista pode ser entendido como um exemplo de regime totalitário por ter sido “alicerçado na ideologia e na violência ocasionando a perda da liberdade e da identidade dos indivíduos” (TONIOLO; RIVAROLA, s.d. p.3), sendo que os judeus foram as principais vítimas do regime nazista, e os campos de concentração eram o objeto de terror dos nazistas. Nunca é demais lembrar que os campos de concentração nazistas foram desenvolvidos no ano de 1933, utilizados a princípio para aprisionar e torturar adversários políticos do Reich, porém ficaram conhecidos por aprisionarem e executarem judeus em massa durante a Segunda Guerra Mundial.

Os judeus, por sua vez, tornaram-se as principais vítimas do regime a partir do ano de 1938 quando ocorreu na Alemanha a noite dos cristais¹². A partir deste momento os judeus foram encaminhados a força para os campos de extermínio, onde seriam executados nas câmaras de gás, plano que ficou conhecido como “Solução final”, na qual utilizaram a mão de obra escrava

¹² Noite dos Cristais foi um pogrom contra os judeus pela Alemanha nazista, a participação envolvia desde paramilitares das SA até civis alemães. O nome Noite dos Cristais deve-se aos milhões de pedaços de vidros que foram quebrados nas ruas, desde janelas de lojas a edifícios e sinagogas judaicas.

judaica e, em seguida, quando não tivesse mais serventia, era decretada a sua execução. Foi nesse período que se institucionalizou o massacre na Alemanha, o genocídio que ficaria conhecido na história como o Holocausto¹³. Sobre o massacre, Jacques Sémelin diz que é uma operação do espírito, ou seja, “uma maneira de ver o “outro”, de estigmatizá-lo, de rebaixá-lo e de anulá-lo, antes mesmo de matá-lo, de fato” (SÉMELIN, 2009, p.30). Por isso os nazistas utilizavam da superexploração da mão de obra dos judeus antes de assassiná-los, pois os nazistas queriam perseguir, anular e inferiorizar os judeus enquanto grupo étnico.

Os acontecimentos políticos do século XX atiraram o povo judeu no centro do turbilhão de eventos; a questão judaica e o antissemitismo, fenômeno relativamente sem importância em termos de política mundial, transformaram-se em agente catalisador, inicialmente, da ascensão do movimento nazista e da estrutura organizacional do Terceiro Reich, no qual todo cidadão tinha que provar que não era judeu ou descendente dos judeus (ARENDDT, 2012, p.21).

Sémelin (2009) ressalta que mesmo antes de Hitler ascender ao poder em 1933, já havia caricaturas da “figura perniciosa do Judeu” (SÉMELIN, 2009 p.39), de forma que os discursos apresentando os judeus como uma figura diabólica e assustadora já estavam presentes na naquela sociedade. Sémelin (2009) chama essa prática comunicacional de “canalização de angústia para um inimigo”. Como já exposto, Hitler soube penetrar na mente da população alemã e conquistar-lhe o apoio para sua ideologia, e deste modo propagou um sentimento de medo intenso contra os principais inimigos do Reich, os judeus. De forma que a população passou a denominar os judeus como seus verdadeiros inimigos, e a partir de então, ocorreu uma “transmutação da angústia embrionária em medo concentrado por intermédio de uma ‘figura hostil’, desenvolve-se o ódio contra esse ‘outro’ pernicioso” (SÉMELIN, 2009, p.39). E essa angústia se transforma em ódio, por conta do “desejo de destruir o que lhe foi designado como causa do medo. É evidente que se trata ainda de um ‘desejo’:

¹³ Holocausto foi o genocídio ou assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, é considerado o maior genocídio do século XX, realizado através de um sistema de extermínio étnico patrocinado pelo Estado nazi, liderado por Adolf Hitler e pelo Partido Nazista, ocorrido em todo o Terceiro Reich e, também, em territórios ocupados pelos alemães durante a guerra.

permanecemos no registro do imaginário. Mas é um imaginário de morte” (SÉMELIN, 2009, p.39).

Arendt (2012) descreve que o antissemitismo moderno podia, na época, ser percebido como um nacionalismo exacerbado, em que a xenofobia¹⁴ predominou, levando o nacionalismo tradicional à decadência. Dessa forma, o cenário que se tinha na Europa facilitou para que essas ideias e o discurso nacionalista xenofóbico se espalhassem de forma rápida pela Alemanha, possibilitando os “problemas raciais ocuparem o centro do cenário político, os judeus foram ajustados como alvo pelas ideologias e doutrinas que definiam grupos humanos por laços de sangue e por características genéticas familiares (ARENDR, 2012, p.57).

1.2.2 – A categoria raça

É importante ressaltar que o avanço do discurso nacionalista xenofóbico na Alemanha se deu por conta de já existir uma crença na sociedade de que os judeus tinham o vínculo de sangue e família diferentes de outros povos. Assim, os judeus foram apontados como um alvo pela ideologia nazista, visto que para Hitler, raça estava estreitamente ligada ao sangue, tanto que argumentava que havia a possibilidade de um indivíduo aprender outro idioma diferente daquele de sua nacionalidade, entretanto, o sangue, esse sim não podia ser mudado. Mas, vale reforçar novamente que Hitler não criou a ideologia de raça, ela já existia, porém, ela nunca havia sido usada de forma tão inescrupulosamente como fez o Terceiro Reich.

Já foi exposto anteriormente que Hitler para conseguir adeptos a sua política, primeiramente, utilizou-se dos anseios e angústias da sociedade alemã do pós Primeira Guerra Mundial para transmitir suas ideias, em especial, seu conceito de raça, presente na ideologia nazista. E quando ascende ao poder em 1933, consegue legitimar sua política totalitária.

¹⁴ Xenofobia é a aversão ou até mesmo medo, é também a profunda antipatia em relação aos estrangeiros é a desconfiança em relação as pessoas que vem de fora do seu país com uma cultura, hábito, raça ou religião diferente da sua.

Segundo Toniolo e Rivarola (s.d.), o imperialismo nacionalista também foi um fator importante, pois acabou perturbando a distinção entre o imperialismo e nacionalismo, o que conseqüentemente fez surgir o nacionalismo exacerbado, o racismo, “presente nos campos de concentração no período do Holocausto, onde multidões foram dizimadas” (TONIOLO, RIVAROLA, s.d.). O antissemitismo estava atrelado ao imperialismo, pois foi o “imperialismo que impulsionou a perseguição pelos judeus e pelos ‘impuros’, que não pertenciam a raça ‘ariana’”. (TONIOLO, RIVAROLA, s.d.).

Sobre esse aspecto Arendt (2012) diz que, “[...] não importa o que digam os cientistas, a raça é, do ponto de vista político, não o começo da humanidade, mas o seu fim, não a origem dos povos o seu declínio, não o nascimento natural do homem, mas a sua morte antinatural” (ARENDR, 2012, p.187). De forma que podemos compreender que o racismo é fruto do imperialismo, que se constituiu como uma ideologia não apenas alemã, mas advinda também de outras potências ocidentais e “estando profundamente influenciado pela política” (TONIOLO, RIVAROLA, s.d.). Assim, a ideologia racista na Alemanha nasceu com finalidade de unir a população contra a dominação estrangeira, visando a unificação alemã, no entanto, a “nobreza não teve participação na ideologia de raça que ocorreu na Alemanha e, que se tornou um instrumento para os nacionalistas” (TONIOLO, RIVAROLA, s.d.).

Arendt (2012) salienta que os alemães acabaram criando uma “definição orgânica e naturalista da origem dos povos sendo uma das principais características das ideologias historicistas alemães” (ARENDR, 2012, p.196). A ideologia racista alemã era uma forma de proteger a totalidade interna dos Estados alemães, “[...] em razão de haver a crença da superioridade do povo alemão, depara-se com um aniquilamento do ser humano, visto que as pessoas eram valoradas pela raça, considerando-se a raça ariana superior às demais” (TONIOLO, RIVAROLA, s.d. *apud* ARENDR, 2012).

No aparelho ideológico nacional-socialista, segundo Hubert Hannoun (1997), os nazistas, para justificar as suas ações, recorreram e utilizaram o naturalismo racista que, para o autor, no plano ideológico, era uma natureza que revelava dois grupos, o grupo de indivíduos superiores e o grupo de indivíduos inferiores, e a seleção a qual cada grupo pertencia era feita a partir do sangue. Hannoun (1997) também expõe que o naturalismo nazi era o *völkisch* racista, ou

seja, para a ideologia nazista o *völkisch* era “a essência de cada um é do seu grupo, a do seu povo (*Volk*) entendido nas características históricas e geográficas inseparáveis das suas características biológicas, do seu sangue” (HANNOUN, 1997, p.20).

Portanto, a explicação do *völkisch* seria o sangue do (*volk*), ou seja, da raça a que se pertencia. O naturalismo nazi se aplicava na orientação sócio-biológica por se basear no nacionalismo e no biologismo. Nessa perspectiva, o nacionalismo seria a cultura germânica, uma “realidade histórica, geográfica e sociológica dos povos germânicos em geral do povo alemão” (HANNOUN, 1997, p.21), e o biologismo seria o sangue germânico, “[...] o nazismo faz da biologização dos fenômenos humanos o cerne da sua explicação. Sejam eles de conteúdo sociológico, político, econômico ou cultural, reduzem-se todos ao substrato biológico” (HANNOUN, 1997, p.21).

E para que a ideologia racista ganhasse mais força seus criadores apropriaram-se de teorias científicas que contribuíssem para subsidiar e explicar a pureza da raça. Assim, Hitler utilizou do Darwinismo Social¹⁵ para propagar suas ideias, alicerçando-as no fator hereditário e na ideologia do progresso, para comprovar que uma raça ou classe poderia ser considerada como superior às outras.

[...] o darwinismo oferecia dois conceitos importantes: a luta pela existência, como a otimista afirmação necessária e automática “sobrevivência dos mais altos” e as infinitas possibilidades que parecia haver na evolução do homem a partir da vida animal, e que deram origem à nova “ciência” eugenia. (ARENDETT, 2012, p.259-260).

Hitler utilizava a teoria do Darwinismo Social como base teórica para embasar a ideia de raça e explicar a pureza da raça ariana. Sendo que a única distinção que havia entre os seres humanos, segundo a perspectiva nazi, “a que opõe o alemão (ariano) ao não alemão, a raça superior da raça inferior”

¹⁵ O Darwinismo Social prega uma ideia de hierarquia entre as sociedades. Desse modo, seria possível falar que determinada sociedade é superior a outra. Essa hierarquização estaria associada a uma dinâmica competitiva existente entre os indivíduos. Nesse contexto, somente aqueles que apresentam maior aptidão física e intelectual seriam capazes de sobreviver socialmente. Com as sociedades, as mais desenvolvidas teriam a função legítima de governar as demais.

(HANNOUN, 1997, p.25). Assim, a identidade nacional alemã estava baseada na comunidade do sangue.

O povo alemão deve ser um povo *völkisch*, qualificativo que faz a síntese das condições nacionais e biológicas da germanidade nazi". [...] A raça, o sangue, ocupam assim o lugar central da antropologia nazi entre o indivíduo e o cosmo, a concepção do Estado como instrumento de organização social não escapa a este método de análise. [...] Para o nacional socialismo, o Estado não é um artefato uma invenção humana [...] o Estado, o aparelho político de um país, está ao serviço, não de um objetivo político, mas da raça (HANNOUN, 1997, p.26)

A raça ariana não deveria gerar um indivíduo que não fosse puramente ariano, porque isso acarretaria o que Hitler condenava como “cruzamento entre dois desiguais”, sendo que dessa relação o indivíduo ficaria numa posição abaixo do seu progenitor. Assim, nunca se chegaria a alcançar a raça ariana pura. Na concepção de Hitler, o Estado seria o agente eficaz para garantir a manutenção dos ideais do regime:

[...] a finalidade principal de um Estado nacionalista é a conservação dos primitivos elementos raciais que, que por seu poder de disseminar a cultura, criam a beleza e a dignidade de uma humanidade mais elevada. Nós como arianos, vivendo sob um determinado Governo, podemos apenas imaginá-lo como um organismo vivo da nossa raça que não só assegurará a conservação dessa raça, mas colocará em situação de, por suas possibilidades intelectuais, atingir uma mais alta liberdade (HITLER, 2016, p.300).

Mazower (2001) apresenta que uma consequência da conquista da Europa pelo regime nazista foi a “extensão da dialética do Estado do bem-estar racial a uma escala continental” (MAZOWER, 2001, p.164), um Estado onde teria medidas de repressão a aqueles considerados “racialmente indesejados” pois era tudo uma estratégia de “salvaguardar o vigor da *Volksgemeinschaft*¹⁶” (MAZOWER, 2001, p.164). Essa Nova Ordem na Europa envolvia medidas, como a exemplo de leis, para eliminar a “ameaça” dos considerados indesejáveis como judeus, ciganos, homossexuais dentre outros. Então, todo esse aparato consistia em preservar o bem-estar dos chamados *Volksdeutsche*¹⁷.

¹⁶ *Volksgemeinschaft* é um conceito na qual defendia uma comunidade nacional da etnia alemã, consistia como objetivo, construir uma sociedade sem classes, baseada na pureza racial.

¹⁷ *Volksdeutsche* é um termo histórico que surgiu no século XX para descrever os alemães étnicos que viviam fora, ou seja, nasceram fora do Reich.

1.3 – A BIOPOLÍTICA NAZISTA

O biopoder segundo Foucault (1999) é uma forma de governar a vida. Foi utilizada no Ocidente a partir do século XVII. Sendo que o princípio que regulamenta o biopoder é seu fazer viver, que se divide em disciplina, e biopolítica. A disciplina a partir do século XVII, se centra no corpo dos indivíduos, enquanto a biopolítica a partir da segunda metade do século XVIII se centra no coletivo.

Durante o Terceiro Reich vivencia-se na Alemanha um novo poder de regulação, o biopoder, “a tese central de Foucault é que o biopoder inseriu o racismo nos mecanismos de controle do Estado” (LIMA, 2014, p.864).

Sánchez (2009), ancorado em Foucault (1999), discorre sobre a biopolítica nazista e o expõe em cinco elementos, sendo que o primeiro elemento parte da tese de Foucault (1999), e destaca o racismo como instrumento do biopoder, um meio que foi utilizado pelo Estado nazista para uma perversa classificação de raças.

Como primeiro componente da biopolítica nazista, Sánchez (2009) destaca que seria o racismo de Estado capaz de assegurar e legitimar a função de morte em uma sociedade de regulação, a exemplo, a *Lebensunwertes Leben* (vidas indignas de ser vividas), conceito que foi criado no campo da psiquiatria para “Para designar os pacientes crônicos e posteriormente utilizado pelos nazistas para justificar os assassinatos em massa de pacientes incuráveis, culpados da degeneração da raça alemã” (SÁNCHEZ, 2009, p.260, tradução nossa)¹⁸. O autor comenta que essa “higienização racial” foi criada na Alemanha desde 1905 em sociedades médicas com o objetivo de garantir a higiene racial do povo alemão que, depois da Primeira Guerra Mundial, teve um aumento social crescente. Já foi exposto anteriormente que os judeus eram o centro do slogan nazista quanto ao projeto de purificação racial, entretanto, os doentes crônicos, deficientes, eslavos, ciganos dentre outros eram vistos como ameaças a pureza da raça alemã, até mesmo os homossexuais e comunistas.

¹⁸ “designar a los enfermos metaled crónicos, y utilizada después por los nazis para justificar los asesinatos en masa de los enfermos incurables, culpable de la degeneración de la raza alemana” (SÁNCHEZ, 2009, p. 260).

Sánchez (2009) apresenta que dois autores, Burleigh e Wippermann (1998), resumiram em cinco princípios fundamentais o que consistiria esse racismo de Estado nazista:

[...] em primeiro lugar, a consideração das diferenças de valor entre as diferentes raças; segundo, a superioridade da raça germânica ariana; em terceiro lugar, a convicção de que a mistura da raça ariana com outras raças inferiores produziria a degeneração da raça e seu próprio desaparecimento; Quarto, não só a pureza, mas também a saúde da raça ariana tinha que ser um objetivo fundamental da política racial do estado nazista, para o qual seria necessário: por um lado, um aumento considerável no número de filhos de representantes da raça ariana e, por outro lado, evitam a reprodução de indivíduos considerados inferiores ou degenerados; e, por fim, o povo judeu, como inimigo absoluto da raça ariana, deveria ser isolado e, em última instância, eliminado (SÁNCHEZ, 2009, p.261 *apud* BURLEIGH e WIPPERMANN, 1998 p.42-43, tradução nossa¹⁹).

Torna-se importante sublinhar que todos esses princípios do racismo de estado nazista nortearam uma série de leis que foram destinadas a "Preservar e melhorar a saúde e a pureza da raça ariana" (SANCHEZ, 2009, p.261, tradução nossa²⁰), no caso, foram criadas as leis de prevenção de doenças hereditárias de julho de 1933, que eram aplicadas para doentes crônicos, esquizofrênicos, deficientes mentais e outros, o que permitiu a "esterilização forçada de cerca de quatrocentas mil pessoas entre 1934 e 1945" (SANCHEZ, 2009, p.261 *apud* García Marcos, 2005, p.4, tradução nossa²¹). Teve a lei de Perigo Social e Medidas, que visava a esterilização dos "psicopatas antisociáveis²²" (SANCHEZ, 2009, p.262, tradução nossa), que seriam os homossexuais, comunistas e alcoólatras. O *Marital Health Act* de 1935, que foi uma lei pela qual proibia o casamento de todos os indivíduos "portadores de doenças geneticamente transmissíveis e que obrigavam os noivos a consultar o médico

¹⁹ [...] en primer lugar, la consideración de diferencias de valor entre las diferentes razas; en segundo lugar, la superioridad de la raza aria germana; en tercer lugar, la convicción de que la mezcla de la raza aria con otras razas inferiores produciría la degeneración de la raza y su misma desaparición; en cuarto lugar, no sólo la pureza sino también la salud de la raza aria debía ser objetivo fundamental de la política racial del Estado nazi, para lo que sería preciso: por un lado, un aumento considerable del número de hijos de los representantes de la raza aria, y por otro lado evitar la reproducción de los individuos considerados inferiores o degenerados; y finalmente, el pueblo judío, como enemigo absoluto de la raza aria, debía ser aislado y, en última instancia, eliminado (SÁNCHEZ, 2009, p. 261 *apud* BURLEIGH y WIPPERMANN, 1998 p. 42-43).

²⁰ "preservar y mejorar la salud y la pureza de la raza aria" (SANCHEZ, 2009, p. 261).

²¹ "Esterilización forzada de unas cuatrocientas mil personas entre 1934 y 1945" (SANCHEZ, 2009, p. 261 *apud* García Marcos, 2005, p. 4).

²² "psicópatas antisociales"²² (SANCHEZ, 2009, p. 262).

de família antes do casamento²³ (SANCHEZ, 2009, p.262, tradução nossa) e, também, as famosas Leis de Nuremberg, a *Blutschutzgesetz* (Lei de proteção ao sangue alemão) e o *Reichsbürgergesetz* (Lei de cidadania alemã), leis promulgadas em setembro de 1935, que privaram os judeus da cidadania alemã, como “casamentos e relações sexuais entre judeus e arianos, e cuja missão principal era deter a degeneração racial produzida pela miscigenação²⁴” (SANCHEZ, 2009, p.262, tradução nossa).

Quanto a essas leis, todas tinham um arcabouço legal, e a partir de 1 de setembro de 1939, na Alemanha, foi inaugurado um sistema de limpeza racial, “encarregado de regenerar o corpo da nação alemã²⁵” (SANCHEZ, 2009, p.262, tradução nossa), os considerados inimigos da nação alemã não foram vistos apenas como os adversários políticos do regime, mas tornaram-se indivíduos que ameaçavam a pureza racial da Alemanha.

O regime também instalou um programa chamado *Aktion T4* em 1939, que era o “programa de eutanásia para doentes irrecuperáveis que estavam internados em hospitais” (MEDEIROS, 2020, p.621). Hitler, na verdade, colocou em prática esse projeto após receber uma carta dos pais de uma criança doente e cega, na qual imploravam para o Führer uma “morte misericordiosa” do filho. Portanto, foi a partir do projeto *Aktion T4* que os nazistas pegaram a referência para desenvolver as câmaras de gás que foram utilizadas nos campos de concentração. O programa foi encerrado somente em 1941, depois que padres denunciaram nas igrejas os horrores que estavam sendo cometidos pelo regime, “alguns membros da Igreja católica chegaram a ser visitados pela Gestapo, a polícia secreta do Terceiro Reich. Estima-se que cerca de 70 mil pessoas foram eutanasiadas pelo *Aktion T4*” (MEDEIROS, 2020, p.621 *apud* ROLAND, 2015).

Essa questão do racismo de Estado como primeiro componente definidor da biopolítica nazista é entendido como “[...] ligado ao funcionamento de um Estado que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e purificação da raça para exercer seu poder soberano” (LIMA, 2014, p.865 *apud* Foucault, 1999).

²³ “portadores de enfermidades trasmisibles genéticamente y que obligaba a los comprometidos a consultar antes del matrimonio a sus médicos de cabecera” (SANCHEZ, 2009, p. 262).

²⁴ “matrimonios y las relaciones sexuales entre judíos y arios, y cuya misión primordial era frenar la degeneración racial producida por ele mestizaje”²⁴ (SANCHEZ, 2009, p. 262).

²⁵ “encartado de regenerar el cuerpo de la nación alemana”²⁵ (SANCHEZ, 2009, p. 262).

É por isso que Foucault afirma que “[...] os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, forçosamente os mais racistas” (FOUCAULT, 1999, p.309), e no seu ponto de vista o nazismo é um exemplo, justamente por ter sido arquitetado como um sistema totalitário que conseguiu elevar os mecanismos de poder à suas últimas consequências, apoiando-se no “conceito biológico de raça pura” (LIMA, 2014, p.865).

Não há sociedade mais disciplinar, claro, do que o regime nazista; tampouco há Estado onde as regulamentações biológicas sejam adotadas de uma maneira mais densa e mais insistente. Poder disciplinar, biopoder: tudo isso percorreu, sustentou a muque a sociedade nazista (assunção do biológico, da procriação, da hereditariedade; assunção também da doença, dos acidentes). Não há sociedade a um só tempo mais disciplinar e mais providenciária do que a que foi implementada, ou em todo caso projetada, pelos nazistas. O controle das eventualidades próprias dos processos biológicos era um dos objetivos imediatos do regime (FOUCAULT, 1999, p.309).

Toda a obsessão por disciplina, controle e pela eliminação daquilo que “excedia ao nomos”, ou seja, ao principal alvo do regime - o judeu -, fez do nazismo um “regime total e burocraticamente arquitetado em sua plenitude em torno de uma racionalidade instrumental” (LIMA, 2014, p.865 *apud* RAYMOND, 1965, p.309), o que culminou na indústria do extermínio.

Os líderes do Terceiro Reich usavam uma técnica e uma administração burocrática completamente racionalizadas para arrastar milhões de seres humanos às câmaras de gás exterminá-los com o maximize de eficiência. Se admitimos que a racionalização leva à conduta moral, sem explicar os sistemáticos extermínios em massa do Terceiro Reich, devemos ser singularmente cegos. O transporte dos judeus era organizado tão racionalmente, se não mais, quanto o tráfego em Paris ou Nova York. Em resumo, enquanto a científica, técnica, econômica ou administrativa é um puro meio, pode ser usada para qualquer fim, produtivo ou destrutivo, hospitais ou campos de concentração, bem-estar ou poder; a unificação ou a exterminação da humanidade. (LIMA, 2014, p. 865-866, *apud* RAYMOND, 1965, p.309).

É precisamente isso que se permite a construção do regime totalitário, pois exige que se elimine os considerados inimigos internos, uma guerra dirigida em função de disciplina e biopolítica de vigilância, extirpação, submissão, purificação e em última instância, de extermínio. E é por esse motivo que nessa nova forma de Estado, segundo Sánchez (2009), que as instituições do Estado de Direito, como o parlamento, administração, exército dentre outros, tornam-se subordinados ao partido, que é o verdadeiro detentor do poder, “e a vontade do

líder supremo, em suma, a única instância da qual emana toda a lei e da qual depende todo o poder²⁶” (SÁNCHEZ, 2009, p.263, tradução nossa).

Essas questões já conduzem para o segundo elemento da biopolítica nazista, que Sánchez (2009) diz ser “uma política como biologia aplicada cuja missão fundamental seria organizar uma sociedade que favoreça a sobrevivência dos mais fortes e exclua ou elimine os mais fracos os considerados inimigos biológicos²⁷” (SANCHEZ, 2009, p.264, tradução nossa). Na verdade, consistia em um projeto biomédico que concebia a cura e o assassinato duas faces iguais, um projeto que visava o restabelecimento da pureza racial alemã, “[...] Aqueles considerados seres inferiores: judeus, ciganos, homossexuais, deficientes, dentre outros, só eram entendidos como patógenos que ameaçavam a pureza racial dos seres superiores, o que justificava toda uma série de medidas imunológicas absolutamente desumanas²⁸” (SANCHEZ, 2009, p.264, tradução nossa).

O regime nazista, para garantir a pureza e a saúde da raça ariana, realizava uma distinção racial entre os que mereciam viver, estes seriam chamados para engrandecer o corpo da nação alemã, já os demais, deveriam ser excluídos ou eliminados para evitar a degeneração racial. As esterilizações, mortes por eutanásia, os assassinatos em massa de judeus, comunistas, ciganos e de outros, realizados nos campos de concentração, eram apenas uma parte do projeto nazista. A outra parte seria uma política biológica, que norteava todas as estratégias do regime e prezava o cuidado com os indivíduos considerados como os melhores representantes da raça ariana. Por isso, um dos pontos fundamentais que os nazistas se preocupavam eram com as questões relacionadas à maternidade, o cuidado e zelo com as crianças e a juventude, visto que a mulher era entendida como uma parte fundamental do programa nazista, pois ela representava o papel exclusivo de mãe e esposa, então, a

²⁶ “y la voluntad del líder supremo, en fin, la única instancia de la que emana toda ley y de la que depende todo poder”²⁶ (SÁNCHEZ, 2009, p. 263).

²⁷ “una política como biologia aplicada cuya misión fundamental sería organizar a sociedad que favoreciera la supervivencia de los más fuertes y excluyera o eliminara a los más débiles o considerados enemigos biológicos”²⁷ (SANCHEZ, 2009, p. 264).

²⁸ “[...] los considerados seres inferiores: los judíos, los gitanos, los homosexuales, los discapacitados, etc., no eran entendidos sino como agentes patógenos que amenazaban lá pureza racial de los seres superiores, lo que justificó toda una serie de medidas inmunitarias absolutamente inhumanas”²⁸ (SANCHEZ, 2009, p. 264).

maternidade era glorificada e tida como “pedra fundamental do grande projeto biológico de preservação e melhoramento da raça ariana²⁹” (SANCHEZ, 2009, p.264, tradução nossa). Completa o autor dizendo que:

O único papel das mulheres era proporcionar à pátria filhos saudáveis e fortes, bastiões da raça que assegurariam - no caso do nazismo - o projeto milenar do Terceiro Reich. E por isso, o cuidado das crianças e sua educação na teoria do Nacional-Socialismo deveriam ser uma tarefa fundamental, não só das mulheres, mas também de todo um conjunto de dispositivos concebidos para esse fim pelo regime nazista (Burleigh e Wippermann, 1998: 201-241). Da Juventude Hitlerista aos livros do ensino fundamental, aos acampamentos de verão ou às atividades da Liga Feminina Alemã, meninos e meninas alemães foram cuidados e educados na doutrina do Nacional-Socialismo, seus corpos e suas mentes moldados. Mentos baseadas em uma política racial que elevou eles como membros privilegiados da raça superior, ao mesmo tempo que legitimam a exclusão e eliminação dos inimigos da raça³⁰ (SÁNCHEZ, 2009, p.265, tradução nossa).

Se tratando do terceiro elemento da biopolítica nazista, Sánchez (2009) relata que a guerra entra como terceiro elemento da biopolítica nazista: “ou seja, a guerra como condição própria de possibilidade da política³¹” (SÁNCHEZ, 2009, p.266 *apud* SCHIMITT, 1999, p. 64, tradução nossa). A guerra segundo Sánchez (2009) teria se tornado o único meio de se alcançar a pureza maciça da raça ariana, expurgando todas as demais raças e se colocando como a raça superior, “a raça ariana se purificaria assim no campo de batalha e, como raça superior, eliminaria os indivíduos que ameaçavam corrompê-la pela miscigenação³²” (SÁNCHEZ, 2009, p.266, tradução nossa), até porque era abundante a prole de “degenerados” fisicamente ou psicologicamente que estava sendo eliminada, visto

²⁹ “piedra angular del gran proyecto biológico de preservación y mejora de la raza aria”²⁹ (SANCHEZ, 2009, p. 264).

³⁰ El único papel de la mujer era proporcionar a la patria hijos sanos y fuertes, baluartes de la raza que asegurasen — en el caso del nazismo— el proyecto milenario del III Reich. Y por ello mismo, el cuidado de los niños y su educación en la teoría del nacionalsocialismo debía ser cometido fundamental, no sólo de las mujeres, sino también de todo un conjunto de dispositivos diseñados a tal efecto por el régimen nazi (Burleigh y Wippermann, 1998: 201-241). Desde las Juventudes Hitlerianas hasta los libros de texto de la escuela primaria, en los campamentos de verano o en las actividades de la Liga de Muchachas alemanas, los niños y jóvenes alemanes fueron cuidados y educados en la doctrina del nacionalsocialismo, moldeados sus cuerpos y sus mentes sobre la base de una política racial que los encumbraba como miembros privilegiados de la raza superior, al tiempo que legitimaba la exclusión y eliminación de los enemigos de la raza³⁰ (SÁNCHEZ, 2009, p. 265).

³¹ “es decir, la guerra como condición de la posibilidad de la política” (SÁNCHEZ, 2009, p. 266 *apud* SCHIMITT, 1999, p. 64).

³² “la raza aria se depuraría así en el campo de batalla, y como raza superior, eliminaría a los individuos que amenazaban con corromperla a través del mestizaje”³² (SÁNCHEZ, 2009, p. 266).

que esses indivíduos não seriam considerados mais como um problema. Na última etapa dos processos políticos, a guerra foi apresentada como “da destruição total da própria raça, em uma sociedade que atinge a extensão absoluta tanto do poder soberano de matar quanto do novo biopoder de fazer viver³³” (SÁNCHEZ, 2009, p.266, tradução nossa).

Junto com isso, o quarto elemento fundamental da biopolítica nazista foi “um extenso sistema de seguro social para aposentadoria, desemprego, saúde, dentre outros. Destinado a garantir um mínimo de bem-estar social para toda a população alemã³⁴” (SÁNCHEZ, 2009, p.266, tradução nossa). Com os regulamentos biológicos mais perversos e os crimes mais brutais, que foram protegidos por mecanismos reguladores, o regime nazista conseguiu maximizar as forças do Estado, pois não houve nenhum caso como no Estado Nacional-Socialista em que a sobreposição do novo poder, o biopolítico, assumisse uma proporção generalizada. Segundo o autor, havia uma coincidência entre o biopoder generalizado e uma ditadura que era capaz de transferir para o corpo social uma multiplicação do “direito de matar e de estar exposto à morte, tanto externa quanto internamente³⁵” (SÁNCHEZ, 2009, p.267 *apud* FOUCAULT, 2003, p.222, tradução nossa).

Em muitos aspectos, o Estado alemão foi pioneiro na articulação de uma Medicina Social verdadeiramente eficaz, tanto no plano da legitimação política perante as classes populares quanto de uma estratégia de regulação dos fenômenos populacionais. Por todas estas razões, o Nacional-Socialismo, ao chegar ao poder, encontrou-se com todo um conjunto de mecanismos que tornariam possível - precisamente e juntamente com a sua obsessão assassina - a regulação produtiva de toda a população considerada alemã. Na verdade, foi justamente esse desenvolvimento médico e socio sanitário do alemão pré-nazista que permitiu, em grande medida, uma articulação tão radical do antigo poder soberano e do novo biopoder durante o governo nacional-socialista, como temos feito apontando³⁶ (SÁNCHEZ, 2009, p.267, tradução nossa).

³³ “de la destrucción total de la propia raza, en una sociedad que llega a extended hasta el absoluto tanto el viejo poder soberano de matar como el nuevo biopoder del hacer vivir³³ (SÁNCHEZ, 2009, p. 266).

³⁴ “un extenso sistema de seguros sociales de jubilación, de desempleo, de sanidad etc., encaminado a asegurar tanto un mínimo de bienestar social para toda la población alemana³⁴ (SÁNCHEZ, 2009, p. 266).

³⁵ “derecho de matar y de la exposición a la muerte, tanto hacia el exterior como interiormente³⁵ (SÁNCHEZ, 2009, p. 267 *apud* FOUCAULT, 2003, p. 222).

³⁶ En muchos sentidos, el Estado alemán había sido pionero en la articulación de una Medicina Social ciertamente efectiva, y tanto a nivel de legitimación política ante las clases populares como de estrategia de regulación de los fenómenos poblacionales. Por todo ello, el nacionalsocialismo,

E, por fim, o quinto elemento característico da biopolítica nazista que é “uma política econômica autárquica e intervencionista de ferro, de inspiração fascista, e essencialmente voltada para a melhoria das áreas estratégicas do país e a aquisição de material de guerra³⁷” (SÁNCHEZ, 2009, p.267, tradução nossa). Tomando a guerra também como fundamental, o Terceiro Reich regulou medidas para controlar o consumo, o forte investimento público e a oferta de trabalho, e as regras de trabalho deveriam ser subordinadas às diretrizes do Estado. O objetivo era a conquista de um regime autárquico, que fosse capaz de assegurar e sustentar a expansão do regime em caso de situação de guerra.

Nesse sentido, os nazistas usaram seletivamente e sem qualquer tipo de escrúpulos dogmáticos o que poderia servir melhor aos propósitos de cada momento, redesenhando os mecanismos da economia clássica de forma a moldá-los aos objetivos políticos definidos em cada caso³⁸ (SÁNCHEZ, 2009, p. 268 *apud* Hardach, 1980, p. 214, tradução nossa).

Entretanto, essa política só foi eficaz no primeiro momento. De acordo com SÁNCHEZ (2009), durante a década de 1930, quando se produziu um considerável aumento do produto interno bruto alemão, o que possibilitou a queda do índice de desemprego na Alemanha no final da década de 1920 e início de 1930, foi o que favoreceu a legitimidade do regime nazista. Porém, a política econômica não era passível de ser sustentada a longo prazo, mesmo tendo sido planejada de acordo com “uma série de objetivos primordialmente bélicos³⁹” (SÁNCHEZ, 2009, p.268, tradução nossa), uma vez que, quando começaram as hostilidades durante a Segunda Guerra Mundial, a economia alemã acabou mostrando suas fraquezas.

a su llegada al poder, se encontró con toda una serie de mecanismos que harían posible — precisamente y junto a su obsesión asesina— la regulación productiva de toda la población considerada alemana. De hecho, fue justamente ese desarrollo médico y socio-sanitario de la Alemana prenazí lo que permitió, en gran parte, una articulación tan radical del viejo poder soberano y del nuevo biopoder durante el gobierno nacionalsocialista, tal y como venimos señalando³⁶ (SÁNCHEZ, 2009, p. 267).

³⁷ “a saber, una férrea política económica autárquica e intervencionista, de inspiración fascista, y orientada esencialmente a mejorar los ámbitos estratégicos sem país y la adquisición de material bélico³⁷” (SÁNCHEZ, 2009, p. 267).

³⁸ En este sentido, los nazis utilizaron selectivamente y sin ningún tipo de escrúpulos dogmáticos lo que podía servir mejor a los propósitos de cada momento, rediseñando los mecanismos de la economía clásica con el fin de amoldarlos a los objetivos políticos definidos en cada caso³⁸ (SÁNCHEZ, 2009, p. 268 *apud* Hardach, 1980, p. 214).

³⁹ “una serie de objetivos primordialmente bélicos³⁹” (SÁNCHEZ, 2009, p. 268).

Em resumo os elementos principais que compõe os cinco elementos da biopolítica nazista são:

[...] em primeiro lugar, um Racismo de Estado capaz de assegurar e legitimar o papel da morte em uma sociedade de regulação; segundo, uma concepção de política entendida como biologia aplicada, cuja visão biomédica entende a cura e o assassinato como partes integrantes de um mesmo projeto; em terceiro lugar, a guerra considerada como a última fase de todos os processos e pensamentos políticos, por um lado, como um método de extermínio daquelas raças que de fora ameaçam a sobrevivência e a pureza da raça alemã e, por outro lado, como uma técnica de purificação para a própria raça; um sistema de seguridade social encarregado de garantir um mínimo de bem-estar a todos os indivíduos considerados parte da comunidade étnica ariana, ou seja, da Volksgemeinschaft; e, por fim, uma economia intervencionista orientada para a maximização dos recursos disponíveis e a organização de um sistema econômico autárquico capaz de sustentar a desejada e necessária - em seus postulados - expansão do Reich⁴⁰ (SÁNCHEZ, 2009, p.268, tradução nossa).

Perante o exposto, a ideologia nazista compunha-se a partir de uma vasta mistura de elementos pseudocientíficos⁴¹, que serviram como base para concretizar as ações do Regime e legitimar tais ações. O antissemitismo e a superioridade racial ariana foram os elementos e os meios que Hitler e o NSDAP utilizaram para convencer e realizar a doutrinação em massa. Buscando atrair mais adeptos a ideologia nazista, Hitler atentou-se para criar uma organização juvenil que fosse a imagem do Regime, no qual toda juventude deveria pertencer e compactuar com suas ideias. Por meio desta organização Hitler conseguiu realizar a doutrinação ideológica em massa de crianças e jovens, como veremos a seguir.

⁴⁰ [...] en primer lugar, un Racismo de Estado capaz de asegurar y legitimar la función de la muerte en una sociedad de regulación; en segundo lugar, una concepción de la política entendida como biología aplicada cuya visión biomédica entiende la sanación y el asesinato como partes integrantes de un mismo proyecto; en tercer lugar, la guerra considerada como fase última de todos los procesos políticos y pensada, por un lado, como un método de exterminio de aquellas razas que desde el exterior amenazan la supervivencia y la pureza de la raza alemana y, por otro lado, como técnica de purificación de la propia raza; un sistema de previsión social encargado de asegurar un mínimo de bienestar a todos los individuos estimados como parte de la comunidad étnica aria, esto es, de la Volksgemeinschaft; y por último, una economía intervencionista orientada a la maximización de los recursos disponibles y a la ordenación de un sistema económico autárquico capaz de sostener la deseada y necesaria —en sus postulados— expansión del Reich⁴⁰ (SÁNCHEZ, 2009, p. 268).

⁴¹ Se trata da pseudociência, onde indivíduos ou grupos utilizam de sistema de crenças para tentar ganhar legitimidade por meio de armadilhas da ciência, mas que de fato não cumprem com a veracidade científica.

2 – JUVENTUDE HITLERISTA: OS JOVENS SERVEM AO FÜHRER

Neste capítulo abordamos como a juventude alemã, anterior ao período do Terceiro Reich, obtiveram destaque após vivenciarem a derrota na Grande Guerra. Apresentamos os motivos que propiciaram a criação de novos movimentos juvenis alemães e seu grande papel de destaque a partir daí. Hitler e o NSDAP percebendo a potencialidade da juventude e as vantagens que teria filiando-a ao NSDAP, viram uma oportunidade surgir e criaram um movimento que tinha o papel de ser a pura imagem e semelhança do Regime Nazista. Para tal intento criaram a organização chamada Juventude Hitlerista (JH).

A partir deste movimento visaram intensificar a doutrinação ideológica, começando pelos considerados mais “fáceis de serem doutrinados”, segundo as palavras de HITLER (2016). Com a doutrinação constante dentro do movimento, as crianças e jovens começaram a ser impelidos a ingressarem ao movimento, no início por escolha própria, após a deflagração da Segunda Guerra Mundial, filiação que se tornou compulsória. O ingresso passou a ter todo um aparato, uma seleção criteriosa, que determinava que somente poderia adentrar aqueles que tivessem os melhores “elementos raciais”, ou seja, os considerados arianos puros. Para o ingresso ser mais atrativo, criaram sessões especializadas com ênfase na educação voltada para a formação de novos soldados do Reich. A juventude alemã na época do Terceiro Reich tinha como missão servir a nação alemã em seus futuros objetivos, a exemplo de uma futura guerra.

2.1 – A JUVENTUDE ALEMÃ: AS “MARIONETES” DO FÜHRER

Koch (1973), no prefácio do seu livro *Juventude Hitlerista: Mocidade traída*, sublinha a impossibilidade de afirmar e justificar de forma convincente os motivos que levaram milhões de jovens alemães a serem atraídos por Hitler e pelos ideais nazistas. No seu ponto de vista, antes de qualquer julgamento é preciso pensar que estes jovens se tornaram “marionetes” inocentes, utilizados pelo NSDAP, e que não podemos apontá-los como pessoas que estavam conscientes dos horrores que se encontravam por detrás dos acontecimentos do Terceiro Reich. Segundo o autor, dentre as inúmeras possibilidades, podemos dizer que esses jovens tenham se deixado seduzir pelo nazismo ou que eram naturalmente pervertidos, racistas ou desorientados, ou ainda, uma

mistura de ambos, porém, não podemos deixar de destacar o erro destes jovens, pois o fato é que 8 milhões de jovens ingressaram na Juventude Hitlerista, permaneceram e lutaram até o sacrifício final.

Na época, as propagandas nazistas eram sedutoras, mobilizadoras e eficientes, de forma que os jovens foram atraídos e iludidos por mensagens propagadas em cartazes, filmes entre outros diversos mecanismos de comunicação. Além dessa eficiente maneira em atrair os jovens, como aponta Koch (1973), os adeptos do nazismo utilizavam também de uma outra estratégia: aproveitavam da ingenuidade das crianças e jovens e da maleabilidade humana. Acreditavam que seria fácil conseguir que estes jovens mudassem de opinião e se sentissem encantados pelo NSDAP e, ainda, contavam a seu favor, a questão da autoestima abalada devido a derrota na Grande Guerra (1914-1918). O autor novamente questiona se seria possível que todos os 8 milhões de jovens da JH fossem tão ingênuos a ponto de não enxergarem o mal que estava por detrás das atitudes do partido nazista? Intriga-lhe como estes jovens conseguiram conciliar o nazismo com o cristianismo, visto ser este uma doutrina cristã muito forte e presente nos lares alemães. São esses questionamentos que Koch (1973) nos responde em *Juventude Hitlerista: Mocidade traída*.

A dedicação e entusiasmo vivenciados pelos jovens hitleristas são descritos também por Bartoletti (2006) no livro *Juventude Hitlerista: A história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram*, em que a autora nos apresenta diversos relatos de histórias de crianças e jovens, que nos permitem evidenciar a tamanha influência e persuasão que as estratégias ideológicas do nazismo tiveram sobre a juventude alemã. Tais relatos evidenciam a alegria e o entusiasmo que os jovens tinham ao participar de excursões, acampamentos realizados pelo partido e até mesmo por se vestirem com os uniformes da JH, o que os deixavam felizes e orgulhosos, sentindo-se pertencerem ao movimento.

Bartoletti (2006) ilustra o contentamento e júbilo desses jovens com um exemplo de uma jovem chamada Melita Meschmann que, após ouvir a nomeação de Hitler como novo chanceler da Alemanha e o seu discurso de posse, diz que pode sentir e ter esperança no futuro: “[...] acreditei nos nacional-socialistas ao prometer acabar com o desemprego e a pobreza. Acreditei quando disseram que iam unir a nação alemã”. (*apud* BARTOLETTI, 2006, p.26). E,

assim, contra a vontade dos pais, essa garota se candidatou para a ala feminina da JH.

Muitas das crianças e jovens da sociedade alemã, naquele tempo de dificuldades e incertezas, tinham o desejo de fazerem parte do movimento da JH, mesmo com ou sem a aprovação dos pais, a participação representava uma oportunidade de participar daquele movimento, de ganhar espaço e ter voz em um mundo dirigido por adultos. Parecia que ninguém seria capaz de mudar as suas maneiras de pensar de convencê-los a não participar, nem mesmo com a proibição dos pais, o que era bem comum, visto que nem todos os alemães compactuavam com os ideais nazistas. Muitos mostravam-se ser contra o movimento juvenil de Hitler, viam o NSDAP e seu líder Adolf Hitler como ameaças à nação alemã e temiam ver seus filhos envolvidos em um movimento cujas ações e ideologia não os representavam. De acordo com a Bartolletti (2006), os jovens, ao aderirem a JH, acreditavam que abrir-lhes-iam inúmeras possibilidades de mudança em todos os aspectos.

Criada oficialmente em 1926, a Juventude Hitlerista oferecia a seus integrantes agitação, aventura e novos heróis para venerar. Deu a estes jovens esperança, poder e a oportunidade de fazer suas vozes serem ouvidas. [...] deu também a oportunidade de se rebelarem contra os pais, professores, padres e outros superiores. [...] Adolf Hitler admirava a energia natural e a capacidade de envolvimento dos jovens. Entendeu que eles poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o futuro da Alemanha. Em sua luta pelo poder, Hitler aproveitou o entusiasmo e a lealdade deles. [...] Hitler contava com os meninos e meninas da Alemanha. (BARTOLLETTI, 2006, p.13).

O sentimento de se sentirem livres, de viver a aventura e a agitação, de fato, chamaram atenção de jovens da época do Terceiro Reich, assim como chamaria agora, no presente momento. Foi justamente essas sensações e experiências que Hitler conseguiu oferecer a estes jovens, tudo que almejavam e, ainda, a promessa de possibilidades para o futuro em uma Alemanha gloriosa. Associando o reconhecimento que Hitler já possuía na sociedade, somado ao poder organizacional e nacionalista que a juventude já demonstrava ter anteriormente ao período do Terceiro Reich, entende-se os motivos que propiciaram que os jovens fossem impelidos a se moverem e adentrarem à JH.

2.2 – OS MOVIMENTOS JUVENIS

Para compreender os movimentos da organização juvenil alemã, primeiramente precisamos buscar conhecê-la desde seu surgimento, ou seja, antes a deflagração da Primeira Guerra Mundial. Em uma sociedade estratificada, a Juventude Alemã começou a reagir contra o Império alemão em 1913. Assim, os jovens começaram a se organizar em movimentos juvenis que buscavam, principalmente, a liberdade; variavam em seus ideais, mas tinham em comum a esperança de traçar um novo começo para seu país, exigindo, também, um líder que fosse jovem. Porém, esse espírito de independência não agradou as autoridades eclesiásticas, já as autoridades socialistas que, apesar de terem resistido à organização destes movimentos, não bloquearam a exigência da juventude em “modelar sua própria vida”, proclamação que foi feita em 13 de outubro na montanha *Hohe Meissner*. (KOCH, 1973, p.12).

Vale ressaltar que para os jovens a derrota da guerra significava a própria derrota da sociedade alemã. Sociedade que para estes estava assentada em falsos valores burgueses, assim não os convenciam a ser algo atrativo e benéfico a longo prazo, principalmente por se tratar de um país que estava vivenciando o pós-guerra.

[...] muito antes do início da Primeira Guerra Mundial, os jovens alemães começaram, em uma espécie de rebeldia contra a sociedade, a se organizar em movimentos, buscando abrir novos caminhos, fugindo de “uma liderança moribunda que se esforçava para viver uma segunda infância (KOCH, 1973, p.10).

A primeira organização juvenil criada na Alemanha foi a Juventude Alemã Livre, que buscava antes de tudo, sua própria liberdade. Em 1913, o movimento realizou sua primeira reunião para discutir suas diretrizes. A busca por liberdade era o fator propulsor do movimento, os jovens desejavam fugir de ambientes opressivos, que não lhes permitiam a liberdade para fazer o que quisessem. Segundo Koch (1973), as excursões realizadas pelo partido foram responsáveis em promover aos jovens o sentimento de liberdade que eles tanto almejavam, quando até mesmo o folclore alemão pode renascer por meios de antigas canções cantadas enquanto excursavam pelo país afora.

A Juventude Alemã Livre está decidida a modelar sua própria vida, a ser responsável por si mesma e orientar-se pelo sentimento inato da verdade. Decidiu cerrar fileira na defesa dessa liberdade interior. A bem da compreensão mútua, ela realizará reuniões da Juventude Alemã

Livre. Todas as assembleias da Juventude Alemã livre estão isentas do álcool e da nicotina. (KOCH, 1973, p.10).

Havia também a Juventude Socialista que, diferentemente da Juventude Alemã Livre, se promovia como “contra um partido que se fiscalizara numa instituição, e contra um modo de vida que ia de berço ao túmulo” (KOCH, 1973, p.11). Havia divergências de ideias entre os dois movimentos, por mais que ambos conseguissem compreender as dificuldades e problemas que enfrentavam juntos, eles não se sentiam contentes em se juntarem, segundo Koch (1973), preferiam estar cada um em seu grupo defendendo aquilo que acreditavam.

Após dez meses da reunião em Meissner, nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, a Juventude Alemã Livre, juntamente com a Juventude Socialista, fizera ataques nos primeiros meses da guerra, “o sentimento era de entusiasmo que não temia “We der Tod Noch Teufel” (nem a morte nem ao demônio)”. (KOCH, 1973, p.12). O idealismo demonstrado pelos jovens em novembro de 1914, quando fizeram um ataque frontal em Langemarck contra os britânicos, trouxe a estes jovens o sabor da vitória ao cantar o hino nacional, entretanto, foram silenciados pelas metralhadoras britânicas, quando o ataque acabou fracassando. A partir desse episódio foi criado um mito, qual seja, o da dedicação à pátria até o sacrifício da vida, o mito de obediência às ordens, como foi no caso do ataque a Langemarck. “Assim o mito de Langemarck, teve uma grande influência sobre a juventude alemã, que se estendeu até o final da Segunda Guerra Mundial.” (KOCH, 1973, p.12).

A juventude da geração “linha de frente” que havia arriscado suas vidas em Langemarck, já estava preparada para se arriscar nos campos de batalha, como diz um dos representantes do “socialismo de trincheiras” que descreve sua posição:

A guerra exercera sobre eles irresistível influência, ela os governa; jamais se libertarão de suas peias; nunca mais retornaram aos lares, nunca nos pertencerão de todo. A experiência da linha de frente condicionara suas vidas; a sensação da íntima, proximidade da morte; a expectativa de sua chegada; o horror, a intoxicação e o aço. Para começar, lutava-se por um objetivo inatingível: a tentativa de integração num mundo pacífico, organizado e burguês. A guerra acabou, mas seus guerreiros ainda estão em marcha. E como as massas estão aqui no meio de um mundo alemão em fermentação, indefesas, divididas entre pequenos desejos e grandes esperanças, mas importantes devido ao peso dos seus números e contendo todos os elementos da natureza, os ex-soldados estão marchando para uma

revolução, para uma revolução diferente, quer queiram quer não, impulsionados por forças que escapam à definição, que se sentem mal quando não estão juntos, mas quando juntos são material altamente explosivo. (KOCH, 1973, p.15-16).

Após a derrota da Alemanha na Grande Guerra (1914-1918), os jovens que sobreviveram não se mostraram inclinados a assistir a restauração de uma sociedade fracassada na guerra. Para Koch (1973, p.15), esses se dividiram em “ativistas dos movimentos juvenis, os revolucionários socialistas de esquerda e da direita, entre eles estavam os *Spartakisten*⁴² e o *Freikorps*”⁴³, e unidos combateram o que chamavam de inimigos em comum, a restauração do *status quo* social. Na Alemanha o impulso revolucionário estava tanto do lado da esquerda como da direita, já a população queria o retorno da normalidade, o que a juventude não queria, tanto que fizeram reviver os seus antigos movimentos, agora muito maiores em número e filiação do que antes da guerra. “Juventude Socialista”, “Juventude Democrata”, “Juventude Conversadora” e “Juventude Protestante” foram algumas das muitas organizações juvenis autônomas que se proliferaram na Alemanha depois de 1918.

[...] a eliminação do corpo político alemão, das abominações do industrialismo, a luta contra as múltiplas injustiças sociais do sistema capitalista, a luta contra o tratado de Versalhes, a que denominavam “*Dikat*”, eram objetivos comuns da maioria delas e influenciaram a fundação de associações estudantis, como a *Deutscher Hochschulring*, a *Deutscher Studentenschaft*, ou a da “Juventude Proletária e Comunista Livre”. Naturalmente, o grande número de organizações juvenis e sua imensa proliferação também mostram como era profunda a divisão política na Alemanha. (KOCH, 1973, p.15-16).

A juventude alemã, conforme Koch (1973) explica, não se deixava abalar pelo fracasso da guerra, e nem se esqueceram da experiência vivenciada durante ela. Embora estivessem vivenciando um período de paz, os jovens já estavam em marcha juntamente com o nacionalismo revolucionário que “não lhes permitia sequer considerar a restauração do império efêmero e desaparecido, nem se convencer com seu epílogo burguês, a democrática e liberal República de Weimar” (KOCH, 1973, p.16). O que significa que a

⁴² *Spartakisten* era uma associação de marxistas socialistas no fim do império Alemão, que durante a Primeira Guerra Mundial tinham como objetivo derrubar o capitalismo, o imperialismo e militarismo em todo o mundo.

⁴³ *Freikorps* eram grupos paramilitares que surgiram em toda a Alemanha em dezembro de 1918, logo após a derrota do país na Primeira Guerra Mundial.

juventude alemã não aceitaria o retorno a um passado no qual eles não acreditavam e não se identificavam, do mesmo modo que não acreditariam nas promessas dadas naquele presente momento. A juventude alemã que já havia presenciado todo o horror da guerra, participando ativamente, não estava disposta a permitir um retorno a uma sociedade que retrocedesse para mesma situação e posição antes da guerra.

Os jovens alemães, após a guerra, eram bastantes determinados, Koch (1973) diz que houve um erro durante a República de Weimar, pois as pessoas responsáveis deveriam ter pensado e, principalmente, ter tido atitudes para atrair os jovens, ou seja, que tivessem lhes dirigido um olhar mais atento, pois os jovens estavam entusiasmados em reconstruir a Alemanha fragilizada e derrotada no pós-guerra. Diante do fracasso da República de Weimar em conquistar o apoio dos jovens, Adolf Hitler, mais perspicaz, não cometeu o mesmo erro, soube aproveitar a oportunidade para conquistar as crianças e os jovens com sua ideologia. Assim, desde o começo de sua trajetória Hitler conseguiu vislumbrar todo o potencial da juventude alemã, pois percebeu nela um potencial apoio e um forte aliado em sua luta para conseguir chegar ao poder. Utilizando de sutilezas, conseguiu comunicar e transmitir para os jovens, de uma maneira mais consistente, a sua ideologia e, assim, conseguiu atraí-los para o seu movimento.

2.2.1 – O surgimento da Juventude Hitlerista

A criação da Juventude Hitlerista, não foi feita por Adolf Hitler, contrariando como muitos pensam, ele não foi o único arquiteto do movimento. Segundo afirmação de Koch (1973), o movimento surgiu a partir de um simples desconhecido chamado Gustav Adolf Lenk, um ilustrador de pianos nascido em Munique em 15 de outubro de 1903. Durante os acontecimentos revolucionários em 1919 nesta cidade, Lenk se ingressou no “Movimento Juvenil Nacional Alemão” e, gradativamente, passou a fazer inúmeras críticas a classe média. De forma que a partir desse sentimento contra a burguesia é que foi desenvolvendo seu movimento juvenil. Entretanto, Lenk, descrente com os rumos que o movimento que ele mesmo havia criado, acabou por se sentir fascinado pelos

discursos de Hitler, tornando-se um dos primeiros convertidos ao nazismo, filiando-se ao movimento no começo de 1921.

Assim, logo após se filiar ao nazismo, Lenk começou a enviar memorandos diretamente a Hitler e a Adolf Drexler, um dos fundadores do NSDAP, nos quais insistia na criação de uma organização juvenil, que deveria estar sob comando das S.A, as Tropas de Assalto. Hitler, por sua vez, se viu interessado na sugestão proposta por Lenk e a concretizou por meio de uma circular enviada aos membros do partido, em que fazia a seguinte declaração:

Devido ao avultado número de cartas que chegam à liderança do partido para saber se o movimento tem seu departamento juvenil, decidimos criar a organização necessária para instituí-lo [...] A organização do departamento juvenil será realizada pelo *Stürmabteilung* (S.A ou Tropas de Assalto), que de imediato elaborará em detalhes os seus estatutos que, depois de prontos, deverão ser encaminhados aos *Ortsgruppen* (os distritos partidários locais). (KOCH, 1973, p.21-23).

Em menos de um mês que a circular foi enviada, Hitler ordenou uma publicação pública solicitando a criação do movimento juvenil e convocando todos os jovens alemães, afirmando a importância do movimento e incentivando as suas adesões, afirmando-lhes que o NSDAP estava determinado em prepará-los para um futuro na grande Alemanha. Nas palavras de Hitler, um passo para esse futuro tinha sido dado pelo seu partido:

O partido criou agora um “Movimento Juvenil do Partido Nacional-Socialista Operário Alemão”, cuja finalidade é reunir os nossos jovens seguidores que, devido a idade, ainda não podem ser aceitos nas fileiras das Tropas de Assalto (*Stürmabteilung*). O “Movimento Juvenil do NSDAP” cuidará para que esses ombros sejam bastante fortes para um dia poder suportar esse peso gigantesco. Exigimos que a Juventude Nacional-Socialista e os jovens alemães, em geral, independente de classe ou ocupação, entre quatorze e dezoito anos de idade, cujo coração tenha sido atingido pelo sofrimento e dificuldade da Pátria, e que mais tarde queiram ingressar nas fileiras dos combatentes do inimigo judeu, causa única da nossa vergonhosa e de nossos sofrimentos, ingressem no “Movimento Juvenil do NSDAP” Também apelamos para as organizações juvenis ainda desvinculadas de qualquer movimento político para que ingresse nessa frente alemã unida contra o inimigo em comum, ligando-se a nós, criando assim um poderoso aríete. (HITLER, *apud* KOCH, 1973, p.23).

A partir destas palavras Hitler deu início a criação do movimento, que futuramente ficaria conhecido como *Hitler Jugend (HJ)*, a Juventude Hitlerista (JH). No começo havia poucos participantes, o movimento ainda não tinha tomado uma grande proporção, então o NSDAP, para conseguir de fato atrair todos os jovens, chegou a propor a isenção na taxa de mensalidades aos jovens

cujas famílias não tinham condições financeiras de arcar com as despesas. O Movimento Juvenil do NSDAP sempre esteve atento com a organização da parte burocrática, desse modo, elaboraram um estatuto para regulamentar sua existência, que foi feito e publicado logo após a criação do movimento, contendo dez artigos que explicitavam e regulamentavam a organização do movimento, a sua vinculação ao partido e, também, as condições para aceitar os jovens na filiação. Vale ressaltar que desde o estatuto o NSDAP já estava claro suas intenções, principalmente, suas concepções ideológicas quanto a raça, o sangue e o antissemitismo. Esse posicionamento sobre as condições da filiação pode ser observado nos artigos terceiro e quinto do estatuto, que são interpretados por Koch (1973):

O art. 3.º Procurava anunciar alguns dos objetivos do movimento juvenil, despertar e valorizar as características que tem origem no sangue germânico, a saber, “o amor pela sua própria pátria e pelo seu povo, a fruição do combate franco e honesto da atividade física saudável, a veneração de valores éticos e espirituais e a rejeição de todos os valores oriundos da judiaria e de Mammom” [...] também estipulava que o movimento ignorava diferenças de classe, ocupação ou posição social, pois estas não correspondem à verdadeira natureza germânica “e são contrárias aos velhos conceitos de uma comunidade de raça e sangue de todo o povo alemão”. [...] o art. 5.º limitava a filiação aos alemães” (arianos) entre quatorze e dezoito anos de idade. Estrangeiros e judeus não podem ser membros.” (KOCH, 1973, p.23-24).

Mesmo com o alarde promovido pelo NSDAP e com a criação do estatuto que clamava aos jovens para se aderirem ao movimento, não tiveram a adesão esperada, a demanda pela filiação foi pouca. Antes desse fracasso, em 1922, os seus membros já haviam tentado se reunir em uma cervejaria *Bürgerbräukeller*, quando também não conseguiram bons resultados, visto que somente dezessete jovens compareceram, número meramente baixo comparado com as expectativas do partido para as filiações. Mesmo com o número baixo de adesões, o NSDAP organizou o que chamaram de “Movimento Juvenil do Partido Nacional Socialista Operário Alemão”, quando começaram a estruturar o movimento em duas alas: a primeira para jovens de quatorze a dezesseis anos e a segunda para os de dezesseis a dezoito anos.

O movimento na cidade de Munique recebeu o nome de *Jungsturm Adolf Hitler*, e ficou a cargo de Lenk, que devia subordinação as S.A. A partir de 1923, o movimento passou por uma expansão regional, com o surgimento de diversos grupos, o que fez com que o movimento expandisse por toda nação. Nesse

mesmo ano Lenk foi promovido a líder nacional, com a missão de criar um “[...] centro administrativo e de organização do Movimento Juvenil Nacional-socialista para toda a Alemanha” (KOCH, 1973, p.26).

O movimento estava crescendo, quando, em novembro de 1923, Hitler foi preso por conta de uma tentativa fracassada de Golpe de Estado. Devido a esse acontecimento, o Partido Nacional Socialista foi banido e somente em 1926 conseguiu retomar suas atividades que se mantiveram até o final da Segunda Guerra (1939-1945). Com a prisão de Hitler, lembra-nos Koch (1973), houve uma desintegração tanto do partido como da ala juvenil. Mas, o movimento não se dissolveu, apenas ficou enfraquecido, e continuou inspirando a criação de novos grupos, como a Associação Juvenil da Grande Alemanha, Associação Juvenil da Defesa Alemã, que foram criadas por Lenk na Baviera e a *Schilljugend* na Áustria.

Hitler era essencial à existência do NSDAP. Isto ficou amplamente demonstrado nos nove meses em que esteve prisioneiro na fortaleza de Landsberg. Ele sozinho era a chave do movimento nazista, o único homem que lhe podia dar coerência e forma. (KOCH, 1973, p.29).

Com sua libertação em 1925, o NSDAP retoma aos seus objetivos antigos, e convoca todos os partidários para a recriação do movimento juvenil do partido. De forma que Hitler passou a contar com o apoio de todas as organizações juvenis que se identificavam com o partido até porque, como afirma Koch (1973, p.33), “Hitler rejeitava qualquer movimento que não se submetesse incondicionalmente à sua vontade pessoal”.

Figura 1 — Primeiro festival do Partido depois da libertação de Hitler e da ressurreição do NSDAP, 4 de julho de 1926.



Fonte: Koch, (1973, p.31)

Em julho de 1926, após a sua reorganização, o NSDAP realizou a primeira reunião em Weimar e, por sugestão de Julius Streicher, a Associação Juvenil da Grande Alemanha foi rebatizada com o nome de “Hitler-Jugend”, Liga da Juventude dos Operários Alemães. Nascia, assim, a Hitler-Jugend, a “Juventude Hitlerista”. (KOCH, 1973, p.33). Após essa reunião Hitler fez uma declaração em que afirmava ser a Juventude Hitlerista a única organização juvenil oficial do NSDAP, o que resultou na integração da Juventude de Operariado Nacional Socialista à Juventude Hitlerista, formando-se, assim, dentro do aparelho partidário.

2.2.2 – A doutrinação da Juventude

A JH foi, segundo Michaud (1996), inspirada ideologicamente nos modelos de organização fascista de Mussolini, mas havia uma importante diferença entre as duas organizações: o racismo, que estava presente na ideologia nazista, “na formação do homem novo” (MICHAUD, 1996, p.292).

Hitler tinha como objetivo fazer com que todas as outras organizações juvenis se juntassem à JH, como descreve Michaud (1996):

As juventudes Hitleristas deviam ser, segundo seus dirigentes as “verdadeiras escolas nação”. [...] tinham por função não apenas suplantar a escola e a família em suas tarefas educativas, mas também iniciar um processo de “educação permanente”, no sentido que Hitler dava a entender no discurso que fez às “suas” *Hitler Jugend* em setembro de 1935, no congresso do NSDAP em Nuremberg: “Nós começaremos a educar este povo de uma maneira nova, a dar-lhes uma educação que se inicia com a juventude para jamais terminar. No futuro o jovem homem passará de uma escola a outra. Isso começará pela criança para terminar com o velho combatente do movimento. Ninguém deve poder dizer que haverá para ele um tempo em que estará entregue a si próprio. (MICHAUD, 1996, p.297).

Neste discurso de Hitler transcrito por Michaud (1996) fica bastante claro quais eram as intenções do NSDAP com a JH. O objetivo era que a JH assumisse o papel educativo dos jovens alemães, e pretendiam a unificação de todos os movimentos juvenis, que passariam a ser todos subordinados a JH e ao NSDAP. Diante da unificação dos movimentos juvenis, se fez necessário a reelaboração do estatuto de 1922, visando melhorias que atendessem seus novos objetivos.

Hitler tinha como objetivo fazer com que todas as outras organizações juvenis se juntassem à JH. Com novas inserções feitas no novo estatuto que foi publicado, “Diretrizes sobre as relações entre NSDAP e JH”, algumas modificações foram feitas. A NSDAP exigia a filiação ao partido de todos os membros da JH maiores de dezoito anos, de forma que toda criança e adolescente que entrasse para a organização deveria continuar filiado após completar dezoito anos, assim integraria como parte do partido em outras funções, como fazendo parte da *Wehrmacht*⁴⁴. A JH anexou-se à estrutura do partido, com exigências às nomeações daqueles que comporiam os escalões superiores, a sua obediência total ao partido; determinou-se que seriam realizadas reuniões sob o comando do partido a cada três meses, nas quais exigiam a participação obrigatória. E por fim, a obrigatoriedade da cobrança de mensalidades independente da condição financeira, e a padronização dos uniformes.

Como já relatado anteriormente, a liderança da JH estava sob o comando do seu idealizador Adolf Lenk, porém ele não conseguiu se manter no cargo por muito tempo, pois, mesmo com todo seu esforço em reorganizar o movimento

⁴⁴ *Wehrmacht* (força de defesa) foi o nome das forças armadas da Alemanha nazista (1933-1945).

após o retorno de Hitler da prisão, acabou sendo vítima de difamação, o que culminou com a sua demissão. A posição de Lenk foi assumida por Kurt Gruber em 1928, que de acordo com Koch (1973), poderíamos definir como “um produto típico da geração alemã pós-guerra” (KOCH, 1973, p.32).

Gruber, após assumir seu posto, em reunião com seus pares, colocou como objetivo discutir algumas questões, dentre elas, a necessidade de ampliar a JH, de modo que contemplasse também as meninas e as crianças menores de quatorze anos. Assim, Gruber sugeriu ao NSDAP a criação de novas alas dentro da JH, uma infantil para as crianças entre dez e quatorze anos e outra feminina, para meninas e moças participarem do movimento. E, por último, dever-se-ia fazer aos novos ingressantes esclarecimentos sobre a JH, afirmando-lhes que esta não seria uma organização qualquer ou um grupo juvenil sem expressão. Segundo Gruber acreditava, as pessoas não poderiam compreender a JH desta maneira, para isso fazia-se necessário que compreendessem o que era de fato a Juventude Hitlerista.

Ela não era nem uma associação política paramilitar nem uma associação de “escoteiros antissemita” tampouco era parte de qualquer organismo do movimento juvenil fossilizado então existente. Ela era um “novo movimento se jovens alemães de mentalidade revolucionária social”, que se sentiam profundamente concordes quanto ao destino de sua pátria. (KOCH, 1973, p. 36).

A criação da JH, subordinada ao NSDAP, como aponta os autores Michaud (1996) e Koch (1973), tinha como objetivo reunir todos os jovens alemães, até mesmo crianças pequenas, em um só grande movimento e todos voltados para os mesmos ideais. Os dois autores afirmam que estes objetivos eram essenciais para o sucesso do partido e, assim, tinham consciência do que teriam que fazer para conseguir concretizar esses objetivos. Bartoletti complementa (2006) dizendo que:

Hitler queria obter a *Gleichschaltung*, ou ‘submissão’ de todas as áreas da sociedade alemã. Começou por eliminar os outros grupos de jovens dizendo: - É importante levar toda a nova geração para a Guarda do Nacional Socialismo para que jamais seja espiritualmente atraída por um partido da velha geração. (BARTOLETTI, 2006, p.35).

De acordo com o que foi explicado pelos autores supracitados, os planos nazistas somente se concretizariam de fato, se ocorresse uma remodelação da Alemanha. Para tal, acreditavam que seria fundamental que toda juventude estivesse inserida no mesmo movimento e compartilhando do mesmo ideal. Por

isso, era importante doutriná-la aos moldes do nacional-socialismo o mais cedo possível, porque assim os resultados seriam mais rápidos. Na concepção dos nazistas era necessário trazer os jovens à ideologia nazista, evitando, assim, que fossem contaminados com as ideias comunistas e/ou capitalistas, que para eles, eram o grande mal que afetava a nação alemã.

Nesse cenário, os nazistas se colocavam como os líderes capazes de guiar a Alemanha na missão de salvar a pátria do mal. O hino da juventude hitlerista, escrito por Schirach, demonstra para que os jovens estavam sendo preparados: “Marchamos por Hitler, pelas noites e no sofrimento [...] nossa bandeira sobrepõe a própria morte” (KOCH, 1973, p.46). Esse trecho do hino explicita a ideia de que os jovens hitleristas dariam sua própria vida por Hitler e que ela também não significava nada perante o que realmente importava, a saber, lutar e morrer pelo *Führer* e pela nação alemã.

O objetivo principal da *JH* era o treinamento da personalidade individual para enfrentar e dominar as circunstâncias vigentes. Isto não significa apenas sentir seu próprio país, mas lutar por ele, arriscar sua vida para libertá-lo dos “grilhões dos capitalistas e dos inimigos da raça alemã. (KOCH, 1973, p.36-38).

Após a demissão de Gruber em 1931, Hitler nomeou Schirach para a liderança da JH, que deu continuidade aos projetos de seu antecessor. Schirach oficializou a ala feminina da JH, entretanto, as mulheres desempenhavam um papel secundário e não recebiam grande destaque e atenção de Hitler e do partido. Apesar do movimento da juventude feminina ter sido criado em 1927, somente em 1930 conseguiu efetivar sua existência, quando recebeu o nome de *Bund Deutscher Mädel* (BDM), Associação das Jovens Alemãs, que se tornou parte da JH em 1931, momento em que foi decidido que seria a única organização feminina ligada ao NSDAP.

Em março 1933 Schirach começou a ter controle sobre todos os movimentos juvenis. Segundo Bartoletti (2006), cerca de cinquenta jovens a seu mando “explodiram sedes de organizações rivais assim acabou extinguindo aproximadamente quatrocentos grupos a maioria de orientação política ou religiosa” (BARTOLETTI, 2006, p.35-36). Após essa conquista nacional Schirach passou a ser “*Jugendführer des Deutschen Reichs*” (Líder da Juventude do Reich Alemão), assumindo o comando de todos os movimentos juvenis, e

controlando tudo que fosse relacionado a JH, tornou-se “o responsável por educar todos os jovens no nacional-socialismo” (BARTOLETTI, 2006, p.36).

Como já mencionamos anteriormente, a JH tinha como um dos seus objetivos educar os jovens nos preceitos nazistas de superioridade racial e no antissemitismo e, principalmente, treinar novos soldados do Terceiro Reich, tanto que, após feita a associação, os jovens deveriam ter treinamentos diários e ensinamentos teóricos sobre atividades de guerra, pois acreditavam que, assim, seriam formados para serem “ótimos soldados nazistas”. Sendo assim, necessariamente, a JH estava imersa em uma doutrinação constante que condicionava a forma de pensar e agir daqueles jovens.

Durante o regime nazista dava-se muita importância às festividades. Nos feriados possibilitava-se que a organização festejasse, fazia-se desfiles que sensibilizavam as massas e divulgavam as ideias da ideologia nazista para conquistar mais adeptos ao movimento. Os autores Michaud (1996) e Bleuel (1972) destacam que alguns dias da semana foram transformados em feriados, dando destaque principalmente às quartas-feiras, que se transformavam em “dia de vigília” (MICHAUD 1996, p. 298), e a noite em “noite do lar da JH” (BLEUEL 1972, p.194). O grande destaque da quarta-feira eram os sarais da JH chamados de “Hora da Jovem Nação”. Nesses sarais os jovens participavam de audições sobre “o grande passado histórico da nação” (BLEUEL, 1972, p.195) e participavam de exposições de filmes. Portanto, por meio desses sarais e filmes se reforçava o doutrinação ideológica. Bleuel (1972) corrobora essa interpretação dizendo que havia diversos projetores cinematográficos que a JH utilizava durante seus sarais, e os nomes dos filmes demonstravam o que os líderes nazistas queriam propagar aos jovens e crianças alemãs:

Em fins de 1938, havia nas diversas sedes da JH dois mil e quinhentos projetores cinematográficos e cinco mil películas que eram distribuídas mensalmente. O texto explicativo acompanhava naturalmente todos esses filmes, de forma que até mesmo os menos dotados líderes da JH podiam despreocupadamente rodá-los em suas concorridas vesperais. Família Saudável, Povo Sadio, A Descendência e as Moléstias Hereditárias, Cinco Mil anos de Germanismo, Versalhes e sua superação e Do Antigo para o Novo Exército, eram alguns dos expressivos títulos dessa coleção. (BLEUEL, 1972, p.195).

A programação dos feriados nazistas era totalmente de cunho ideológico e reforçava as ideias do nacional-socialismo às crianças e jovens. Já em relação aos conceitos ideológicos da Juventude Hitlerista, Koch (1973) diz não acreditar

que os jovens que eram membros tinham uma plena consciência sobre a doutrinação ideológica que lhes estava sendo imposta, e que talvez poucos tivessem percepção do fato. Mas, o que levava grande parte dos jovens a participar e se manter na JH era a experiência de estar na companhia de outros jovens, e por lhes terem sido oferecida a oportunidade de viver em um mundo com aventuras, emoções e diversões, ou seja, o movimento lhes proporcionava o empoderamento e o sentimento de pertencer e ser importantes à grande nação e no mundo em si. Bartoletti (2006) reforça o que a JH proporcionava a estes jovens:

A Juventude Hitlerista oferecia a seus integrantes agitação, aventura e novos heróis para venerar. Deu a estes jovens esperança, poder e a oportunidade de fazer suas vozes serem ouvidas. Para alguns, deu também a oportunidade de se rebelarem contra os pais, professores, padres e outros superiores. (BARTOLETTI, 2006, p.13).

Pode-se perceber que não foi propriamente as ideologias do NSDAP, presentes em *Mein Kampf* e escritas por Hitler, que instigaram a juventude alemã a se ingressar na JH, mas algumas outras representações mentais, a exemplo, o ideal nacionalista, que sempre esteve presente na sociedade alemã. Outra estratégia utilizada pelos nazistas também pode ser apontada como preponderante para a adesão à JH, que foi a valorização que o movimento buscou dar aos jovens, com o discurso de que a juventude era importante para o futuro da nação.

Os jovens, convencidos do seu papel, praticavam esportes, faziam caminhadas, participavam de acampamentos, cerimônias e reuniões. A maioria destas reuniões estavam reservadas à prática de exercícios físicos que fossem referentes ao serviço militar, por isso faziam atividades com o uso de armas, manuseavam granadas e arremessos. Dessa forma, a educação estava presente em diferentes aspectos na formação ideológica.

Cantavam, faziam jogos, decorava frases de propaganda, ouviam palestras e liam folhetos: tudo para aprenderem a ser bons nazistas. As crianças ouviam também programas de rádio especiais para a JH, em aparelhos radiofônicos oficiais chamado a Rádio do Povo. Esses aparelhos baratos só sintonizavam nas estações aprovadas pelo Partido Nazista (BARTOLETTI, 2006, p.31).

Figura 2 — Excursão pela Baviera, sob a bandeira do *Jungvolk* ao lado da antiga bandeira de guerra imperial.



Fonte: Koch, (1973, p.25).

Hitler, assim como seus pares, tinha consciência que seria bem mais difícil atrair os adultos do que as crianças e jovens para o movimento nazista. Tinha noção da dificuldade que seria transformá-los em “bons nazistas”, vistos que os adultos já estavam intelectualmente formados, então seria bem mais fácil atrair os jovens, pois desde a infância seriam educados sob os preceitos nazistas. Durante a República de Weimar, como exposto anteriormente, os governantes não souberam dar voz e destaque aos jovens, o que foi um grande erro na concepção de alguns estudiosos que defendem que os líderes políticos deveriam ter tido uma maior preocupação com os jovens alemães e por isso teriam fracassado, diferentemente do NSDAP que focou em atraí-los desde cedo.

Começo pelos jovens – disse Hitler. – Nós, mais velhos, estamos desgastados. [...], Mas meus maravilhosos jovens! Será se que existem melhores no mundo? Olhem para todos esses rapazes e meninos! Que material! Com eles, posso formar um mundo novo (*apud* BARTOLETTI, 2006, p.14).

Koch (1973) afirma que o NSDAP conseguiu criar “entre os jovens o sentimento de que eles não estavam apenas disputando jogos, mas participando ativamente na luta para devolver à Alemanha a sua honra e sua antiga posição no mundo” (KOCH, 1973, p.55). O autor ainda afirma que muitos membros da

JH que participaram da marcha de 1933 em homenagem a nomeação de Hitler como Chanceler da Alemanha, não sabiam para onde eles estavam sendo levados pelos ideais nacionalistas, ou até mesmo não imaginavam a importância que eles trariam para o Regime Nazista durante os doze anos que esteve sob poder. Na realidade, poucos desconfiavam para onde seriam levados e para que fins seriam explorados, muitos aderiram ao movimento buscando diversão, emoção ou para participar de acampamentos, como já foi exposto anteriormente. Os jovens queriam fazer parte da nova Alemanha que foi reerguida por Hitler, porém, muitos só descobriram de fato do que se tratava o Regime Nazista com a queda do Terceiro Reich em 1945 e a derrota alemã na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Michaud (1996) diz que a JH, na concepção dos nazistas, era a verdadeira escola da nação, com uma organização e função com capacidade de iniciar o processo de educação, pois deveria ofuscar a escola e a família de suas tarefas educativas. Somente quando o jovem entrasse na JH, que de fato começaria “sua verdadeira educação, que deveria levá-lo a “pensar alemão”, a “agir alemão” (MICHAUD, 1996, p.300).

Em 1933, a JH contava com 108 mil membros, sendo que esse número aumentou para 3.5000.000 milhões em 1934 e logo passou para 5.400.000 milhões de jovens no final do ano de 1936. O ano de 1936 foi intitulado como “o ano da *jungvolk* alemã”, com o objetivo de recrutar todas as meninas e meninos nascidos no ano de 1926 para as alas infantis da JH. Este foi um ato para presentear o Führer, visto que essa cerimônia em que as crianças fariam o juramento seria no dia do seu aniversário 20 de abril. Os jovens que já compunham as fileiras da JH, fizeram cartazes e panfletos e distribuíram para persuadir as crianças a adentrarem ao movimento.

Figuras 3 e 4 — Cartazes de propaganda, do ano de 1936 convocando os meninos e meninas de 10 anos a se juntarem a JH; “A juventude serve ao Führer – Todos os meninos de dez anos na Hitler-Jugend”.



Fonte: Lemo Lebendiges Museum Online

Sobre o doutrinamento ideológico entre as crianças pertencentes as fileiras da JH, vale ressaltar uma fala de Hitler proferida no ano de 1938:

[...] Muitos desses meninos e meninas que se juntam às nossas organizações aos 10 anos de idade, pela primeira vez na vida recebem um pouco de ar puro; depois de quatro anos [inseridos na organização] “Povo Jovem” eles unem-se à Juventude Hitlerista, onde permanecem por mais quatro anos. Se, ainda assim, eles não tenham se tornado nacional-socialistas por completo, eles entram para o “Serviço de Mão-de-Obra”, e ali são lapidados por seis ou sete meses mais... E se ainda sobrar [dentro deles] alguma consciência de classe ou status social... as Wehrmacht [forças armadas alemãs] cuidarão disto”. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAM MUSEUM *apud* Adolf Hitler, 1938).

O ano de 1936, além de ter sido um marco com “o ano da *jungvolk* alemã”, também teve um marco de virada na Juventude Hitlerista, pois nesse ano conseguiram colocar suas instalações e atividades esportivas somente para aqueles que eram membros, assim quem não fosse não poderia usufruir. Hitler, no final desse ano, acabou aprovando a lei que obrigava a filiação a todos os

jovens alemães saudáveis para se adentrarem a JH. Porém, essa lei somente foi promulgada em 1939 com a deflagração da Segunda Guerra Mundial.

Finalmente, a 1. De dezembro de 1936, tornou-se a primeira providência, há muito tempo esperada: a lei pela qual o governo torvava compulsória a filiação na JH a partir dos dez anos de idade, e pela qual a tarefa de “educar toda a juventude alemã na Juventude Hitlerista” cabia ao *Reichsjugendführer* do NSDAP, Baldur Von Schirach. [...] Com a educação paterna e escolar nas mãos, a JH transformava-se na terceira força legal em importância na formação do caráter da juventude alemã (KÖCH, 1973, p.75).

2.2.3 – A seleção e preparação dos jovens Hitleristas e as sessões especializadas

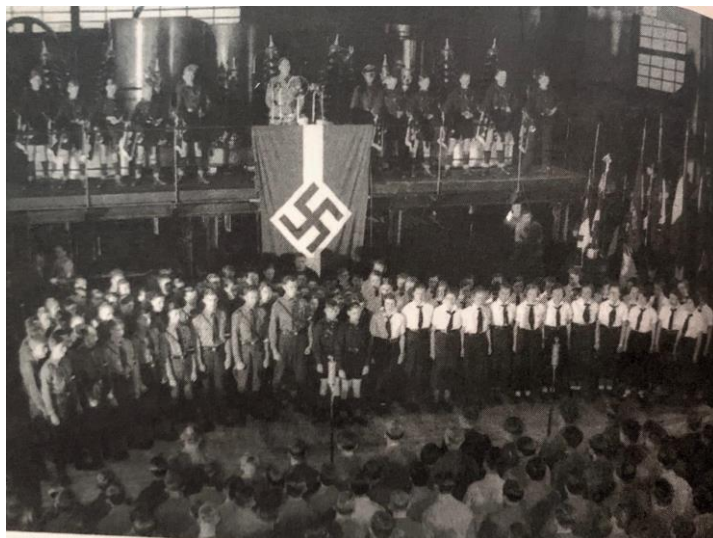
Hitler, no seu projeto, determinava que as crianças e jovens seriam educados pela JH. Entretanto, nem todas estavam aptas a fazerem parte do movimento, assim se faz importante descrever as exigências no processo de seleção para aderir-se ao movimento e as sessões do quadro da JH, nas quais os garotos e garotas eram destinados.

Bartoletti (2006) reproduz o depoimento de um jovem, Karl Schnibbe, de 12 anos que se alistou no movimento, em que descreve a cerimônia para entrar na organização: “Quando a cerimônia começou, a sala ficou em silêncio. Primeiro, um líder do Partido Nazista fez um pequeno discurso. Depois, cada menino e menina, um por um, fez o juramento da Juventude Hitlerista”. (*apud* BARTOLETTI, 2006, p.27-28). Em seguida, posicionados em pé, com a mão esquerda segurando a Bandeira de Sangue e com três dedos da mão direita levantados, faziam o seguinte juramento: “Na presença desta Bandeira de Sangue, que representa nosso Führer, juro dedicar todas as minhas energias e forças ao Salvador de nosso país, Adolf Hitler. Aceito e estou disposto a dar minha vida por ele. E que Deus me ajude”. (*apud* BARTOLETTI, 2006, p.28).

Após a cerimônia os jovens eram submetidos a outros testes, o primeiro consistia em uma avaliação, em que “cada menino e menina tinha que fazer uma prova escrita para garantir que conhecia as ideias nazistas sobre raça e política. Também tinham de provar sua origem racial”. (BARTOLETTI, 2006, p.29). Bartoletti (2006) relata que por mais que o alistamento fosse voluntário, nem todas as crianças podiam entrar na JH, somente as que provassem ter ascendência “ariana”, que era comprovada por meio de um documento oficial assinado e selado chamado “*Abnenpass*”, que provava sua origem racial. E,

além desse documento, havia uma conferência dos registros religiosos, pois não era permitido a filiação ao movimento às pessoas de credo judaico, era necessário excluir a participação deles.

Figura 5 — Integrantes da Juventude Hitlerista assinam a declaração de que é ariano puro.



Fonte: Bartoletti, (2006, p.28) *apud* (National Archives)

Conforme já explicado neste estudo, os nazistas se preocupavam sobremaneira com a questão racial, e “definiam a raça ariana como povos nórdicos ou brancos, sem mistura de antepassados judeus, pois consideravam os arianos como “raça superior”. Diziam que os cabelos louros e olhos azuis caracterizavam os arianos “mais puros”. (BARTOLETTI, 2006, p.29). Os membros da JH aprendiam que a raça ariana estava acima de todas.

Bartoletti (2006) assinala mais um requisito exigido para ser membro do movimento: a saúde. Os proponentes deveriam comprovar ser uma pessoa saudável e não possuir nenhuma doença hereditária. A autora também sublinha a exclusão e a marginalização de crianças que se encontravam opostas ao que a JH buscava.

Os meninos e meninas precisavam provar também que eram saudáveis e sem doenças hereditárias. Algumas crianças deficientes físicas podiam participar de uma sessão especial, a JH Doente ou com Deficientes, desde que fossem aprovadas nas provas de raça.

Crianças com deficiência visual ou aditiva podiam entrar, desde que provassem que a doença não era hereditária. Já as deficientes mentais não podiam participar, independente do grau de fidelidade dos pais ao Partido Nazista. (BARTOLETTI, 2006, p.29).

Hitler presava bastante os “corpos sadios”, em suas palavras:

Deve se providenciar para que só pais sadios possam ter filhos. Só há uma coisa vergonhosa: é que pessoas doentes ou com certos defeitos físicos possam procriar, e deve ser considerando uma grande honra impedir que isso aconteça. [...] Quem, física ou espiritualmente, não é sadio ou digno, não deve perpetuar os seus defeitos através de seus filhos! (HITLER, 2016, p.307).

A exclusão também acontecia aos judeus ou aos “meios judeus”, mesmo que fossem convertidos ao cristianismo. Esse fato deixou muitas crianças judias chateadas por serem marginalizadas pelo nazismo e afastadas do convívio de amigos que participavam do movimento. Mesmo que se sentissem pertencentes a Alemanha e até dispostos a servirem em nome da nação, foi um direito que lhes foi negado.

Após a comprovação de conhecimentos nazistas e sua própria origem racial, iniciava-se a avaliação de capacidades físicas e, em seguida, a prova de coragem. Na avaliação de capacidade física os candidatos “participavam de corridas, jogavam beisebol, faziam natação e ginástica. As meninas faziam caminhadas de duas horas, enquanto os meninos faziam uma de três dias pelo país.” (BARTOLETTI, 2006, p.30). Os meninos passavam pela prova de coragem pulando de uma altura de dois a três andares em cima de uma lona ou dentro d’água.

[...] Exigiam que mergulhássemos de cabeça de um trampolim de três metros de altura na piscina da cidade – contou Alfons Heck. – Alguns caíam de barriga, mas a dor era recompensada quando nosso líder nos entregava o cobiçado punhal com a inscrição SANGUE E HONRA. A partir daquele momento, estávamos aprovados. (BARTOLETTI, 2006, p.30).

A postura política do candidato e dos familiares era outro requisito para entrar no movimento. “Algumas crianças eram reprovadas se os pais não fossem bons nazistas” ou tivessem “comportamentos políticos sujeito a restrições”. (BARTOLETTI, 2006, p.30). Também eram excluídos os candidatos, cujos pais tivessem amigos judeus ou fossem Testemunhas de Jeová, e que não fossem filiados ao NSDAP. Diante dessas exigências, as crianças, não querendo ser excluídas, imploravam aos pais para se filiarem no Partido Nazista e a se tornarem “bons nazistas”.

Após serem aprovados, Michaud (1996) nos informa que o alistamento se fazia na idade de dez anos. O garoto (*Pfimpf*), após participar das provas esportivas, entrava no Jovem Povo Alemão (*Deutsche Jungvolk*) e, durante o período de quatro anos, era acompanhado por uma caderneta de notas que indicava seus progressos físicos e ideológicos. Já as meninas, segundo Koch (1973), passavam por um noviciado durante dois a seis meses. Após esse período, ambos realizavam novas provas físicas, ideológicas e de bravura, e quando aprovados recebia o direito de usarem “faca de ‘escoteiro’ “[...] modelada na forma de uma baioneta militar, embora em tamanho menor, a ombreira e as insígnias da *Jungvolk* na camisa parda” (KOCH, 1973, p.74). Todos os seus progressos eram anotados na caderneta supracitada e avaliados durante todo o período. No final, após serem aprovados, participavam de uma cerimônia que acontecia todo ano, coincidentemente, no dia do aniversário de Hitler (20 de abril), “a fim de cada um soubesse que ‘pertencia ao Führer’”. O menino prestava juramento por ocasião de uma “consagração da bandeira”: Em presença deste estandarte de sangue, que representa nosso Führer, juro consagrar toda a minha energia e toda a minha força ao Salvador de nosso país, Adolf Hitler. Estou pronto a dar minha vida por ele, e confio-me a Deus. (MICHAUD, 1996, p.300).

Em relação ao juramento, percebe-se uma contradição entre os autores Bartoletti (2006) e Michaud (1996), o primeiro apresenta o juramento como sendo o primeiro passo para adentrar ao movimento, já o segundo apresenta que seria no final após concluir a última etapa de avaliações.

Michaud (1996) diz que “após o juramento é que se iniciava a verdadeira educação dos garotos que os levaria a pensar alemão e agir alemão” (MICHAUD, 1996, p.300). Assim, estes jovens representariam o que Hitler dizia: “o menino alemão do futuro deve(ria) ser vivo e hábil, rápido como um galgo, resistente como o couro, duro como o aço de Krupp. Para que nosso povo não desapareça sob os sintomas de degenerescência de nosso tempo, devemos erguer um Homem Novo”. (MICHAUD, 1996, p.300).

Bleuel (1972) apresenta que, assim que o garoto era admitido nos Contingentes da Juventude Alemã (*DJ- Deutsches Jungvolk*), recebia o líder da Juventude do Reich, e era quando ele tinha a confirmação do fim da sua infância:

[...] sua infância se achava agora encerrada e que dali em diante todos pertenciam à Juventude. Ia começar uma nova fase de sua vida, repleta de deveres. Eles trabalhavam agora para o futuro da Alemanha

e para o nosso querido *Führer*: a ele pertencemos hoje, amanhã e eternamente (BLEUEL, 1972, p.194).

O garoto, a partir desse momento, deixava de ser menino para se tornar um homem, fato que deixava estes garotos muito contentes, pois, ao contrário de suas experiências nas escolas e nos lares, não seriam mais tratados como crianças, mas sim como homens adultos. As meninas, para entrarem para a JH, também se candidatavam aos dez anos de idade e, quando eram aceitas, passavam a fazer parte da Jovens Virgens (*Jung-Mädels*), na qual recebiam os mesmos ensinamentos que os meninos. Michaud (1996) informa que esses ensinamentos eram feitos da seguinte maneira:

[...] no primeiro ano, meninos e meninas deviam aprender os “Deuses e heróis dos germânicos”; no segundo, os “grandes alemães” (de Frederico o Grande a Bismarck); no terceiro, “Vinte anos de combate pela Alemanha” (os “anos de luta” do nacional-socialismo); no quarto, enfim, “Adolf Hitler e seus companheiros de luta”. (MICHAUD, 1996, p.300).

Havia também no programa exercícios físicos para “endurecer o corpo”. Os meninos deveriam percorrer quilômetros de acordo com sua idade, os garotos de dez anos percorriam cerca de oito a dez quilômetros por dia e os de treze anos percorriam “dezoito quilômetros, dos quais dois terços, pelo menos, durante uma longa marcha”. (MICHAUD, 1996, p. 300). O mesmo autor cita algumas palavras de Hermann Rausching que diz:

De início [...] essas marchas passavam por estranha mania do nacional-socialismo. Foi apenas mais tarde que se discerniu ali também uma vontade sutil, que sabia muito bem encontrar os meios apropriados aos meus fins. [...] A marcha mata o pensamento. A marcha mata a individualidade. A marcha é o rito mágico insubstituível, cujo mecanismo moldará a comunidade popular até o subconsciente [...] O passo cadenciado faz entrar nos corpos assim dizer, o sentimento de comunidade. (RAUSCHING *apud* MICHAUD, 1996, p.300).

Essas palavras de Rausching nos permite entender o sentido da marcha e que o treinamento precisava ser realizado coletivamente para promover a “morte” de toda a individualidade do garoto e garota para que deixassem de ser eles mesmos e passassem a atender e a pertencer a JH.

Quando os garotos completavam dezoito anos eram enviados a outras estruturas do NSDAP, por exemplo, à Frente do Trabalho, que era obrigatória para os jovens de ambos os sexos, a S.A. ou a S.S. As garotas permaneciam por mais tempo na BDM, dos vinte aos vinte um anos. Havia, segundo Koch

(1973), cursos específicos que tinham como objetivo o aprimoramento físico e ideológico dos jovens e eram feitos da seguinte maneira:

[...] o treinamento da liderança da JH [...] consistia de cursos de três semanas, cada uma totalizando um total de 170 horas. Desta, 105 horas eram destinadas ao “treinamento físico”, divididas em 49 horas de esportes “cross-country”, 40 horas de exercícios físicos e 16 horas de exercícios de tiro com fuzil. Um total de 65 horas era gasto com “treinamento ideológico”, que compreendia 37 horas de instrução política, 3 horas de seminários políticos e o restante era dedicado a algum dos aspectos mais práticos da liderança da JH, tais como direção de pequenas reuniões e debates de grupo. (KOCH, 1973, p.94).

Esses cursos visavam promover a formação do indivíduo para o combate, treinar estes jovens nos ideais nazistas e, principalmente, para que ficassem prontos para uma futura guerra. Além do treino com o corpo, acontecia de forma intensiva a inculcação ideológica, mal sobrava tempo para que estes jovens pudessem formular qualquer tipo de pensamento reflexivo que não fosse da ideologia nazista.

Já em relação aos acampamentos, Michaud (1996) diz que assumiam a herança da *Jugendbewegung*⁴⁵ dissolvida, porém, sob a liderança da Juventude Hitlerista, “havia se tornado verdadeiros campos de treino militar” (MICHAUD, 1996, p.301). Bleuel (1972) destaca que a juventude foi “atraída pelo aspecto romântico do antigo Movimento Jovem, com suas barracas, cozinha de campanha, manobras táticas e conselhos ao pé do fogo quanto ao caráter militar da vida dos acampamentos” (BLEUEL, 1972, p.196). Michaud (1996) corrobora esse mesmo entendimento, afirmando que os acampamentos juvenis acabaram se transformando em campos de treinamento militar. Nesses acampamentos havia uma rotina, onde os jovens tinham doze horas de atividades, oito de sono e duas de tempo livre, assim, estes jovens vivenciavam um treinamento militar rígido. Michaud (1996) informa que as atividades dos rapazes eram:

Treinamento em formação aberta e cerrada, camuflagens, emboscada para o inimigo, proteção de uma coluna em marcha, operações de batedores, montagens de tendas, cartografia, exercícios de tiro, assim como todos os esportes capazes de desenvolver o senso de desempenho. (MICHAUD, 1996, p.302).

⁴⁵ O Movimento Juvenil Germânico ou Movimento da Juventude Alemã.

Bartoletti (2006) retrata que a vida nesses acampamentos se iniciava às seis da manhã, e que era altamente militar, os meninos “aprendiam a obedecer a ordens sem discutir e a matar, mesmo se isso significasse sua própria morte” (BARTOLETTI, 2006, p. 66), e reforça dizendo que é difícil não pensar que Hitler não estava em uma preparação para a guerra.

Figura 6 — Futuros soldados do Terceiro Reich acostumam-se às condições espartanas, num acampamento de verão.



Fonte: Koch, (1973, p.25)

Já as moças participavam de atividades que tinham como foco o aprendizado de “conhecimentos aprofundados de socorro e salvamento, primeiros socorros e defesa passiva em caso de ataque aéreo e guerra química” (MICHAUD, 1996, p.302). E, além de receber tais ensinamentos, o aprendizado de extrema importância era o “da maternidade e de sua função vital para o futuro da jovem Alemanha” (MICHAUD, 1996, p.302). Devido ser esse o maior desejo do Führer para as mulheres, afirma o autor que “Era então que se tornavam verdadeiramente os soldados de uma ideia, com a missão de dar corpo ao *Reich* ideal” (MICHAUD, 1996, p.302).

Figura 7 — A BDM, Liga das Moças Alemãs, desfila por ocasião da visita do Líder Nacional da Juventude, Baldur Von Schirach.



Fonte: Koch, (1973, p. 36)

As moças tinham na BDM o “dever com relação a raça” (MICHAUD, 1996, p.302), por isso deveriam e poderiam contribuir com a grande nação alemã, que tinha como slogan “dar um filho ao Führer” (MICHAUD, 1996, p.302). A educação feminina na BDM era voltada para a “conscientização de suas obrigações comunitárias e de inteira predisposição ao sacrifício em prol da causa nacional-socialista” (BLEUEL, 1972, p.199), ou seja, tinham o dever e missão de povoar a nação alemã com o melhor material genético visando perpetuar a raça ariana.

Michaud (1996) afirma que estas moças aprendiam na BDM conjuntamente com o que foi instaurado o “casamento biológico”, e lhes era recomendado ter relações sexuais fora do casamento sustentado no ideal de conservação da raça alemã. Com essa política, o partido nazista obteve um ótimo resultado, pois mais de mil moças retornaram grávidas após o congresso do partido realizado no ano de 1936 em Nuremberg, e a partir de 1937, o número de mulheres grávidas só aumentava. Michaud (1996) diz que o Führer era, simbolicamente, o pai desses filhos nascidos sob o ideal nazista. Segundo o mesmo autor, foi concedido pelo Ministério do Interior do Reich a essas jovens

mães o direito de serem chamadas de senhoras, porque essas mulheres se tornaram um símbolo de pertencimento a nação alemã e, principalmente, a Hitler. Todas eram mães de seus filhos, e por meio de um decreto, passaram a ser representadas como “figuras de heroínas habitadas pela ideia nacional-socialista, lutando na frente dos nascimentos, para assegurar a reprodução do material humano” (MICHAUD, 1996, p.303).

Muitos pais não ficaram felizes com a liberdade sexual de suas filhas, porém, se fossem contra ou se expressassem qualquer aversão ao verem suas filhas darem um filho ao Führer e a nação alemã, seriam denunciados como opositores ao NSDAP e, principalmente, contra a “política de *Bevölkerung*, de povoamento para o leste, que devia dar realidade ao espaço vital” (MICHAUD, 1996, p.303).

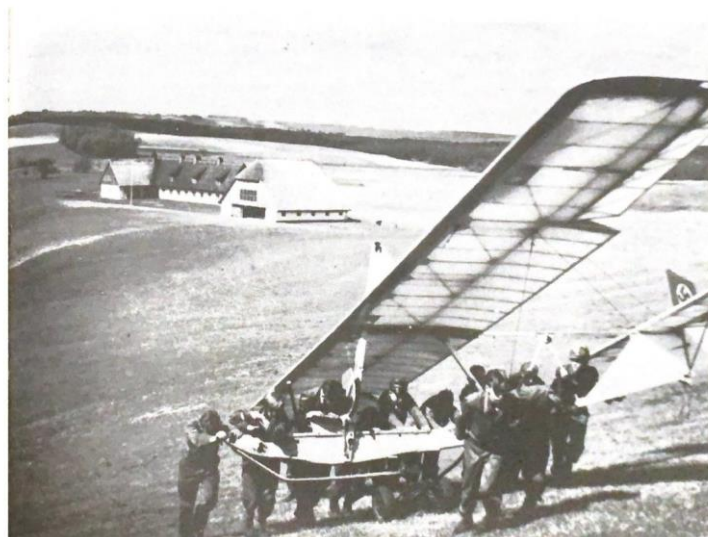
Sobre ter filhos fora do casamento, Lenharo (2001) afirma que essa política foi uma “tese do pragmatismo da dupla moral nazista” (LENHARO, 2001, p.73). Segundo o autor, enquanto Hitler pregava em *Mein Kampf* como dar aos jovens uma educação severa enfatizando o “casamento precoce e a família numerosa como recursos de regeneração da sociedade” (LENHARO, 2001, p.73), Hitler, por outro lado, possibilitou, por meios legais, a liberdade sexual com fins de procriação. O que permitia e regulamentava a prostituição, vista como algo público, e permitia também relações pré e extraconjugais. O autor frisa que o adultério era permitido, não era condenado, as mães solteiras eram vistas como “heroínas” por darem um filho ao *Führer* e, assim, a virgindade deixou de ser valorizada. Levando em consideração o conservadorismo do povo alemão, que prezavam principalmente a autoridade familiar, é bem “estranho” aceitar que de fato, durante o Regime Nazista, houve uma contradição sobre a moral tradicional familiar alemã.

O NSDAP, buscando uma maior aproximação com os jovens, desenvolveram medidas para a participação e integração destes nos objetivos do regime. De forma que a JH foi organizada em seções especializadas. Bartoletti (2006) destaca que as formações que tinham mais popularidade eram: a Força Aérea (*Flieger-JH*), Motocicletas (*Motor-JH*) e Marinha (*Marine-JH*).

Koch (1973), diz que no ano de 1934, os jovens membros da JH tiveram permissão para participarem da Associação Alemã de Esportes Aéreos. Foram formados grupos, organizaram-se e planejaram a construção de modelos de

planadores e, em 1937, os líderes da JH fundaram a sessão Flieger-JH. Nessa sessão possibilitava-se aos “jovens aprenderem sobre aeronáutica, e assim quando completassem dezoito anos seriam enviados para o *NS- Flieger-Korps* (o Corpo de Aviadores Nacionais-Socialistas)” (KOCH, 1973, p.126). Recebiam instruções de voos em planadores e em aviões motorizados, de forma geral era “o primeiro passo para ser piloto da Força Aérea Alemã” (BARTOLETTI, 2006, p.65).

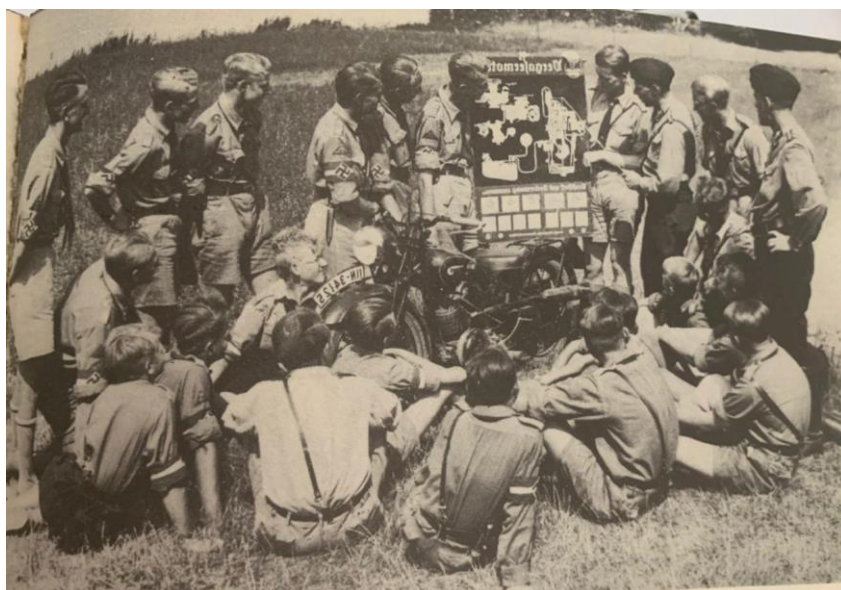
Figura 8 — Membros da unidade especial de aviação, a Flieger-JH, às voltas com um planador.



Fonte: Koch (1973, p.127)

A *Motor-JH* era uma sessão destinada a treinar jovens acima de 16 anos para dirigir os veículos automotores, nessa seção os jovens aprendiam sobre mecânica e recebiam a carteira de habilitação. Após serem treinados, eram inseridos “nas unidades motorizadas e no corpo de motoristas da *Wehrmacht*” (KOCH, 1973, p.129).

Figura 9 — Membros da formação especial, a Motor-JH.



Fonte: Koch (1973, p.128)

Já a *Marine-JH*, oferecia-se aos jovens membros um treinamento e aprendizado em torno de navegação, remo em lagos e rios, assim, no futuro seriam integralizados ao corpo da Marinha Alemão.

Figura 10 — Futuros almirantes da Marine-JH, recebendo lição de cartografia.



Fonte: Koch (1973, p.128)

A Juventude Hitlerista também possuía outras formações de sessões como as unidades em que os jovens “aprendiam a telegrafar em código Morse” (BARTOLETTI, 2006, p.65), e havia a unidade que cuidava de futuros médicos, tinha a *Reiter-JH*, que era a unidade de cavalaria, destinada aos jovens do campo. A Força da patrulha, “que atuava como se fosse uma ala jovem de agentes da Gestapo, prendendo crianças e adolescentes que desrespeitavam a lei”. (BARTOLETTI, 2006, p.65), nela os jovens recebiam treinamentos de espionagem e atuavam dentro da sociedade, realizando serviços policiais. Esses membros tiveram muita influência na sociedade alemã na época, a exemplo dos garotos integrantes da *Streifendienst*, que tinham autorização, inclusive, para agir contra aqueles que não seguiam o que estava proposto pelo NSDAP.

Ficavam atentos a menores de idade que fumassem ou bebessem, sendo condenados a três semanas de prisão e multa de cinquenta *reichsmarks*. Conferiam carteiras de identidade para evitar que adolescentes menores assistissem a filmes proibidos, com cenas de dança e beijos. Conferiam se os jovens se comportavam de forma ordeira em lugares públicos. Notificavam sobre vizinhos suspeitos e chegavam a acompanhar os serviços religiosos para garantir que os sermões estavam de acordo com os princípios nazistas. (BARTOLETTI, 2006, p.65).

Outra especialização dentro da JH era a unidade de formação jovem integrado ao serviço especial: o serviço agrícola. Segundo Koch (1973), era feito de forma compulsória, e fica explícito em uma circular feita pelo NSDAP em 1940:

O serviço agrícola é uma tarefa política do nacional-socialismo. Sua finalidade é levar rapazes e moças da cidade de volta a terra, criar novos recrutas para ocupações agrícolas e garantir sua continuidade. Os melhores deles devem receber oportunidades de se estabelecerem. A JH é o único executor do serviço agrícola. (KOCH, 1973, p.129).

Assim, todos os jovens de todas as sessões deveriam fazer seus treinamentos e também participar de acampamentos, caminhadas, praticar esportes, afinal o treinamento deveria ser constante, pois seriam estes jovens que dariam corpo à futura *Wehrmacht* alemã.

Como já mencionamos anteriormente, o movimento da Juventude Hitlerista tinha como um dos seus objetivos educar os jovens nos preceitos nazistas. Para isso ocorria uma doutrinação constante que condicionava a forma de pensar e agir daquelas crianças e jovens, convencidos do seu papel estes jovens praticavam diversos exercícios físicos, participavam de acampamentos e

reuniões do movimento, dentre outros. Dessa forma a educação estava presente em diferentes aspectos na formação ideológica, tanto que Hitler determinou que as crianças e jovens seriam educados pela JH. Além do treino com o corpo, ocorria de forma intensiva a inculcação ideológica, que mal sobrava tempo para que os jovens pudessem formular qualquer tipo de pensamento reflexivo que não fosse da ideologia nazista. Porém, não era somente no movimento que ocorria a doutrinação ideológica, as escolas alemãs tiveram seu papel de destaque na época, por meio delas que o Führer e o NSDAP viram uma oportunidade de doutrinar de forma mais intensiva a juventude. A educação alemã durante o Terceiro Reich foi reformulada para seguir os parâmetros que o Regime estabelecia de como deveria ser a educação do Nacional-Socialismo.

3 – A EDUCAÇÃO NO TERCEIRO REICH: DOUTRINANDO O INDIVÍDUO NAZI

Neste capítulo trataremos sobre a educação do Terceiro Reich, abordando o que o Führer descreveu em sua autobiografia *Mein Kampf* a respeito de como deveria ser a educação do nacional-socialismo. Segundo Hitler (2016), o Estado tinha o dever de prover a educação para crianças e jovens, como também deveria ser um meio a ser usado para doutrinar ideologicamente a juventude. Assim visando colocar em prática o que descreve sobre como deveria ser a educação sob comando do Nacional-Socialismo, Hitler cria duas instituições educacionais, as NAPOLAS e as Escolas Adolf Hitler, que deveriam formar a elite de jovens mais bem educados de acordo com os preceitos nazistas. Em seus discursos, fazia crer que ao adentrarem nessas duas instituições os alunos já tinham seus futuros já escolhidos pelo slogan que a instituição trazia consigo. Para melhorar as adequações à educação nazista pretendida, Hitler e o NSDAP modificaram o currículo escolar regular alemão, todas as disciplinas e o ambiente escolar. Os nazistas visavam com essas mudanças na área da educação torná-la mais um local onde poderiam de forma intensiva implementar a doutrinação ideológica em massa, a aqueles considerados como “mais fáceis de serem doutrinados”.

3.1 – EDUCAÇÃO GERAL: O ESTADO A FRENTE DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS DO TERCEIRO REICH

Como exposto no capítulo anterior, com a nomeação de Hitler a chanceler do *Reich* em 1933 e sua ascensão ao poder, iniciou-se o Terceiro Reich (1933-1945). A partir desse momento, os jovens passaram a ocupar o centro das preocupações do partido Nazista que, através do NSDAP, que cooptou-os visando transformá-los em agentes para atender os seus interesses de construir uma nova nação alemã. Como aponta Michaud (1996), quando Baldur Von Schirach se tornou chefe da juventude do Reich, acreditava-se que a juventude seria o futuro da nação alemã, tanto que assim afirmava: “só o que é eternamente jovem deve ter seu lugar (*Helmat*) em nossa Alemanha [...] os homens interiormente velhos são a peste de um povo só” (*apud* MICHAUD,

1996, p.291). Vale ressaltar que essa era ideia que Hitler e o NSDAP tinham e utilizavam para atrair os jovens ao movimento.

Assim, a juventude era enaltecida pelo regime nazista, os “jovens de espírito e de ideias”, segundo os nazistas, eram os que compreendiam e aceitavam as novas ideias instituídas na Alemanha e por isso precisavam estar comprometidos com a nova Alemanha. Michaud (1996) aponta que Schirach tinha uma visão sobre os jovens que também presentes na JH, “aquele que marcha nas fileiras da *Hitler-Jugend* não é um número entre milhões de outros, mas o soldado de uma ideia”. (MICHAUD, 1996, p.291). Por essa razão, o integrante da JH tinha um combate, durante toda a sua vida, um conflito de gerações em todos os lugares e tempos, “não se identificava apenas com a luta contra o sistema de Weimar [...] esse combate se inscrevia-se na história [...] travado pela raça ariana pela pureza de seu sangue, isto é, de sua ideia”. (MICHAUD, 1996, p.291).

Vitkine (2010) entende que Hitler tinha a plena consciência da dificuldade que seria transformar os alemães adultos em bons nazistas, fato também apontado por Bartoletti (2006), que foi explanado no capítulo anterior. Portanto, a juventude tornou o seu foco, e para “a juventude, em compensação, pareceu-lhe um eldorado a ser conquistado a qualquer preço. O novo alemão seria formado na idade em que se é realmente maleável” (VITKINE, 2010, p.58). Acreditavam que os jovens seriam bem mais fáceis de serem “moldados” intelectualmente. Desse modo, frisavam a importância de começar o doutrinamento desde cedo, pois a educação deveria “moldar” essa criança conforme o que Hitler e o NSDAP queriam, ou seja, transformá-los em “excelentes nazistas”.

Bleuel (1972) diz que:

Em quem melhor inculcar esta posição e em condições de mais favoráveis perspectivas senão na entusiástica receptividade da juventude? Daí também não se haver postergado um só minuto em basear nesta mesma juventude o proclamado *Reich* de Mil Anos e todo o futuro da nação. (BLEUEL, 1972, p.153).

O Estado tinha a responsabilidade para com a educação das crianças e jovens, a educação não ficava exclusivamente apenas na escola, ia além disso, Michaud (1996) apresenta:

Porque essa tarefa na formação (*Bildung*) e de educação (*Erziehung*) cabia em primeiro lugar ao estado racista ou “étnico) (*völkisch*), a família e a escola iam subordinadas às organizações paramilitares da juventude [...] a escola, embora fosse menos imediata e com frequência menos controlável ideologicamente, continuava a ser – sobretudo no início do novo regime – o único lugar em que o Estado racista podia deixar sua marca no conjunto dos jovens alemães. (MICHAUD, 1996, p.292).

Sobre esse ponto, como em muitos outros, *Mein Kampf* explicita o valor do Estado no programa:

O Estado racista terá atingido seu fim supremo de instrutor e de educador quando houver gravado no coração e no cérebro da juventude a ele confiada o espírito e o sentimento da raça. É preciso que nenhum rapaz ou nenhuma moça venham a deixar a escola sem ter sido levada ao perfeito conhecimento do que são a pureza do sangue e sua necessidade. Assim, terão sido estabelecidas as condições da conservação dos fundamentos raciais de nosso povo e com isso estará assegurado o desenvolvimento posterior da cultura. De resto [acrescentava Hitler] do ponto de vista da raça, a educação deve encontrar seu remate definitivo no serviço militar. Esse tempo de serviço deve ser considerado como o último estágio da educação normal do alemão médio. (MICHAUD, 1996, p.292).

O Estado estava a frente da educação dos jovens no Terceiro *Reich*, em contrapartida, a família se declinava cada vez mais nesse novo “estilo de vida” da nação que Rosenberg definiu como “coluna em marcha, a escola devia assegurar, então um papel articulador na formação desses jovens, cuja missão era dar corpo e realidade ao ‘Reich Ideal’ (*ideales Reich*)”. (MICHAUD, 1996, p.292). Sobre o dever do Estado com a educação, Hitler acrescenta o seguinte em *Mein Kampf* (2016): “O Estado deve dirigir a educação do povo de maneira que a infância, desde os primeiros tempos, se prepare a enfrentar a luta pela vida que espera. Devo tomar todo o cuidado para que não se forme uma geração de comodistas”. (HITLER, 2016, p.310).

Hitler, em *Mein Kampf*, também aponta propostas que o nacional-socialismo determinava sobre o dever do Estado para com a educação: “o Estado tem como uma das finalidades, a educação, tanto intelectual como física, dos jovens, depois da idade escolar. E essa educação deve ser realizada de acordo com a orientação oficial, visando nas suas linhas gerais, o serviço militar” (HITLER, 2016, p.313). O exército, por sua vez, não deveria instruir os jovens somente com atividades físicas, mas transformá-los em jovens perfeitos, subservientes, visando se transformarem em verdadeiros soldados.

Em um Estado nacionalista, o exército não existe só para ensinar o homem a marchar e a outros exercícios militares, mas deve ser a mais

alta escola da educação nacional. Naturalmente, o jovem recruta deve aprender a manejar as armas, mas, ao mesmo tempo, deve ser preparado para a vida futura. Nessa escola é que o rapaz deve se transformar em homem. Não deve só aprender a obedecer, mas também a comandar, de futuro. Deve aprender a silenciar não só quando é censurado com razão, mas deve também aprender a suportar a injustiça em silêncio. Apoiado na confiança de sua própria força, empolgado pelo espírito de classe, ele deve adquirir a convicção de que sua pátria é invencível. Quando tiver terminado seu serviço militar deve estar em condições de poder exibir dois documentos: seu diploma de certidão, que lhe dá o direito a tomar parte na vida pública, e um atestado de saúde que lhe dá direito a casar-se. (HITLER, 2016, p.313).

Já para a educação feminina, Hitler destaca que “deve obedecer ao mesmo critério da do sexo masculino. O ponto mais importante é a educação física, vindo, em seguida, o desenvolvimento do caráter e por último, o valor intelectual. A preocupação principal, na educação das mulheres, é formar futuras mães”. (HITLER, 2016, p.313).

Hitler tinha uma concepção negativa sobre a educação intelectual, proclamava-a como nociva. Assim, no regime “o saber e poder foi estigmatizado como uma molesta fórmula de decadência burguesa”. (BLEUEL, 1972, p.153). No ano de 1932, Hitler, com o propósito de suprimir qualquer vestígio do que chamava de “educação geral”, esboçou “sua bárbara receita” de educação que pretendia ser seguida pela “sua juventude”:

[...] A educação geral é o veneno mais desintegrador e dissolvente já descoberto pelo liberalismo para a sua própria destruição. A plena liberdade educacional é um privilégio da elite e de mais uns poucos a que ela proporciona tal acesso. Todo o complexo científico deve permanecer em constante seleção e controle. O saber é um recurso auxiliar de vida, mas não a sua própria razão de ser. E assim nos tornaremos mais consequentes, proporcionando a ampla massa dos níveis inferiores uma oportunidade de participarem dos benefícios do analfabetismo. (HITLER *apud* BLEUEL, 1972, p.153).

Nessas palavras pronunciadas por Hitler, entende-se que a educação geral vista pelo líder do NSDAP, passava por uma dificuldade por conta da educação científica e intelectual não atenderem todas as camadas da sociedade, a camada mais baixa ficava sem o acesso à educação. Hitler buscou uma forma de solucionar este problema a fim de que se ampliasse o acesso à educação a todos. Em sua opinião, conforme explícito na citação acima, ele e os demais integrantes do partido propagavam o analfabetismo como sendo benéfico à sociedade. Entretanto, se relacionarmos esse posicionamento com os ideais nazistas, é possível compreender que essa narrativa foi uma estratégia utilizada para ganhar o apoio das massas, quanto menos conhecimento a pessoa tivesse,

mais fácil seria o doutrinamento feito pelo partido. Mas, se pensarmos no objetivo dos nazistas de preparar os jovens para defender a pátria em caso de guerra - fato que indicava que a guerra já estava sendo planejada desde o início -, assim, não haveria necessidade de os soldados serem alfabetizados, já que no campo de batalha não utilizariam a escrita ou leitura.

Porém, mesmo Hitler e o NSDAP defendendo essa ideia, a lógica é que é necessário sim que um soldado saiba ler e escrever, até porque muitos iriam precisar dessas habilidades no campo de batalha, por exemplo, para saber ler manuais sobre armamentos, mapas, mensagens de seus superiores, dentre outros; visto que essas tarefas não seriam possíveis de execução para alguém analfabeto. Percebe-se que os nazistas defendiam que nem todos seriam merecedores de alguma função na *Wehrmacht*, apenas os superiores seriam, os que possuísem o puro sangue nobre, os arianos.

Outro fator que podemos considerar que contribuiu para que Hitler tivesse essa visão sobre a educação, era o seu pensamento em relação aos professores e aos conhecimentos acadêmicos-científicos. Hitler, desde jovem, sempre apresentou um sentimento de desprezo tanto pelos seus professores como pela vida acadêmica, desprezo que deixou explícito em *Mein Kampf*. Shirer (2008) destaca que Hitler possuía aversão pela classe docente e que considerava os seus componentes como desequilibrados.

Quando me lembro de meus professores de escola, compreendo que a metade deles era constituída de anormais [...] nós, alunos da velha Áustria, éramos criados no respeito aos velhos e às mulheres. Mas, quanto aos nossos mestres, não tínhamos misericórdia – pois que eram nossos inimigos naturais. Eram, em sua maioria, um tanto ou quanto desequilibrados mentalmente, e alguns deles terminaram seus dias como lunáticos declarados! [...] Eram produto de um proletariado destituído de toda independência pessoal de pensamento, que se distinguiu por uma ignorância sem paralelo e que prestava admiravelmente a tornar-se os pilares de um falso sistema de governo [...] nossos mestres tiranos absolutos. Não tinham simpatia alguma pela juventude, seu único objetivo era entulhar nossos cérebros e converter-nos em macacos eruditos, como eles próprios. Se algum aluno, revelava o menor traço de originalidade, perseguiam-no sem cessar, e os alunos modelos que vim a conhecer fracassaram todos, mais tarde, na vida. (HITLER *apud* SHIRER, 2008, p.31).

Observa-se nas palavras de Hitler e citadas por Shirer (2008), que ele não possuía nenhum tipo de afeição aos seus professores, então é perceptível que seu rancor à classe docente possa ter vindo de experiências vivenciadas no passado, pois culpava seus antigos professores pelo seu fracasso escolar, o que

pode ser um dos motivos para sua aversão. Pensando nesse ressentimento, alimentado por Hitler desde criança com relação aos docentes e a instituição escolar fica compreensível o seu projeto de educação para o Terceiro Reich. Para Hitler, a maioria dos conhecimentos somente serviam para “entulhar” a cabeça dos jovens, então, deveriam ser descartados, deveriam ser repassados apenas que fossem aplicados na vida prática da juventude. Esse ressentimento nutrido por Hitler durante anos pode ser entendido como uma “ruminação do ódio”, por conta da humilhação sofrida, como já exposto anteriormente no capítulo I e teorizado por Ansart (2005), em seu estudo sobre as humilhações sociopolíticas.

Para Hitler, a educação não poderia ficar somente restrita aos conhecimentos teóricos passados na sala de aula, deveria ir além, ser feita “a maneira espartana, em grupos juvenis consecutivos treinados política e militarmente” (SHIRER, 2008, p.336). Em *Mein Kampf* Hitler deixa essa ideia bem explícita, define que inicialmente o jovem deveria ser ensinado sobre a categoria “raça”, defendida pela ideologia nazista e, posteriormente, com o treinamento militar.

O trabalho de educação coletiva do Estado nacionalista deve ser coroado com o despertar do sentido e do sentimento da raça, que deve penetrar no coração e no cérebro da juventude que lhe foi confiada. Nenhum rapaz, nenhuma rapariga deve abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter a pureza da raça. Assim se estabelecerão as condições essenciais para a conservação dos fundamentos raciais e com isso, as condições preliminares para o posterior desenvolvimento cultural. (HITLER *apud* MEIN KAMPF, 2016, p.322).

Essa nova pedagogia ideológica criada pelos nazistas para “moldar” a juventude, Shirer (2008) denomina de “nazificação”, que passou a vigorar em todas as escolas, do primeiro grau às universidades. O autor afirma que o “*Der Deutsche Erzieher*, órgão oficial dos educadores alemães, colocou em prática algumas medidas como [...] a modificação dos currículos escolares, a reelaboração dos manuais, como também a conversão do livro *Mein Kampf* em infalível estrela polar pedagógica” (SHIRER, 2008, p. 336). O que está presente no *Mein Kampf* ou melhor na ‘bíblia nazista’, foi o que direcionou o modelo de educação imposta no Terceiro Reich. Hitler quando escreveu sua autobiografia já havia descrito como deveria ser fundamentada a educação alemã nazista. Além do doutrinação educacional subsidiados nos preceitos nazistas, em

1933, o sistema educacional foi reorganizado, e logo após criou-se as escolas nacional-socialistas e as escolas de elite.

3.2 – AS NAPOLAS E AS ESCOLAS ADOLF HITLER

Segundo Bleuel (1972), Hitler afirmava que desejava formar uma elite que fosse educada para “melhor assimilar o evangelho do homem novo”. Assim, acreditava que jovem “literalmente *livre* devia ele permanecer de todos os preconceitos, quer humanos, quer científicos” (BLEUEL, 1972, p.160), pensamento que expõe melhor na sua autobiografia *Mein Kampf* (2016), dominadora, forte e bela. Portanto, o aprendizado da juventude deveria se basear no adestramento do corpo e do caráter a fim de transformá-la em jovens heroicos, insensíveis e destemidos, até mesmo do temor da morte.

Minha pedagogia é rígida, dizia ele. E a fraqueza deve ser eliminada a golpes de martelo. Nos castelos de minha ordem será forjada uma juventude diante da qual o mundo sentirá assombrado. Uma juventude intrépida, cruel e dominante, capaz de grandes e memoráveis feitos: é assim que eu a quero. A fragilidade e a ternura jamais existirão. O lampejo dos seus olhos claros será como o dominador e penetrante olhar dos grandes predadores ao esquadrihar a imensidão das selvas. Forte e altivamente bela é como eu quero minha juventude. Eu a farei adestrar-se em todas as modalidades de exercícios corporais. Eu quero uma juventude atlética. Isto é o importante, e o principal. Eu prescindindo da educação intelectual. Com o saber eu desvirtuaria a minha juventude. Por minha vontade, eu lhe facultaria aprender apenas aquilo que se coadunasse na prática dos seus jogos desportivos mais espontaneamente. Mas todos os requisitos do mais completo dominador devem ser do seu plano e permanente conhecimento. Mesmo nas mais drásticas e amargas vicissitudes deve ela saber superar o temor da morte. Este é o imperecível pedestal de uma juventude heroica. (HITLER *apud* BLEUEL, 1972, p.160-161).

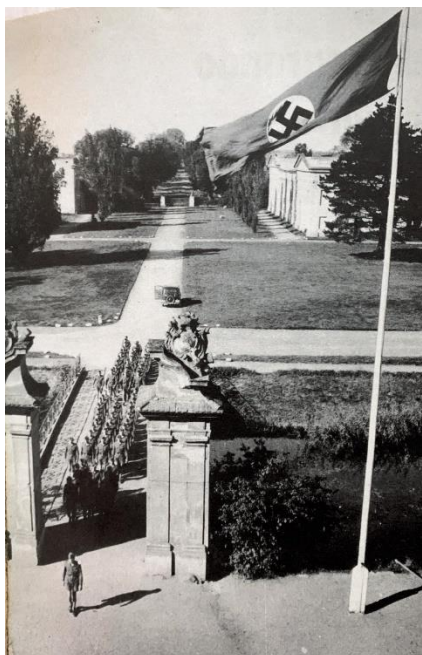
Diante dessas ideias é que surgiram as escolas da elite nacional-socialista, quando, segundo Koch (1973), fundaram-se duas instituições de elite:

A National politischen Erziehungsanstalten (NPEA OU NAPOLA) e as *Adolf Hitler Schulen*. (Escolas Adolf Hitler) [...] a primeira criada por Bernard Rust, ministro prussiano da Educação e Religião, e se destinava “a criar uma elite que pudesse preencher cargos em todas as esferas da vida alemã” [...] a segunda fundada pelo diretor do departamento da organização do partido Robert Ley e por Baldur Von Schirach que “destinavam-se explicitamente à criação de líderes partidários” (KOCH, 1973, p.102).

De acordo com Bleuel (1972), as primeiras escolas fundadas pelo NSDAP receberam a denominação de NAPOLA ou NPEA (*National politischen Erziehungs- anstalten*), sendo que Rust fundou três internatos em 1933 para

presentear Hitler pelo seu aniversário. Em seguida, foram criadas “cinco outras em 1934, e mais sete em 1935, a maioria das quais fora anteriormente institutos de cadetes. Mais nove foram fundadas em 1941, e um total de 18 entre 1942 e 1944, duas delas para mulheres” (KOCH, 1973, p.105). De forma que em 1944 atingiu o número máximo de 39 escolas NAPOLA. Segundo Koch (1973), também foram fundadas NAPOLA fora da Alemanha, duas na Holanda e uma na Bélgica.

Figura 11 — A primeira NAPOLA em Lissa



Fonte: Koch (1973, p.103)

Na NAPOLA “se destinava a criar o “soldado político”, que podia ser usado em todas as ‘frentes’, isto é, em todas as esferas da atividade pública alemã” (KOCH, 1973, p.105). A instituição não era subordinada ao NSDAP, assim, sua autoridade superior era o Ministério da Ciência e Educação, e seu currículo não era como o do ginásio, sendo que algumas NAPOLA eram dedicadas às humanidades, e as demais às ciências naturais e línguas modernas. Já a JH, só conseguiu influência a partir de 1936, por conta de que “todos os alunos da NAPOLA tinham de ser membros da *Jungvolk* ou da JH” (KOCH, 1973, p.105). A sua organização era similar a do exército, “não havia séries e sim “pelotões e “companhias”, e cada companhia mantinha a tradição de um regimento alemão

historicamente famoso” (KOCH, 1973, p.105). Nas NAPOLA os seus alunos vinham de todos os níveis sociais e de toda a Alemanha e se tivesse casos de alunos sem condições de pagar as mensalidades escolares, estes eram isentos do pagamento.

Já o processo de seleção dos alunos da NAPOLA era designado por Rust que dizia ser de “[...] máxima importância que as *National-politische Erziehungsanstalten* recebam os meninos alemães que satisfaçam, em atitude e habilidade, as exigências especiais desses institutos” (KOCH, 1973, p.110). Rust ordenava que:

- 1) Todo aluno de escola primaria, da terceira ou quarta série, que demonstre poder servir para a NAPOLA, deve ser citado para a administração da escola local até 1.º de novembro de cada ano. Seu diretor então enviará as propostas para a NAPOLA mais próxima, pelos canais oficiais.
- 2) Os diretores das NAPOLA ou pessoas por eles designados, bem como os representantes da administração local, terão permissão de assistir às aulas das séries primarias a que pertençam os candidatos, bem como comparecer aos exames de admissão aos ginásios (KOCH, 1973, p.110).

O acesso a esses institutos era bastante restrito e disputado, visto que para ocupar uma vaga os candidatos deveriam se submeter a diversos exames, como avaliação do caráter, aptidão física e intelectual. Esses candidatos, quando selecionados, eram considerados como os mais capacitados entre os jovens alemães. Bleuel (1972) relata que essa rigorosa seleção era extremamente fundamental, pois comprovava o pertencimento à raça nórdica ou ariana do candidato. As disciplinas ministradas eram o “alemão, história, geografia, etnologia e biologia” (BLEUEL, 1972, p.163), o que demonstra a ideologia dentro do currículo escolar, visto que dariam importância somente a história sobre a nação alemã e geograficamente sobre questões da Alemanha. Às demais disciplinas o foco seria o doutrinamento ideológico do sangue e da raça superior alemã. Os alunos do sexto ano podiam adicionar a disciplina de matemática, de forma opcional. E em outras, “consistia em quatro horas semanais de alemão, três de história, duas de geografia, quatro de latim, cinco de inglês, três de matemática, duas de arte, uma de instrução religiosa, uma de música e cinco de esportes” (KOCH, 1973, p.120).

Os alunos das NAPOLA seguiam o lema “educação do corpo pelo corpo” (BLEUEL, 1972, p.164), assim, o aprimoramento corporal era uma prioridade da

instituição, onde os alunos deveriam praticar diversos esportes. As aulas começavam cedo, 8 horas da manhã os alunos deveriam começar a praticar algum exercício ou atividade, como ginástica, natação, atletismo. Durante o período vespertino os alunos praticavam exercícios mais sérios, como esgrima, boxe, remo, dentre outros. E quando concluíam o período de formação, os alunos tinham a liberdade de optar pela carreira que quisessem, entretanto, após serem submetidos a uma rigorosa preparação ideológica e corporal, quando muitos já se destinavam à carreira nas fileiras da *Wehrmacht*.

As Escolas Adolf Hitler (AHS) demoraram mais a surgir, somente em 15 de janeiro de 1937 que seus idealizadores emitiram um anúncio informando a criação da nova instituição. O projeto da AHS, segundo Bleuel (1972), iniciou-se apenas porque Robert Ley não havia conseguido exercer influência nas NAPOLA, daí se fez necessário criar sua própria instituição, “por falta de coisa melhor, a criar os seus próprios estabelecimentos de elite” (BLEUEL, 1972, p.168). “Essa instituição de elite era composta pelos colégios secundários sob a supervisão da JH, onde a mesma fazia a admissão dos professores e a seleção dos alunos, tudo dependia dos líderes distritais” (BLEUEL, 1972, p.168), devido a JH estar ligada diretamente com a instituição, o seu currículo era mais focado e intenso, pois preparavam os alunos para a vida militar.

As AHS continham seis séries. O aluno ingressava quando completava doze anos de idade, depois de ter passado pela escola, no serviço da *Jungvolk* e após recomendações de seus superiores e dos líderes partidários locais. A educação nas AHS era “financiada pelo estado e destinava-se a levar à matrícula padronizada, embora não se esperasse que seus alunos ingressassem na universidade, e sim que frequentassem uma escola especial de liderança no partido” (KOCH, 1973, p.102).

Figura 12 — Exercício de tiro numa Escola Adolf Hitler.



Fonte: Koch (1973, p.124)

Não havia exames e nem relatórios escolares e em primeiro instante não concediam diplomas, o modelo de educação voltava-se para a realização de “competições de esforços”, nas quais os alunos “disputavam vagas na série imediatamente acima. Os criadores desses confrontos se “blasonavam de haver introduzido novas formas no aprendizado escolar: uma certa modalidade de trabalho comunitário em que o professor figurava como camarada de seus discípulos, numa “palestra de combate” (BLEUEL, 1972, p.169).

O plano de instrução das Escolas Adolf Hitler na verdade pouco difere de uma jornada de serviço de um emprego ou mesmo de uma arregimentação na Wehrmacht. Aqui o que prevalece efetivamente é o espírito que deve ser imbuído da disciplina militar de um soldo, até adquirir uma consciência natural da função. (BLEUEL, 1972, p.169).

Figura 13 — Instrução militar: a desmontagem e manejo de um fuzil fazia parte do currículo.



Fonte: Koch (1973, p.107)

O aluno, “aos 18 anos de idade, recebia um diploma das mãos do próprio Hitler, e depois ia cumprir seu serviço de trabalho ou militar” (KOCH, 1973, p.102). Os jovens podiam aprender algum tipo de ofício, podiam se casar e, também, procriar a sua família. No caso de ter seu lado político positivo, poderiam ser convidados para frequentar um curso de três anos e meio, em uma academia do partido nazista, as chamadas *Ordensburg* (Castelo da Ordem), e depois se quisessem poderiam ocupar uma posição de destaque dentro do partido.

3.3 – AS MODIFICAÇÕES NO CURRÍCULO ESCOLAR REGULAR ALEMÃO

O currículo escolar regular alemão, segundo a compreensão do Führer, deveria centrar-se na “redução dos programas e das horas de estudo que assim se obteria, seria aproveitada em benefício da cultura física, do caráter, da vontade, do poder de decisão” (HITLER, 2016, p.318). Foram esses pontos de vistas que Hitler implementaria na educação sob a égide do Estado nazista.

Após Hitler assumir o poder em 1933, criou-se a Liga dos Professores Nacional-Socialistas, que administravam todo o sistema das escolas públicas do regime, lembrando que “o regime nazista expulsou os professores considerados judeus e aqueles considerados não confiáveis politicamente”. (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAM MUSEUM, WASHINGTON, DC). Os professores que não foram expulsos continuaram em seus cargos e filiaram-se à Liga de Professores Nacional-Socialista. Bartoletti (2006) descreve que os professores filiados ajudaram a modificar o currículo escolar: “mudaram os currículos de alto a baixo, de forma a só ensinar ideias aprovadas pelos nazistas” (BARTOLETTI, 2006, p.40).

Outras mudanças significativas implementadas no ambiente escolar, de acordo com a mesma autora, foram a adequação e o uso de bandeiras nazistas na sala de aula e colocação do retrato de Hitler substituindo o crucifixo. Segundo o relato de um aluno: “De manhã, ficávamos em forma, havia a bandeira nazista e começávamos a aula dizendo “*Heil Hitler!*” Não se ouvia mais o cumprimento dos professores, “Bom dia meninos” (*apud* BARTOLETTI, 2006, p.40). Os nazistas queriam que os professores apoiassem e se filiassem ao Partido Nacional Socialista. Os nazistas lhes davam apenas duas alternativas: “entrar para a Aliança de Mestres do Nacional Socialismo e treinar os alunos nos princípios do partido, ou serem demitidos” (BARTOLETTI, 2006, p.41). De forma que os professores que escolhessem adentrar ao NSDAP tinham a tarefa de pôr em prática o que seria aprovado pelo Partido e, principalmente, pelo *Führer* no currículo escolar regular alemão. Diante dessas imposições, o currículo foi mudado, e nele foram incluídas novas matérias estruturantes e legitimadoras para a ideologia nazista: Ciência Racial e Eugenia.

Evans (2011) descreve que a partir da década de 1930, nesse cenário, não havia cartilha de leitura que não mencionasse de forma positiva uma ou outra instituição nazista. Os livros de ilustrações para as crianças passaram a retratar “judeus como figuras diabólicas esgueirando-se em lugares escuros, prontas para saltar em cima da despreocupada criança alemã de cabelo loiro” (EVANS, 2011, p.307). Percebe-se a preocupação dos nazistas de doutrinar as crianças até por meio de cartilhas ilustrativas, assim, a partir de 1933, muitos livros que eram utilizados durante a República de Weimar foram censurados e começaram a ser supervisionados pelos nazistas. Ocorreu, também, um fluxo

muito grande de diretrizes das autoridades do partido, “enquanto o material de ensino adicional também foi publicado por organizações de professores nazistas em diferentes partes do país” (EVANS, 2011, p.308). De forma que, com a chegada dos nazistas ao poder, os professores já estavam cientes das linhas básicas que podiam ensinar.

3.3.1 – Educação corporal: Educação Física

Durante o Terceiro Reich, a disciplina de maior destaque e importância foi a educação física. Hitler (2016) argumentava que “a educação deve ter como mira, em primeiro lugar, o aperfeiçoamento físico, pois em regra, é nos indivíduos sadios e fortes que se encontra a maior capacidade intelectual” (HITLER, 2016, p.309). A seu ver o indivíduo teria sua formação voltada primeiramente para o primado do corpo, depois viria a formação de caráter e, em última instância, a formação da inteligência. Para a formação dos quadros de Estado, Hitler (2016) dizia que era melhor que fosse composto por homens fisicamente fortes e sadios, possuidores de um caráter firme e força de vontade, e não por homens fracos e altamente instruídos de inteligência.

[...] o Estado deve dirigir a educação do povo, não no sentido puramente intelectual, mas visando sobretudo à formação de corpos sadios. Em segundo plano, é que vem a educação intelectual. Aqui, ainda, a formação do caráter deve ser a primeira preocupação, especialmente a formação do poder de vontade e de decisão e do hábito de assumir com prazer todas as responsabilidades. Só depois disso, é que vem a aquisição do conhecimento puro. (HITLER, 2016, p.309).

Hitler (2016) entendia que a educação física não era um problema que interessava só ao indivíduo ou aos pais, era “um requisito indispensável para a conservação da raça, a que o Estado deve proteção” (HITLER, 2016, p.310). Portanto, o Estado tinha o dever de dirigir a educação da sociedade, “de maneira que a infância, desde os primeiros tempos, se prepare a enfrentar a luta pela vida que a espera” (HITLER, 2016, p.310).

Nos pressupostos que defendia para o Estado Nacionalista, Hitler afirmava que “a escola deve reservar mais tempo para os exercícios físicos” (HITLER, 2016, p.310), principalmente para que a criança não fosse empanturrada de conteúdos desnecessários, por conta da demanda excessiva de conhecimentos, porque acreditava que os alunos acabavam esquecendo o

que de fato era importante. Hitler reclamava que no programa das escolas médias, reserva-se um pequeno horário à ginástica, somente de duas horas, e sem obrigatoriedade. Para ele o correto seria “que cada jovem tenha, pelo menos, uma hora de exercício físico, pela manhã e à tarde, em esportes e ginástica” (Hitler, 2016, p.310). Hitler prezava muito o boxe, dizia que “não há desporto que estimule tanto o espírito de ataque” (HITLER, 2016, p.310).

Portanto, seguindo essa ideologia e conforme a vontade de Hitler e sua determinação quanto a educação dos jovens, “as escolas passaram [...] a dedicar de três a cinco horas semanalmente às aulas de ginastica. O boxe e os mais variados esportes de campo davam atrativos aos programas” (BLEUEL, 1972, p.158).

Já a educação do sexo feminino, segundo Hitler (2016), deveria obedecer o mesmo critério da do sexo masculino, “o ponto mais importante é a educação física, vindo, em seguida, o desenvolvimento do caráter e, por último, o valor intelectual. A preocupação principal, na educação das mulheres, é formar futuras mães” (HITLER, 2016, p.313).

Figura 14 — As jovens também eram incitadas à prática de esportes e a manterem-se fisicamente aptas, uma equipe de arremesso de dardo da BDM competindo em Berlim.



Fonte: Koch, (1973, p.66)

Hitler desejava transformar toda a nação alemã em prol da saúde física, como já foi mencionado anteriormente, a educação deveria ser guiada visando o aperfeiçoamento físico, pois; “[...] forte e altivamente bela é como eu quero a minha juventude. Eu farei adestrar-se em todas as modalidades de exercícios corporais. Eu quero uma juventude atlética. Isto é o importante e o principal”. (HITLER *apud* BLEUEL, 1972, p.160-161). Michaud (1996) também expõe que Hitler visava antes de tudo, “obter, por uma criação apropriada, corpos essencialmente sãos, uma cultura das faculdades intelectuais apenas em segundo plano” (MICHAUD, p.305-306). Assim, a educação física tornou-se a disciplina com o maior destaque, porque para Hitler o aperfeiçoamento físico seria para preparar a nação alemã para o todo.

Figura 15 — Meninos demonstram agilidade e aptidão física na Reunião de Potsdam, à qual compareceram todos os grupos da JH.



Fonte: Koch (1973, p.52)

3.3.2 – As disciplinas: História, Geografia, Língua alemã, Física e Matemática

A disciplina de história, de acordo com Koch (1973), teve todo o currículo modificado:

A história também foi matéria seriamente atingida. Todos os livros da disciplina foram submetidos a rigorosa revisão. O primeiro compêndio de história que este autor recebeu num ginásio, em 1943, começava com Adolf Hitler e acabava com Anibal. A história era exclusivamente político-militar, focalizando a luta contínua do povo alemão pelo poder e pela existência. (KOCH, 1973, p.98).

Para Hitler (2016), o método de ensinar história deveria ter como foco o estudo racial, pois na sua concepção o povo alemão era a nação que mais tinha necessidade de aprender história, e que poucos eram os povos que utilizavam dela tão mal quanto a nação alemã. Assim, defendia que a disciplina precisaria ser reformulada, visto que “nossa educação histórica deve ser orientada pela nossa experiência política” (HITLER, 2016, p.317), e nada adiantaria ficar descontente com o ensino de história se o indivíduo não se preocupasse em “cuidar de uma melhor educação política” (HITLER, 2016, p.317). A principal queixa de Hitler (2016) com a disciplina de história era que esta ensinava aos alunos somente datas e nomes, o essencial era deixado de fora no currículo da disciplina. Sobretudo, afirmava que era no ensino de história que deveria ocorrer uma redução no programa, porque a parte mais importante era o “conhecimento das linhas gerais da evolução, quanto mais se restringir o ensino a esse ponto de vista, tanto mais é de esperar que os indivíduos tirem proveito dos seus conhecimentos, o que é também de vantagem para a coletividade” (HITLER, 2016, p.318). A história deveria ser a mestra da vida da nação alemã:

O Estado nacionalista deve ver na ciência um meio de aumentar o orgulho nacional. Tanto a história universal quanto a história da civilização devem ser ensinadas sob esse aspecto. Um inventor deve ser visto não só por que é inventor, mas também porque é um dos nossos compatriotas. A admiração por todas as grandes ações deve ser combinada ao orgulho por ser seu executor um membro da nossa pátria. Devemos selecionar as maiores figuras da massa dos grandes nomes da nossa história e pô-las diante da juventude de modo tão impressionante que elas possam servir de colunas mestras de um inabalável sentimento nacionalista (HITLER, 2016, p.321).

Vicente (2018) descreve que, nessa perspectiva, na Alemanha se tornou indispensável estudar somente “figuras germânicas puras”, deixando de lado “os outros que não fossem alemães de sangue puro. [...] a história passou a ser ensinada de um ponto de vista categórico, levando em conta apenas as ações

dos arianos, rejeitando todas as demais contribuições para a compreensão do mundo em si”. (VICENTE, 2018, p.76).

Evans (2011), também apresenta as modificações feitas dentro do currículo história durante o Terceiro Reich:

[...] em julho de 1933, um decreto central dispôs as “Diretrizes para Livros Didáticos de história”, segundo as quais as aulas de história dali em diante deveriam ser montadas em torno do conceito de heroísmo em sua forma alemã, ligado à ideia de liderança”. Em breve os estudantes estavam às voltas com redações sobre tópicos como “Hitler: o realizador da unidade alemã”, “a revolução nacionalista como o começo de uma nova era”, “o filme O jovem hitlerista Quex como obra de arte” e “sou alemão (uma palavra de orgulho e dever)”. (EVANS, 2011, p.304).

Desde então, o objetivo central da história passou a consistir em ensinar às pessoas “que a vida sempre era dominada pela luta, que raça e sangue eram centrais em todos os acontecimentos do passado, presente e futuro, e que a liderança determinava o destino dos povos” (EVANS, 2011, p.306). O ponto central tornou-se reformular a história do mundo e colocar a questão racial como o princípio dominante dentro de todos os acontecimentos. Por isso a importância de se ensinar temas centrais como, “coragem na batalha, o sacrifício por uma causa maior, admiração ilimitada pelo Líder e ódio aos inimigos da Alemanha, os judeus” (EVANS, 2011, p.306).

Assim como a disciplina de história a geografia também foi remodelada pelos nazistas, com o foco em: “[...] conceitos de lar, raça, heroísmo e organicismo, [...] o clima foi ligado a raça, e os professores foram avisados de que o estudo do Oriente era uma boa entrada para a “questão judaica”. (EVANS, 2011, p.309). Inúmeros livros de geografia remodelados começaram a propagar conceitos como:

Espaço vital e sangue e solo, e difundiram o mito da superioridade racial alemã, os mapas mundiais e os novos livros didáticos enfatizaram a importância da geopolítica, corroboraram implicitamente o conceito de “um povo um Reich”, ou traçaram a expansão das tribos germânicas através da Europa do leste e central na Idade Média. (EVANS, 2011, p.309).

Vicente (2018) destaca que foram justamente nas aulas de geografia que os professores doutrinavam os alunos de acordo com ideias: “baseadas nas teorias sobre raça, juntamente com a geopolítica, a fim de abrir espaço para os ideais de expansão política ambicionados por Hitler” (VICENTE, 2018, p.77). Bleuel (1972), sobre essa expansão, diz que essa política expansionista do Führer se dava para conseguir: “uma nação despojada de espaço” (BLEUEL,

1972, p.156-157), Hitler tinha como propósito pôr em prática a política do *Lebensraum* (Espaço Vital), que consistia na expansão territorial necessária do regime nazista que, nesse caso, seria a expansão territorial do povo alemão.

O ensino da língua alemã, de acordo com Evans (2011), tinha como foco os padrões da fala em “um produto do ambiente racial, as palavras alemãs como instrumento da consciência nacional alemã, e os tipos de fala como expressões do caráter” (EVANS, 2011, p.308). Então, começou-se a ignorar autores clássicos, e voltaram-se para o ensino da língua alemã vinculando-a com a “herança alemã e da comunidade alemã unida” (KOCH, 1973, p.98). A literatura era trabalhada para ilustrar o vínculo que ligava a comunidade na sua luta presente. Ensinar essa disciplina para os alunos foi uma tarefa muito difícil que, segundo Koch (1973), os professores precisavam recorrer ao uso de livros de guerra escritos pelos nazistas, ou alguns livros clássicos que não tivessem sido escritos por judeus, por conta da falta de livros de literatura naquele momento.

A área das disciplinas de exatas, foram reorientadas pelo regime nazista, e tiveram que se realinhar aos moldes das demais disciplinas. Evans (2011) apresenta que a física passou a ter no currículo, “tópicos militares como balística, aerodinâmica e radiocomunicação” (EVANS, 2011, p.308). Já os livros didáticos de aritmética, no caso matemática, foram compilados pelo Ministério da Educação a partir de 1935, e incluíram a aritmética social, “envolvendo cálculos elaborados para efetuar o doutrinação subliminar em áreas-chave, como contas pedindo às crianças para calcular quanto custaria ao Estado para manter um doente mental vivo em um asilo” (EVANS, 2011, p.309), havia questões também como:

Estima-se que a proporção de sangue nórdico no povo alemão seja de 4/5 da população”, dizia uma destas questões: “Um terço dessa população pode ser considerada loira. De acordo com essas estimativas, quantas pessoas loiras deve haver na população alemã de 66 milhões? (EVANS, 2011, p.309).

Quantos filhos numa família deve ter para assegurar a continuidade quantitativa do Volk alemão? Não era incomum, as crianças enfrentavam problemas mais terríveis, como: “Uma pessoa mentalmente incapaz custa ao público 4 *Reichsmark* por dia, um aleijado custa 5,50 *Reichsmark* por dia e um criminoso condenado, 3,50 *Reichsmark*. As estimativas cautelosas dizem que dentro das fronteiras do Reich Alemão 300.000 pessoas estão recebendo cuidados em instituições públicas. Quantos empréstimos matrimoniais de 1.000 *Reichsmark* por casal poderiam ser concedidos anualmente, usando-se os fundos destinados a tais instituições? (KOCH, 1973, p.100).

Portanto, durante o Terceiro Reich é perceptível que Hitler estava visando moldar os jovens de forma que tivessem uma formação em prol e que beneficiasse o Reich. Era importante formar essas crianças e jovens em profissionais eficientes, visto que estes deveriam prestar serviço à nação, deveriam se tornar ótimos profissionais nazistas em quaisquer profissões que escolhessem.

3.3.3 – Ciências Naturais: Biologia e Ciências Raciais e Eugenia

Como dito, todas as disciplinas do currículo escolar foram reformuladas para colaborar com a política racial do regime nazista, e foi a partir de 1933 que os estudos de “ciência racial” foram introduzidos nas escolas. Os professores nazistas fizeram a mudança do currículo, adicionando mais duas disciplinas: Ciência Racial e Eugenia. Koch (1973) destaca que nas ciências naturais a disciplina de biologia foi a matéria que mais sofreu com os “ensinamentos raciais” (KOCH, 1973, p.99). Segundo o autor, havia teorias absurdas e que não eram verificadas, assim essas teorias eram introduzidas a fim de produzir um “sentimento racial” e um “instinto racial” na juventude alemã (KOCH, 1973, p.99). Concordando com Koch (1973), Evans (2011) afirma que a disciplina de biologia foi redirecionada para o “estudo das raças”. (EVANS, 2011, p.308).

Bleuel (1972) menciona que foi o próprio Führer quem “fixou as diretrizes desta transcendental matéria”. Hitler defendia que seria na disciplina de biologia que os alunos teriam contato e conheceriam a importância dos “conhecimentos étnicos para a futura projeção do Reich” (BLEUEL, 1972, p.156). O mesmo autor destaca que os ensinamentos passados consistiam em “leis de hereditariedade, seleção e aprimoramento das raças” (BLEUEL, 1972, p.156), estes ensinamentos foram exaustivamente manipulados pelos nazistas. Evans (2011, p.307), resume que, “a biologia foi transformada para incluir as leis da hereditariedade, ensinamento racial, higiene racial, ensinamento sobre a família e política populacional”.

Já quanto as disciplinas Ciência Racial e Eugenia, Bartoletti (2006, p.42-43), diz que:

[...] nas aulas de Ciência Racial, as crianças ficavam sabendo que os arianos eram uma raça superior que iriam dominar a Europa. Nas de Eugenia, aprendiam que os arianos só deviam se casar com outros arianos saudáveis. Não deviam “misturar o sangue” casando com não-arianos [...] segundo os nazistas, caracterizavam um povo inferior. (BARTOLETTI, 2006, p.42-43)

Michaud (1996) destaca que após a introdução da disciplina Ciência Racial e Eugenia no currículo:

[...] se admitira que a ciência, como qualquer outro produto da humanidade, é racial e condicionada pelo sangue, tornava-se evidente que a Weltanschauung nazista devia impregnar cada ensinamento para acostumar o aluno a distinguir o que era útil à sua raça daquilo que a ameaçava (MICHAUD, 1996, p.293).

Nas aulas de Ciência Racial os alunos praticavam exercícios nas cartilhas ou livros didáticos, que continham exercícios com determinados comandos: “como podemos aprender a reconhecer a raça de alguém” ou “façam a descrição de personagens “étnicos” extraídas de poemas, de romances ou de novelas. Michaud (1996, p.294) relata que os alunos deveriam descrever “expressões, gestos e movimentos para deles tirar “conclusões sobre o comportamento da alma e da raça” e relacioná-las com os “traços físicos” da personagem, em seguida, precisavam “aplicar esse modo de observação às pessoas do [seu] próprio círculo”. Nesse sentido, aplicava-se diversos exercícios para os alunos realizarem a fim de aprenderem a distinguir a sua volta o judeu do ariano, observando a “maneira de andar, seu porte, seus gestos e seus movimentos quando fala [...] exercícios para “julgar rostos estrangeiros”, havia sessões “práticas” como a mensuração da caixa craniana” (MICHAUD, 1996, p.294-295). Esse exercício prático de medição da caixa craniana, seria para “aprender a descrever a “expressão frouxa e dissimulada” de seus camaradas judeus, ora de aprender a reconhecer os mais belos espécimes da raça “nórdica” ou “ariana” (MICHAUD, 1996, p.295).

Os judeus, por sua vez, passavam por diversas vexações e humilhações, enquanto os nazistas cumpriam uma “função pedagógica”. Michaud (1996, p.295) destaca que essa “função pedagógica” visava “manter o ardor de cada um no combate que devia ser travado pela Comunidade do Povo (*Volks-gemeinschaft*) para proteger-se do “antipovo” (*Gegenvolk*)”. Em 1938 quando os judeus foram temporariamente retirados do ensino escolar e logo depois em 1942 se tornando efetivo, os alunos vigiavam e encorajavam nessa luta

“sagrada” de proteger a comunidade do povo contra o “antipovo”. Assim a escola acabou se transformando no que Michaud (1996) chama de “seleção racial”: “a discriminação dos “judeus pelo espírito” exigia uma mobilização de todos os instantes, antes e depois das aulas” (MICHAUD, 1996, p.295).

Figura 16 — A “instrução racial” (*Rassenkunde*) na escola: escolhe-se o semelhante (de “raça nórdico-ariana”) e exclui-se o diverso (o “não ariano”).



Fonte: Michaud (1996)

Ante o exposto, podemos concluir que as escolas alemãs durante o Terceiro Reich foram utilizadas como meio de doutrinação ideológica em massa. Hitler, visando obter resultados mais eficientes, tomou atitudes para transformar a educação estruturada aos ideais da ideologia nazista. A doutrinação ideológica, tanto na JH como nas escolas, era muito enérgica, principalmente nos dois institutos cujo ingresso não era para qualquer um, nas NAPOLAS e Escolas Adolf Hitler. As disciplinas tiveram seus currículos modificados para servir de acordo com o que pregava a ideologia nazista. Portanto, o Nacional-Socialismo conseguiu efetivar uma educação rígida, que alienou muitos perante os acontecimentos da sociedade da época e, principalmente, doutrinou ideologicamente para favorecer o Regime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que durante o Terceiro Reich (1933-1945), Adolf Hitler e o NSDAP, com discursos convincentes e sedutores, conseguiram oferecer às crianças e jovens, tudo o que almejavam e as mais diversas promessas para um futuro glorioso na grande Alemanha. Hitler, com representatividade já alcançada na sociedade e com o poder organizacional e nacionalista que a juventude demonstrava ter mesmo antes do período do Terceiro Reich, não hesitou quanto ao seu empreendimento e, estrategicamente, fez dos anseios daquelas crianças e jovens a razão para se engajarem na Juventude Hitlerista. A JH lhes proporcionava a aventura e agitação que tanto desejavam, e foi justamente o que Hitler prometia oferecer a eles visto que muitos queriam se sentir livres da tutela dos pais e, também, das normas sociais.

As propagandas nazistas, na época, também tiveram um papel fundamental para atrair os jovens para o movimento. Assim como outras categorias sociais, eles foram seduzidos e iludidos por mensagens propagadas em cartazes, filmes, entre outros diversos mecanismos de comunicação. Além dessa eficiente maneira de atrair a juventude, os nazistas aproveitavam de sua ingenuidade, ou seja, da maleabilidade humana, pois, segundo Hitler, por serem jovens seria mais fácil conseguir que mudassem de opinião e se encantassem pelo NSDAP, principalmente, em razão da facilidade de serem doutrinados em contraste com pessoas adultas; e havia ainda, a questão da autoestima abalada por conta da derrota na Grande Guerra.

Hitler, com um regime totalitário, conseguiu transformar a Alemanha derrotada e humilhada no pós Primeira Guerra Mundial, incutindo, estrategicamente, uma doutrinação em massa, em especial, à juventude por meio da organização da Juventude Hitlerista. O doutrinamento ideológico imposto, acabou se desdobrando em mudanças significativas tanto na estrutura da educação alemã como no corpo docente, nas disciplinas ministradas e na organização do ambiente escolar.

Por meio da reforma da educação alemã, o currículo foi adequado aos interesses da ideologia nazista, que passou a incluir novas matérias como: Ciência Racial e Eugenia. Todas as disciplinas foram reformuladas para colaborar com a política racial do regime nazista, enquanto os professores que escolhessem se filiar ao NSDAP, tiveram a tarefa de pôr em prática no currículo

escolar alemão apenas o que era aprovado pelo Partido e, principalmente, pelo Führer. Aqueles que foram contra as propostas do Regime foram destituídos de seus cargos, perseguidos, e muitos perderam a vida, de modo que todos deveriam fazer parte e colaborar com o Regime. Os próprios filhos vigiavam os pais e os professores, caso tivessem atitudes contrárias às normas impostas pelo Reich, eram denunciados. Tudo já era controlado pelo NSDAP, mas com a junção da JH ao NSDAP, as crianças e jovens passaram a ser usadas como “bodes expiatórios” para vigiar aqueles que contrariavam o regime através de atitudes ou demonstrações.

Pensando no futuro da nação alemã, o Führer e o NSDAP buscaram um alicerce na educação para se beneficiarem. Para tal, além de outras, a disciplina de maior destaque e importância foi a Educação Física, com o objetivo de dar aos jovens uma formação voltada para o primado do corpo. Os meninos eram preparados para futuramente fazerem parte das fileiras da *Wehrmacht*. Quanto as meninas, eram preparadas para a única missão que consideravam importante, a maternidade, elas tinham a obrigação de gerar filhos para o Führer. No início, o Regime nazista conseguiu atrair voluntários para fazerem parte do movimento, porém, com passar dos anos, o Regime começou a utilizar de diversas artimanhas para convencer a juventude a adentrar às fileiras da JH.

Foi a partir das mudanças na educação alemã que as escolas passaram a fazer parte do dia a dia dessas crianças e jovens, que realizavam atividades extracurriculares e passavam o dia participando ativamente do movimento.

O estudo permitiu compreender que foi por meio de discursos antissemitas e racistas que o Führer conseguiu colocar a questão da “raça” como um dos pontos principais do seu governo, que acabou se tomando o cerne da população alemã. Mas, talvez fosse alienação ou até mesmo falta de caráter desses indivíduos, como aponta Bartoletti (2006). No entanto, a verdade é que quase 8 milhões de crianças e jovens alemães se associaram a JH e lutaram até o fim pelo regime nazista.

Foi possível constatar com esse estudo que a ideologia nazista, com seu conceito de raça, propiciou a criação de leis e medidas para garantir a eliminação dos considerados inimigos da nação alemã, em especial os judeus, seu principal alvo. Uma biopolítica foi aplicada e arquitetada em prol do Estado nazista ao classificar as raças. Os cinco elementos que Sánchez (2009) teoriza sobre a

biopolítica nazista foram apresentadas para sustentar a ideologia nazista, principalmente no que tange como deveria ser o Estado do Nacional-Socialismo.

Mesmo não tendo sido o Führer o criador dos sentimentos que a população alemã carregava, como o antissemitismo e racismo, foi demonstrado que ele conseguiu compreender de fato o momento que a Alemanha estava vivenciando e, assim, conseguiu propagar por meio de suas palavras a ideologia perversa que a população ansiava ouvir. Portanto, considera-se que Hitler foi perspicaz e conseguiu por meio da situação de ressentimento e humilhação política, encontrar inimigos para ser culpados e aniquilados.

Hitler visava moldar os jovens de forma que tivessem uma formação educacional em prol do Reich e que o beneficiasse. As reformas na educação, a doutrinação ideológica imposta a sociedade alemã durante as quase duas décadas apresentadas nesse estudo nos permitiram perceber que com a queda do Regime Nazista, muitas crianças e jovens ficaram alienados, muitos perderam a vida e, principalmente, muitos se sentiram traídos pelo Reich.

Ao contrário do modelo de educação que Hitler queria para as crianças e jovens alemães, o educador brasileiro Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia* (1996), assinala que a educação não deve ser imposta, pelo contrário, ela deve ser libertária. Para os nazistas, era nas escolas que se iniciava o trabalho de inculcação do ideário nazista na mente e nos corações das crianças e jovens alemães, com o objetivo de fazer com que a educação promovesse a conscientização da questão da “raça”. Já a proposta de Freire (1996) afirma que “o professor autoritário, afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber” (FREIRE, 1996, p. 66-67), o que contraria o modelo de educação que foi posto em prática durante o Terceiro Reich. As premissas de Freire (1996) nos permitem compreender que o modelo nazista implantado na Alemanha sob o regime do Nacional-Socialismo foi autoritário e que os alunos e alunas foram destituídos de qualquer possibilidade de autonomia em relação ao ensino que o Estado impunha.

Vale ressaltar que, apesar das atrocidades e crimes praticados durante o regime nazista, muitos de seus integrantes não foram julgados no Tribunal de Nuremberg no final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com

Bartoletti (2006), “o tribunal internacional concluiu que as crianças e adolescentes do Terceiro Reich foram traídas, desertadas e sacrificadas por um partido e um regime que as usou para chegar ao poder” BARTOLETTI (2006, p.136). Por mais que não fossem culpados, foram obrigados pelo tribunal do júri a participarem de um programa de desnazificação, em que os jovens foram obrigados a assistirem filmes, a participarem de aulas e visitas em campos de concentração para que constatassem os horrores que foram mascarados pelo regime. Mas, muitos não acreditaram no que estava sendo mostrado a eles pelos países aliados, muitos acreditavam fielmente que aquilo era somente uma artimanha para desmerecer e condenar o regime. Essas atitudes nos demonstram a força intensiva da doutrinação ideológica recebida, que fazia com que aqueles jovens colocassem a suas vidas em risco, prestavam juramento e morreriam em nome do Führer e do Regime.

Estudar sobre a educação nazista durante o Terceiro Reich é um desafio e não parece ser atrativo para muitos. É um tema que tem sido pouco estudado, por isso as fontes de pesquisas são escassas. Ao mesmo tempo, é um tema muito instigante para quem se preocupa com a educação, em especial, no Brasil, onde nos últimos anos tem sido questionados os avanços alcançados em prol de uma educação mais libertária e inclusiva. Por esse motivo, almejo e vejo que seria pertinente continuar pesquisando sobre o assunto, quem sabe em uma pesquisa de Mestrado, explorando de maneira mais detalhada outras possibilidades, por exemplo, a educação das mulheres durante o regime nazista.

Pesquisar sobre esse tema é de extrema importância quando se trata dos dias atuais, pois tem se tornado recorrente no Brasil ver indivíduos fazendo apologia ao nazismo. Os noticiários trazem diariamente notícias de jovens envolvidos, participando ativamente de grupos neonazistas. Imagens nos são apresentadas em que muitos se sentem à vontade em circular publicamente exibindo símbolos da suástica, que representam ódio, intolerância, extermínio e racismo ou participam de manifestações a favor da volta do regime ditatorial. Como podemos perceber, estas manifestações sinalizam a complexidade do momento que vivemos, e torna-se perigoso darmos espaço para esses indivíduos demonstrarem simpatia por ideologias de extrema-direita, então o combate precisa ser constante, não podemos nos silenciar perante essas manifestações. Precisamos manter viva a memória dos horrores cometidos pelo

regime ditatorial, ou seja, precisamos nos empenhar em garantir que esses horrores não caiam no esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ANSART, Pierre. (2005), "As Humilhações Políticas", in I. Marson e M. Naxara (orgs.), **Sobre a Humilhação: Sentimentos, Gestos, Palavras**. Uberlândia: EDUFU, pp. 15- 48.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARTOLETTI, Susan Campbell. **A juventude hitlerista: a história meninas e meninas que resistiram**. Trad. de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BLEUEL, Hans Peter. **O sexo na Alemanha nazista**. Trad. de Theobaldo de Souza. Rio de Janeiro: Senegra, 1972.

EVANS, Richard J. **O terceiro Reich no poder**. Trad. de Lúcia Brito. 1. Ed, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)**. Trad. Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GARCIA, Eugênio Vargas. **O Brasil na Conferência da Paz de 1919**. Boletim da ADB (Associação dos Diplomatas Brasileiros), Brasília, ano XVI, n° 59, out./nov./dez. 2007, p.11-13. Disponível em: [file:///C:/Users/perci/Downloads/Confer%C3%Aancia%20de%20Paris%20e%20o%20Brasil%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/perci/Downloads/Confer%C3%Aancia%20de%20Paris%20e%20o%20Brasil%20(1).pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

HANNOUN, Hubert. **O nazismo: Educação? Domesticação... Fundamentos Ideológicos da formação nazi**. Trad. de Fátima e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HITLER, Adolf. **Minha luta: Mein Kampf**. São Paulo: Editora Centauro, 2016.

KEYNES, John Maynard. **Economia**. org. [da coletânea] Tamás Szmrecsányi; trad. Miriam Moreira Leite. São Paulo: Ática, 1978.

KOCH, H. W. **A juventude hitlerista: Mocidade traída**. Trad. de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Ed. Renes, 1973.

LENHARO, Alcir. **Nazismo “O triunfo da vontade”**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

Lemo Lebendiges Museum Online. Disponível em: <https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/jugend-dient-dem-fuehrer-um-1939.html>. Acesso em: 09 nov. 2020.

LIMA, Francisco Jozivan Guedes de. Biopolítica e Nazismo: Algumas Considerações a partir de Esposito e Foucault. **Revista Portuguesa de Filosofia** V.70, N.4, 2014. Disponível em: https://www.publicacoesfacil.pt/product.php?id_product=572. Acesso em: 28 de jun. 2021.

MAIOR, Heitor S., BELO, Mainara, PEDROSA, Thiago. **Dominação Carismática: Um Estudo Sobre a Liderança de Hitler na Ascensão do Nazismo.** Pernambuco, p. 1-21, dez. 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.br/handle/123456789/2479>. Acesso em 21 de jun. 2021.

MAZOWER, Mark. **Continente Sombrio: a Europa no século XX.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de; **A mentalidade hitlerista como se formou o ideário político nazista.** Id on Live Ver.Mult.Psic., Fevereiro/2020, vol. 14, n.49, p. 615-633. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2355/3656>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MICHAUD, Eric. “Soldados de uma idéia” Os jovens do Terceiro Reich. In: LEVI, Giovanni e SCHIMITT, Jean-Claude (org), **História dos Jovens 2 – A época contemporânea.** Trad. de Paulo Neves, Nilson Mulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 291-317.

SÁNCHEZ, Salvador Cayuela. **Biopolítica, Nazismo, Franquismo. Una Aproximación Comparativa.** Éndoxa: Series Filosóficas, n. o 28, 2011, pp. 257-286. UNED, Madrid. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:Endoxa-2011-28-5100&dsID=Documento.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e Destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios.** Trad. de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SEVERINO, A. J. **Educação, Ideologia e contra-ideologia.** São Paulo: EPU, 1986.

SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich, volume I: Triunfo e consolidação (1933 – 1939)**; Trad. de Pedro Pomar. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TONIOLO, Dip Aline; RIVAROLA, Cláudia. **Totalitarismo e o aniquilamento do ser humano**. s.d. Disponível em: TOTALITARISMO E O ANIQUILAMENTO DO SER HUMANO.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

VICENTE, Gabriele Alves; WITT, Marcos Antônio. A educação na Alemanha durante o Terceiro Reich e seu papel na doutrinação das crianças e jovens. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 71-87, jan. 2018. ISSN 2176- 8501. Disponível em: file:///C:/Users/perci/Downloads/1179-Texto%20do%20artigo-4398-1-10-20171006.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

VITKINE, Antoine. **Mein Kampf: A história do livro**. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – “Aqui você está compartilhando a carga. Uma pessoa hereditariamente doente custa em média 50 mil reichsmarks até os 60 anos de idade.” Pôster de 1935 mostram um alemão saudável carregando o fardo de manter os doentes mentais em instituições como aquela ao fundo. Esse tipo de propaganda almejava persuadir o povo da necessidade de esterilizar os deficientes mentais e, por fim, matá-los.



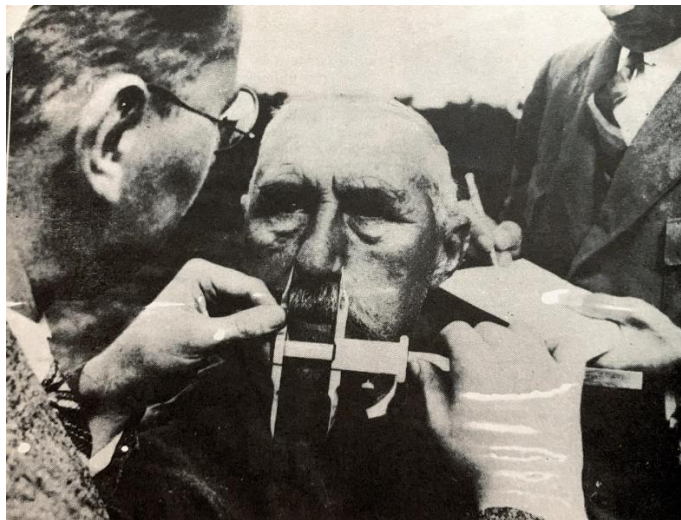
Fonte: EVANS (2011, p.460)

ANEXO B – Rostos que moldariam o futuro, e para os quais o futuro estava sendo moldado. A noção de uma elite ariana era fundamental para o tipo de nacionalismo social de Hitler.



Fonte: KOCH, (1973, p.97)

ANEXO C – A ignominiosa pesquisa das “origens duvidosas”. O medidor de nariz, ao qual alguns líderes nazistas não poderiam submeter-se.



Fonte: KOCH, (1973, p.58)

ANEXO D – “Os jovens de Adolf Hitler matriculam-se na escola não confessional”. Cartaz exortando os pais a tirar os filhos da educação gerida pela igreja.



Fonte: EVANS, (2011, p.454)

ANEXO E – “Se todos os jovens alemães fossem assim, não haveria necessidade de temermos pelo futuro.” Crianças de uma classe de escola primária em 1939.



Fonte: EVANS (2011, p.454)

ANEXO F – A capa do livro de canções da JH, como alegorias de marcha firme por caminhos espinhosos, empunhando os símbolos do operário e do camponês, seguindo a águia nacionalista alemã para os esplendores do futuro.



Fonte: KOCH, (1973, p.80)

ANEXO G - Hitler passa revista a suas futuras tropas, numa Escola Adolf Hitler, no Obersalzberg perto de Berchtesgaden.



Fonte: KOCH (1973, p.109)

ANEXO H – Numa comemoração do Partido Nazista em Coburg, na Alemanha, professoras e alunas fazem a saudação nazista. Os professores moldavam seus alunos para serem nazistas. Desde o primeiro dia de aula as crianças eram ensinadas a cumprimentarem com “Heil Hitler!”, e jurar a obediência a ele e a lembrá-lo nas orações.



Fonte: BARTOLETTI, (2006, p.43)

ANEXO I – Ginastas femininas na competição nacional organizada por Robert Ley. Os vencedores em cada modalidade eram recebidos por Hitler.



Fonte: Koch (1973, p.67)

ANEXO J – Hitler entre “suas” crianças e jovens, imediatamente após a deflagração da guerra, 1939.



Fonte: KOCH, (1973, p.88)